

Anderson Victor Barbosa Cavalcante

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO

teoria, conceito e sociedade



Editora
Ibict

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO

teoria, conceito e sociedade

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Luís Inácio Lula da Silva

Presidente da República

Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho

Vice-Presidente da República

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES

Luciana Barbosa de Oliveira Santos

Ministra da Ciência, Tecnologia e Inovações

Luis Manuel Rebelo Fernandes

Secretário Executivo

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Tiago Emmanuel Nunes Braga

Diretor

Cecília Leite Oliveira

**Coordenadora-Geral de Informação Tecnológica e Informação para a Sociedade
– CGIT**

Alexandre Faria de Oliveira

Coordenador-Geral de Tecnologias de Informação e Informática – CGTI

Washington Luís Ribeiro de Carvalho Segundo

Coordenador-Geral de Informação Científica e Técnica – CGIC

Gustavo Silva Saldanha

Chefe da Divisão de Editoração Científica – DIECI

Carlos André Amaral de Freitas

Coordenador de Administração – COADM

Ricardo Medeiros Pimenta

Coordenador de Ensino e Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação

Anderson Victor Barbosa Cavalcante

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO

teoria, conceito e sociedade



Esta obra é licenciada sob uma licença Creative Commons - Atribuição CC BY-NC-ND 4.0, sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que mencionada a fonte, de uso não comercial e sem derivações.

CONSELHO EDITORIAL

Gustavo Silva Saldanha | Milton Shintaku | Luana Sales | Franciele Garcês
Leyde Klebia Rodrigues da Silva | Stella Moreira Dourado | Daniel Strauch | Walisson Oliveira

COMITÊ EDITORIAL

Tiago Braga	Milton Shintaku
Henrique Denes	Cecília Leite Oliveira
Ricardo Pimenta	Leda Cardoso Sampson Pinto
Carlos André Amaral de Freitas	Marcel Souza
Alexandre Oliveira	Washington Segundo
Emanuelle Torino	Alexandre Faria de Oliveira

COMITÊ CIENTÍFICO

Ania Rosa Hernández Quintana – Universidad de La Habana, Cuba
Fernanda do Valle – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, União, Brasil
María Arminda Dams – Universidad Nacional de Misiones, Argentina
Martha Sabelli – Universidad de La República - Uruguay
Natalia Duque Cardona – Universidad de Antioquia, Colômbia
Vinícios Souza de Menezes – Universidade Federal de Sergipe, UFS, Brasil
Carlos Alberto Ávila Araújo – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil
Murilo Silveira – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil
Sonia Caregnato – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil
Marcia Regina – Universidade de São Paulo, USP, Brasil

EQUIPO TÉCNICO

Editor-chefe	Gustavo Silva Saldanha
Revisão	Walisson Oliveira; Daniel Strauch Ribeiro; Franciele Garcês, Jessiane Espírito Santo, Nicoli Fabiani Pereira
Diagramação	Daniel Strauch Ribeiro; Franciele Garcês
Normalização	Franciele Garcês; Stella Dourado
Capa	Franciele Garcês

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C377t Cavalcante, Anderson Victor Barbosa.
Teoria crítica da informação: teoria, conceito, sociedade / Anderson Victor
Barbosa Cavalcante. – Brasília : Editora Ibict, 2026.
186 p. : il.

Inclui Bibliografia.
Disponível em: <https://editora.ibict.br>.
ISBN Físico: 978-85-7013-213-0
ISBN Digital: 978-85-7013-214-7
DOI: <https://doi.org/10.22477/9788570132147>

1. Ciência da Informação. 2. Teoria crítica da informação. 3. Conceito de
informação. 4. Informação e sociedade. 5. Escola de Frankfurt. I. Título.

CDU 007

Bibliotecária: Stella Dourado - CRB-5/2013

Como citar:

CAVALCANTE, Anderson Victor Barbosa. **Teoria Crítica da Informação**: teoria, conceito e sociedade. Brasília: Editora Ibict, 2026. 186 p. DOI: <https://doi.org/10.22477/9788570132147>.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia ou do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Endereço: Ibict – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Setor de Autarquias Sul (SAUS), Quadra 05, Lote 06, Bloco H – 5º andar, CEP: 70.070-912 - Brasília, DF.

À **Solange Silvino da Silva**, minha razão maior de viver. Gratidão por tudo e por tanto.

A **Jhonatan Alisson Peres Barbosa**, meu companheiro de vida e de sonho, maior amor que meu coração conheceu. Gratidão por tudo e por tanto.

A **Jefferson Higino**, amigo-irmão, alma pensadora, irmã gêmea da minha. Gratidão por tudo e por tanto.

A ARTE DE AGRADECER

Ao destino, à vida, ao tempo

Ao destino, à vida e ao tempo – “esse grande escultor”, diria Marguerite Yourcenar –, minha terna e eterna gratidão.

À família, em especial, à minha mãe, Solange Silvino da Silva, e a Jhonatan Alisson Peres Barbosa, meu companheiro de vida e de sonho, os maiores amores que meu coração conheceu.

À vida e ao tempo, pela dureza e beleza dos acontecimentos. Pela dor e delícia das lições arrebatadoras. Pelos sonhos interrompidos e possíveis. Pelas muitas voltas que a vida dá – “morri e renasci muitas vezes”, parafraseando Gustave Flaubert. Pelos começos e recomeços inesquecíveis. Pelas muitas vezes que “fiz das quedas passos de dança”, parafraseando Fernando Sabino. Sem dúvida, de muitas e inúmeras maneiras, conheci “a vida em suas verdades mais essenciais”, parafraseando Manuel Bandeira.

Aos mestres, com carinho

Com especial carinho, ao Prof. Edivânio Duarte de Souza, pela generosidade sem par, pelos incentivos mil e pelas lições sem fim, minha terna e eterna gratidão – sem a sua força, garra e determinação esse sonho teria se perdido no infinito. Com carinho de especial grandeza, à Prof.^a Leilah Santiago Bufrem, das pessoas mais generosas, companheiras e carinhosas que meu coração conheceu – sem a sua força, incentivo e palavras esse sonho teria resvalado no interminável. Ao querido Prof. Washington Medeiros e à inesquecível Prof.^a Francinete Fernandes, a ambos gratidão por tudo e por tanto. Se cheguei até aqui, “se cheguei a ver mais longe, foi por estar sobre os ombros de vocês, verdadeiros ombros de gigantes”, parafraseando Isaac Newton.

À academia, à ciência e à ANCIB, com júbilo

Ao curso de Arquivologia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da

Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UEPB), e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) por forjar o cientista, profissional e homem de razão sensível que sou, minha gratidão e admiração em muitos níveis. À Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) pelo Prêmio de Melhor Tese de 2024, nem em meus melhores roteiros sonharia com algo assim.

Aos queridos amigos (de ontem, hoje e sempre)

Aos queridos amigos e irmãos de alma, Jefferson Higino, Marília Vital e Rose Paulino. A Jefferson, pela alegria, leveza e riqueza dos anos, dos dias e das horas; você inspira e/ou faz inspirar a muitos. À Marília Vital, por ontem, hoje e sempre; verdadeira irmã de alma sem par. À Rose Paulino, pela alegria, leveza e força de ser e de viver a vida e a nossa amizade; verdadeira companheira de todas as horas. E a outros tantos amigos que estas linhas não conseguem alcançar, mas conseguem abraçar.

Ao presente, ao futuro

Aos leitores e leitoras de hoje, de amanhã e de sempre, que esta obra, que estas palavras, possam tocá-los com frescor, consciência e reflexão. Aos mais interessados e/ou benevolentes, que se deixem invadir e, talvez, inspirar, tocar por ela. Aos leitores curiosos e/ou a quem interessar possa, que “vejam esta obra como a semente de arbustos melhores que nascerão no futuro”, parafraseando Machado de Assis. A todos (as), enfim, do presente, do futuro e de sempre, só posso lhes fazer uma confidência: “De todos os meus textos, este é o de que mais gosto. Poderia dizer que, assim como muitos pais, amo todos os filhos de minha reflexão, sem distinção. Mas, assim como muitos pais afetuosos, tenho em meu íntimo um filho predileto. E seu nome é TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO”, parafraseando Charles Dickens (Dickens, 2018).

Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem.
José Américo de Almeida

Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.
João Guimarães Rosa

Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.
Liev Tolstói

SUMÁRIO

DA TEORIA CRÍTICA À TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO.....	17
--	-----------

PREFÁCIO	25
-----------------------	-----------

Leilah Santiago Bufrem

CAPÍTULO 1.....	29
------------------------	-----------

TEMPOS CRÍTICOS, TEORIA CRÍTICA E INFORMAÇÃO: PONTO DE PARTIDA	
---	--

CAPÍTULO 2.....	35
------------------------	-----------

DA TEORIA TRADICIONAL À TEORIA CRÍTICA: UMA HISTÓRIA DO PENSAMENTO OCIDENTAL	
---	--

<i>A Modernidade e a Teoria Tradicional</i>	<i>35</i>
---	-----------

<i>Da Teoria Tradicional à Teoria Crítica</i>	<i>43</i>
---	-----------

CAPÍTULO 3.....	49
------------------------	-----------

TEORIA CRÍTICA: UMA BIOGRAFIA FRANKFURTIANA	
--	--

<i>Escola de Frankfurt: sua teoria, seu projeto, seu mundo</i>	<i>49</i>
--	-----------

<i>Fundamentos da Teoria Crítica de Frankfurt.....</i>	<i>58</i>
--	-----------

<i>A “invenção” frankfurtiana</i>	<i>62</i>
---	-----------

<i>O “método frankfurtiano”</i>	<i>65</i>
---------------------------------------	-----------

<i>Os “frankfurtianos”</i>	<i>69</i>
----------------------------------	-----------

<i>Primeira geração: a “geração de ouro”</i>	<i>71</i>
--	-----------

<i>Max Horkheimer</i>	<i>71</i>
-----------------------------	-----------

<i>Theodor Adorno</i>	<i>73</i>
-----------------------------	-----------

<i>Erich Fromm</i>	<i>74</i>
--------------------------	-----------

Friedrich Pollock	75
Leo Löwenthal	75
Herbert Marcuse	76
Walter Benjamin	77
Franz Neumann	78
Otto Kirchheimer	79
Segunda geração: o (s) “herdeiro (s) crítico (s)”	80
Jürgen Habermas	80
Terceira geração: a “Teoria Crítica hoje”	82
Axel Honneth	82
<i>Ecos da Teoria Crítica nas Ciências Sociais Aplicadas</i>	<i>83</i>

CAPÍTULO 4..... 89

DA TEORIA MATEMÁTICA À TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: UMA HISTÓRIA DO PENSAMENTO INFORMACIONAL

<i>Ciência da Informação: uma ciência entre tradições e travessias teóricas</i>	<i>89</i>
<i>Teoria Tradicional e Teoria Matemática da Informação</i>	<i>101</i>
<i>Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação</i>	<i>106</i>

CAPÍTULO 5..... 113

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: ESTUDOS E SOCIEDADE

<i>Teoria Crítica e Sociedade</i>	<i>113</i>
<i>Teoria Crítica e Ciência da Informação</i>	<i>122</i>
<i>Sínteses hermenêuticas</i>	<i>125</i>

CAPÍTULO 6..... 129

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: UM CONCEITO PARA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

<i>Teoria Crítica da Informação: conceito em aberto</i>	<i>129</i>
---	------------

Construindo um conceito de Teoria Crítica da Informação..... 132

CAPÍTULO 7..... 137

**TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO HOJE E AMANHÃ:
PONTO DE CHEGADA, NOVOS PONTOS DE PARTIDA**

REFERÊNCIAS 142

APÊNDICE..... 163

*Apêndice A: Ecos da Teoria Crítica de Frankfurt em Ciência da
Informação (2001-2022): teóricos, teorias e modelos críticos nos
estudos informacionais a partir de uma literatura crítica aberta**

..... 163

SOBRE O AUTOR 185

DA TEORIA CRÍTICA À TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO

Alguns acontecimentos que marcaram a época do nascimento e desenvolvimento da Teoria Crítica e que inscreveram no horizonte a possibilidade de nascimento de uma Teoria Crítica da Informação

Virada Século XIX/XX	Era de Ouro do <i>Capitalismo Avançado</i> (do capitalismo industrial ao capitalismo financeiro). Era de Ouro da <i>Belle Époque</i> (período marcado por grandes inovações e transformações, das Ciências às Artes). O racionalismo/cientificismo, via <i>positivismo</i>, ronda(m) o imaginário social e científico, das Ciências às Artes. Em 12 de fevereiro, em Stuttgart, Alemanha, nasce <i>Max Horkheimer</i>, uma das lendas da primeira geração da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt.
1895	Em 12 de fevereiro, em Stuttgart, Alemanha, nasce <i>Max Horkheimer</i>, uma das lendas da primeira geração da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt.
1914	Nos Estados Unidos, surge o <i>fordismo</i>, método de produção em massa, um dos símbolos modernos do capitalismo avançado, pelas mãos e cérebro do Henry Ford. Seu lema: “máxima produtividade, mínimo custo”.
1915	Nos Estados Unidos, <i>Nascimento de uma nação</i>, de David Griffith, é lançado no cinema. Filme é visto como primeiro-longa metragem, primeira

	superprodução de Hollywood, marco da <i>Era de Ouro do Cinema</i> .
1917	Eclode a <i>Primeira Guerra Mundial</i> (1914-1918), também conhecida como “Grande Guerra” ou “Guerra das Guerras” até então.
1919	Instaura-se a <i>República de Weimar</i> , Alemanha (1919-1933). Experiência republicana e democrática de Estado na Alemanha, no pós-Segunda Guerra Mundial.
1920	A Paris dos anos 1920 vira exílio e pátria da <i>Geração Perdida</i> , no pós-Primeira Guerra Mundial. Geração de Hemingway, Fitzgerald, Gertrude Stein, Joyce, Picasso, Salvador Dalí e outros(as).
1922	Nos Estados Unidos, nasce a <i>Era de Ouro do Rádio</i> . Veículo se populariza como meio de comunicação de massa e entretenimento.
1923	Benito Mussolini toma o poder de assalto na Itália (1922-1939). Instaura-se o <i>fascismo</i> , experiência totalitária de Estado na Itália, no pós-Primeira Guerra Mundial.
1929	Em 12 de fevereiro, em Frankfurt, Alemanha, nasce a <i>Escola de Frankfurt</i> . Felix Weil, herdeiro-milionário marxista, Carl Grünberg, professor marxista, e Max Horkheimer, filósofo marxista, são seus fundadores. Josef Stalin toma de assalto o poder na Rússia (1924-1954). Instaura-se o <i>stalinismo</i> , experiência de Estado na Rússia, pós-Primeira Guerra Mundial e pós-Revolução Russa (1917).

	Nos Estados Unidos, ocorre a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, também conhecida como <i>Crise de 1929</i> ou <i>Grande Depressão</i>. Em 18 de junho, em Düsseldorf, Alemanha, nasce <i>Jürgen Habermas</i>, um dos expoentes da “segunda geração” da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. O escritor americano Ernest Hemingway, Nobel de Literatura (1954), publica <i>Adeus às Armas</i>, uma de suas obras-primas, um libelo antiarmas/antiguerras.
1933	Hitler toma de assalto o poder na Alemanha (1933-1945). Instaure-se o <i>nazismo</i>, experiência totalitária de Estado na Alemanha, após a queda da República de Weimar. Alvos do nazismo, Thomas Mann, Hannah Arendt, Bertolt Brecht, Billy Wilder, Albert Einstein, dentre outros cientistas, artistas e intelectuais deixam o país para trás. Somados a eles, Max Horkheimer, Eric Fromm, Walter Benjamin, dentre outros intelectuais da Escola de Frankfurt, também deixam o país. Os Estados Unidos tornam-se exílio e pátria de quase todos eles(as) durante o nazismo e o entreguerras.
1934	Com a Áustria invadida pelos nazistas, Sigmund Freud deixa o país. Na Alemanha, somados aos colegas de Frankfurt, Theodor Adorno rumo ao exílio.
1936	<i>Tempos modernos</i>, de Charles Chaplin, ganha as telas do cinema – filme faz uma crítica ao capitalismo.
1937	Max Horkheimer publica <i>Teoria Tradicional e Teoria Crítica</i>, texto fundador da Teoria Crítica, teoria associada à Escola de Frankfurt.

1939	Eclode a <i>Segunda Guerra Mundial</i> (1939-1945).
1945	No Japão, as cidades de <i>Hiroshima</i> e <i>Nagasaki</i> são devastadas por bombardeios nucleares. Nos Estados Unidos, o cientista americano Vannevar Bush publica <i>As we may think</i> (Como podemos pensar), marco do campo da Ciência da Informação. Com o fim da <i>Segunda Guerra Mundial</i>, toma a cena a <i>Guerra Fria</i> (1945-1991), e com ela o mundo dividido entre o bloco capitalista e o bloco socialista.
1947	O escritor alemão Thomas Mann, Nobel de Literatura (1929), publica <i>Doutor Fausto</i> , uma de suas obras-primas, uma alegoria da Alemanha de Hitler.
1948	O cientista norte-americano Norbert Wiener publica <i>Cybernetics</i> (Cibernética), marco do campo da Ciência da Informação.
1949	Em 18 de julho, em Essen, Alemanha, nasce <i>Axel Honneth</i> , um dos expoentes da “terceira geração” da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. Nos Estados Unidos, os cientistas norte-americanos Claude Shannon e Warren Weaver publicam <i>The Mathematical Theory of Communication</i> (Teoria Matemática da Comunicação), ou, para alguns, simplesmente <i>Teoria Matemática da Informação</i> , marco teórico da Ciência da Informação.
1950	Nos Estados Unidos dos anos 1950, dá-se início a <i>Era de Ouro da Televisão</i>. Veículo se populariza como meio de comunicação de massa e entretenimento. A Ciência da Informação dos anos 1950 se inclina, em termos amplos, aos estudos de recuperação da informação. No período, conferências científicas internacionais exercem influência sobre o campo,

	entre elas, a <i>International Conference on Scientific Information</i> (Conferência Internacional de Informação Científica) (1958).
1960	Eclodem Movimentos Estudantis na Alemanha dos anos 1960. Eclodem os Movimentos dos Direitos Civis nos Estados Unidos dos anos 1960. Eclodem Movimentos contra a Guerra do Vietnã nos anos 1960. A <i>Ciência da Informação</i> emerge como <i>disciplina científica</i> nos anos 1960. É o tempo da “era das conferências” históricas do campo, entre elas, as conferências do <i>Georgia Institute of Technology</i> (1961-1962), conhecidas como “Conferências do Georgia Tech”. Nesta fase, o campo se inclina, em termos amplos, aos estudos de recuperação da informação científica e técnica.
1966	Na União Soviética, o cientista Alexander Mikhailov e outros publicam <i>Informatika</i> ou, na tradução para o inglês, <i>Informatics – new name for the theory of scientific information</i> (Informática – novo nome para a teoria da informação científica), texto seminal para o campo e para o mundo soviético de Ciência da Informação.
1968	O conhecido <i>Maio de 1968</i> , movimento estudantil/civil, ganha as ruas de Paris. O <i>pensamento sistêmico</i> ronda o imaginário social e científico. Nos Estados Unidos, o cientista americano Harold Borko publica <i>Information Science: what is it?</i> (Ciência da Informação: o que é isto?), texto seminal que, segundo alguns, traz à luz a “definição clássica” de Ciência da Informação.

1970	A Ciência da Informação dos anos 1970 se inclina, em termos amplos, à(s) teoria(s) do cognitivismo e aos estudos de usuários e sistemas de recuperação da informação.
1980	A Ciência da Informação dos anos 1980 se inclina, em termos amplos, à(s) teoria(s) da Administração e aos estudos de organização e gestão dos “recursos” informacionais.
1989	Queda do Muro de Berlim. Alemanha e Mundo divididos agora são um só. Era da <i>globalização</i> .
1990	A Ciência da Informação dos anos 1990 se inclina, em termos amplos, à(s) influência(s) da globalização e do progresso tecnológico (popularização do computador e da Internet), que redesenham o mundo e os estudos do campo.
1997	Nasce o Google, maior buscador de dados e de informações da Internet, com mais de 694 mil buscas, por minuto, em todo o mundo.
2001	A Ciência da Informação do século XXI se inclina, em termos amplos, às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e ao acesso remoto dos repertórios informacionais, seus efeitos, desafios, dilemas. Novo milênio, novas “redes sociais”: Facebook (2004), Twitter (2006), WhatsApp (2009), Instagram (2010), entre outras no horizonte. Mundo e(m) crise: crises sanitárias, crises econômicas, emergências climáticas, guerras híbridas, crises humanitárias, entre outras no horizonte.

Ciência e(m) crise: de um lado, obscurantismo, revisionismo, negacionismo e ciência desacreditada; por outro, “marcha da ciência”, “ciência combate pandemia(s)”, “ciência é vida”, “ciência reacreditada” e mais.

Informação e(m) crise: fake news, desinformação, infodemia, pós-verdade, entre outras(os) no horizonte.

A Ciência da Informação do século XXI se inclina, gradualmente, à tradição da Teoria Crítica (teoria e teóricos), abrindo caminho para uma agenda de pesquisa fértil e atual, inscrevendo no horizonte a possibilidade de nascimento de uma *Teoria Crítica da Informação*.

PREFÁCIO

Leilah Santiago Bufrem

Ao prefaciар este livro, “Teoria Crítica da Informação: teoria, conceito e sociedade”, de Anderson Victor Barbosa Cavalcante, animo-me a ambição de “ver bem”, embora sem “ver tudo”, mas vendo “o que os outros não veem”, como afirma José Américo de Almeida, o autor de uma das epígrafes da obra. Entretanto, na impossibilidade de antecipar o “não visto”, pelos potenciais leitores, neste exercício, abrevio o já visto, como isca de leitura, no afã de atrair, mais do que indicar.

O cotidiano acadêmico na pós-graduação stricto-sensu fascina por motivações diversas, tais como o aprofundamento de estudos em campos distintos do conhecimento, especialmente caros aos envolvidos no processo de pesquisa, as problemáticas desafiantes, do ponto de vista social, pessoal ou profissional, por levantar expectativas quanto à formação docente e discente e, principalmente, pela aventura de construir conhecimento, aceitando-se o mútuo interesse existente na trajetória dos pesquisadores envolvidos. Assim, o convite ao prefácio, além do júbilo pessoal, atende as motivações acima, pois se origina da tese doutoral do Anderson, classificada em primeiro lugar entre as concorrentes ao Prêmio Ancib, da Categoria Doutorado, representando o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal da Paraíba, da UFPB. Para essa criação, contribuí como coorientadora privilegiada, em diálogo permeado pela curiosidade e o respeito ao cotidiano acadêmico, no percurso do trabalho, orientado pelo colega, professor doutor Edivanio Duarte de Souza. Pessoa de “generosidade sem par”, responsável por “incentivos mil” e por “lições sem fim”, como o descreve nosso jovem autor, fazendo justiça ao orientador pela contribuição ao aprofundamento das reflexões sobre a Teoria Crítica em sua compreensão das dinâmicas sociais e informacionais contemporâneas no campo da Ciência da Informação (CI). A relação entre orientadores e orientando permitiu o

desenvolvimento de uma pesquisa aprofundada e original, pois, nas veredas pressentidas durante a trajetória ousada, desde a ideia inicial, cujas aspirações partem de tempos críticos, de obscurantismos, revisionismos, negacionismos, individualismos, nacionalismos e “ismos” de toda ordem, Anderson nos convida a mergulhar no contexto trágico e desafiante das “crises” e emergências de todas as ordens, como “fatos alternativos desafiando fatos científicos”, “pós-verdades” e “fake news” contrapondo-se a verdades científicas e informações fatuais.

Contrapondo-se ao “pessimismo da razão”, a união da consciência das dificuldades com a determinação para agir gera o imperativo da análise crítica e realista das estruturas sociais e políticas. Anderson Victor reconhece, entretanto, as dificuldades e limitações impostas pela realidade, mas, talvez movido pelo otimismo da vontade, valoriza o movimento de nações ao “estenderem as mãos”, pela dignidade humana, pela “marcha” e “avanço” da ciência, sua sobrevivência e credibilidade. Desse modo, defende as virtudes da Teoria Crítica, reconhecida na obra como Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, assumindo a tarefa dialética e dialógica de traçar um diagnóstico crítico, analítico e vigilante do tempo presente, e de seus modos de superação, rumo aos horizontes de emancipação, de algum prognóstico de futuro.

Importa destacar inicialmente a importância da pesquisa e sua contribuição para o campo de estudo da Ciência da Informação, a qualidade e originalidade da obra. O autor explora os fundamentos da Teoria Crítica, sua evolução histórica e sua relação com a CI, demonstrando conhecimento sobre o tema e o objeto de estudo em seu contexto. Além de leitura de formação, consegue prover o leitor com aspectos emergentes para a intensificação das discussões entre pesquisadores e profissionais em prol de uma “compreensão mais profunda das questões informacionais contemporâneas.”

Ao mediar a interlocução entre seu leitor e a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt (TCF), Anderson estrutura sua obra questionando sobre o modo de entender uma “Teoria Crítica da Informação” à luz da Teoria Crítica de Frankfurt (TCF), no contexto da CI. Como hipótese, acredita na fecundidade dos encaminhamentos da TCF, tanto na sua dimensão epistemológica, relativa ao alcance e concepção da Ciência da Informação, quanto à informação e as coisas do campo informacional, no sentido de transcender projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas.

Ao iniciar pelo *Da Teoria Tradicional à Teoria Crítica*, Anderson oferece-nos uma concisa narrativa do pensamento ocidental, descrevendo a saga da tradição da Teoria Tradicional e da Teoria Crítica na história intelectual do pensamento ocidental, desde a Modernidade aos dias atuais da Escola de Frankfurt.

Em *Teoria Crítica: uma biografia frankfurtiana*, são apresentados os principais atores, os textos e os contextos da Teoria Crítica como sustentação do estudo realizado. São destacados episódios, teorias e teóricos representando a TCF, cuja força conceitual atravessa o curso dos tempos e dos campos científicos, das Ciências Sociais à Ciência da Informação.

Da Teoria Matemática à Teoria Crítica da Informação: um olhar sobre a história do pensamento informacional é o título do capítulo cujas reflexões sobre a CI transitam entre tradições e travessias teóricas, consideradas clássicas e dominantes, como a Teoria Matemática da Informação, e travessias teóricas emergentes e promissoras, a exemplo da Teoria Crítica da Informação.

Intitulado *Teoria Crítica da Informação: estudos e sociedade*, este capítulo descreve uma leitura como síntese sobre o atual “lugar” da Teoria Crítica na Ciência da Informação, seus reflexos e reflexões junto ao campo, via temáticas e estudos.

Quanto ao próximo capítulo intitulado *Teoria Crítica da Informação: um conceito para Ciência da Informação*, o autor oferece uma proposta de conceito de Teoria Crítica da Informação para o campo da Ciência da Informação. Desenvolve e apresenta sua própria ideia por meio de “um conceito de Teoria Crítica da Informação finito e aberto, inspirado na tradição da Teoria Crítica de Frankfurt”.

Como fecho do trabalho, o último capítulo, *Teoria Crítica da Informação hoje e amanhã: ponto de chegada, novos pontos de partida*, defende a atualidade da Teoria Crítica para pensar e repensar os tempos definidos em sua conformidade. Discute, valendo-se da Teoria Crítica, os tempos de crises, de tensões e de guerras, enfatizando, diante do exposto, a validade de conceitos como técnica, ciência, ética, ideologia, dialética, bem-estar social e emancipação social, entre outros aspectos da Teoria Crítica, para enfrentar os tempos críticos e, ousado dizer, os tempos acríticos. Defendendo sua tese e fundamentado nos mesmos delineamentos da Teoria Crítica, o autor a reconhece como trajetória válida para os encaminhamentos da Teoria Crítica da Informação, como

uma via promissora, dentre outras, para a Ciência da Informação se posicionar de forma clara e sustentada enquanto ciência social, “em termos mais humanos, sociais e crítico emancipatórios”.

Entre os destaques do livro, vale lembrar a exposição de uma linha do tempo, substancialmente voltada a acontecimentos marcantes do período do nascimento e desenvolvimento da Teoria Crítica, organiza-os, para favorecer a compreensão de suas causas, consequências e significados, no contexto específico de sua inscrição no horizonte analisado.

Na tentativa de finalizar, apesar da abertura infinita de discussões possíveis nas considerações finais, reitero o fascínio provocado pela exposição cuidadosa evidenciada no texto de Anderson, especialmente em momento favorável aos estudos epistemológicos, considerando-se as problemáticas desafiantes nessa dimensão. Defendendo a validade dos encaminhamentos da Teoria Crítica junto ao campo informacional, numa relação motivadora, o autor convida-nos a conceber e perceber a CI, a informação e as coisas do campo em termos mais crítico-reflexivos, dialéticos, dialógicos, humanísticos e emancipatórios. Essa concepção reafirma a condição de Ciência Social à CI, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas, como sugere o autor. Portanto, o convite à leitura da obra justifica-se diante do desafio representado pelo acompanhamento das expectativas quanto à formação discente e docente no processo de construção e acompanhamento da trajetória pedagógica, principalmente, da aventura de construir conhecimento, incentivando-se o mútuo interesse existente entre os participantes e reforçando a relevância e atualidade da teoria crítica, com suas raízes no marxismo e na Escola de Frankfurt. Ao analisar e questionar as relações de poder e estruturas sociais mantenedoras das desigualdades, a Teoria Crítica da Informação, nesta obra defendida, revela seu potencial de ir além de uma análise teórica, buscando fortalecer a relação entre teoria e prática, especialmente no contexto da transformação social. Assim, nos mobilizamos com o autor no sentido de “que as inquietações, os trajetos e as reflexões delineados por este estudo somem-se a outros e possam fundamentar o projeto e outras possibilidades de estudos críticos em Ciência da Informação”.

Recife, julho de 2025.

Capítulo 1

TEMPOS CRÍTICOS, TEORIA CRÍTICA E INFORMAÇÃO: PONTO DE PARTIDA

É preciso formar mentes críticas em tempos críticos.
Marlova Noleto¹

“Um dos pontos mais importantes da atualidade é focarmos no desenvolvimento de habilidades de análise crítica” (Harari, 2021, s.p.). “Pensamento crítico, uma das habilidades essenciais para economias e sociedades complexas, globalizadas e cada vez mais digitalizadas” (OCDE, 2019, s.p.). “Dominar o pensamento crítico, uma das principais habilidades a serem desenvolvidas pelos profissionais” (FEM, 2023, s.p.). “É preciso formar mentes críticas em tempos críticos” (Noleto, 2021, s.p.). “É preciso desenvolver o senso crítico dos educandos” (Morin, 2014, s.p.). “As universidades são uma fonte de perspectivas críticas” (Butler, 2020, s.p.). “Hoje, metade do mundo está online. É um momento para celebrar o quão longe chegamos, mas também uma oportunidade para refletir criticamente sobre o quanto ainda temos que percorrer” (Berners-Lee, 2019, s.p.). “Esta inteligência artificial é um ataque ao pensamento crítico” (Chomsky, 2023, s.p.). “O que as pessoas em geral realmente precisam é desenvolver uma mente crítica” (Harari, 2018, p. 231). “Espero que [se] leve a uma visão de Ciência da Informação apropriada a este século, que busca mais do que nunca um lugar onde possa ser reconhecida criticamente” (Capurro, 2020, p. 16). “Pensar social e crítico, pensar a teoria da informação como inseparável dos processos sociais, econômicos e políticos dos processos comunicacionais e informacionais” (Capurro, 2019, s.p.).

¹ Diretora da Unesco

Tudo isso são frases, excertos e paráfrases de indivíduos e organizações, filósofos e pensadores, cientistas e educadores, clássicos e contemporâneos, um resumo de tudo o que direta e indiretamente toca e/ou dialoga com a Teoria Crítica. Todos, sem exceção, cada um ao seu modo e ao seu tempo, porta-vozes de ideias e de ideais que nos fazem entender a necessidade do olhar crítico, do pensar crítico, do espírito crítico, da postura crítica, da reflexão crítica, da autocrítica, e, por extensão, de tudo o que direta e indiretamente toca e/ou dialoga com a Teoria Crítica, em todos os campos e tempos. Inclusive junto à Ciência da Informação, em particular, com a Teoria Crítica da Informação, com seu potencial para iluminar questões e desafios de nosso campo e de nosso tempo.

A Teoria Crítica da Informação, em termos amplos, busca discutir sem abandonar, avançar sem diminuir os feitos e efeitos da Teoria Matemática da Informação. Contudo, aquela busca ser mais e ir além desta. Teoria Crítica da Informação visa ser alternativa complementar desta. A rigor, Teoria Crítica da Informação busca inovar, atualizar e ampliar os horizontes na forma de ler, ver e entender a informação, as coisas do campo e a própria Ciência da Informação. Tudo em bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias, muito além de projeções fisicalistas, tecnicistas e positivistas.

Distantes de pretensões definitivas e inexoráveis, esforçamo-nos com este estudo, oriundo de tese de doutorado (Cavalcante, 2023) vencedora do Prêmio ANCIB² de 2024, a pensar e a problematizar o papel e o significado da Teoria Crítica da Informação junto à Ciência da Informação. Enveredamo-nos em discutir e reflexionar a Teoria Crítica da Informação como alternativa teórica complementar à Teoria Matemática da Informação – Teoria Crítica da Informação de base na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, no âmbito da Ciência da Informação. Lançamo-nos a desenvolver e apresentar uma proposição de conceito de Teoria Crítica da Informação a este campo do saber.

Com base em tudo isso, indo além, lançamo-nos a indagar: que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica, e de sua versão informacional, da Teoria Crítica da Informação, ante tempos críticos, de crises, de tensões e de guerras? Que lições nos cabe tirar ante questões e desafios de nosso

²Prêmio oferecido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

campo e do nosso tempo, questões e desafios que não param, que não cessam, tais como as “dores” e “delícias” da IA? Que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica da Informação ante questões e desafios tais como o obscurantismo, o revisionismo, o negacionismo, as *fake news*, a pós-verdade e a desinformação, entre outros, que desafiam nosso tempo e nosso campo? Estas e outras questões em torno do cenário em que se situam as articulações entre Teoria Crítica, Teoria Crítica da Informação e Ciência da Informação na atual conjuntura requerem reflexão e merecem investigação, cada vez mais inadiáveis e indispensáveis.

Em tempos assim, é preciso formar e informar mentes críticas a *ler, ver e entender* estes tempos críticos. É preciso retomar as tarefas da Teoria Crítica, também conhecida como Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. É preciso assumir a *tarefa* dialética e dialógica de traçar um *diagnóstico* crítico, analítico e vigilante do tempo presente, em busca de possíveis saídas, vias de superação, horizontes de emancipação, de algum *prognóstico* de futuro.

Os constructos de uma Teoria Crítica atualizada nos ajudam sobremaneira nesta tarefa, neste exercício de pensar, refletir e problematizar o sujeito humano nas diferentes esferas sociais da vida contemporânea. A Teoria Crítica nos ajuda, em termos amplos, a nos debruçar sobre as razões/ações que movem e coordenam os sujeitos em seus contextos cotidianos. Razões/ações que se manifestam de diferentes maneiras e de inúmeras formas, seja no plano coletivo ou individual, na esfera pública ou privada, nos contextos corporativo ou acadêmico/científico. Razões/ações que, nos contextos acadêmico e/ou científico, ganham vida e voz por meio de ações, discursos e/ou projeções da *Teoria Tradicional* e da *Teoria Crítica*, das Ciências Sociais à Ciência da Informação.

Se um dia vimos surgir o alvorecer de uma Filosofia Crítica, com Kant³, de uma Sociologia Crítica, com Marx⁴, e, mais tarde, o alvorecer

³Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Crítica da razão pura* (1781), *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento?”* (1783), *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788), dentre outras.

⁴Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *A ideologia alemã* (1932) (obra em coautoria com Engels), *Manifesto comunista* (1848) (obra em coautoria com Engels), *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852), *O capital* (1867), dentre outras.

de uma Pedagogia Crítica, com Paulo Freire⁵, e de uma Geografia Crítica, com Milton Santos⁶, dentre outras perspectivas críticas, se revela legítimo ensinar caminho semelhante junto à Ciência da Informação. Se revela legítimo ensinar ver surgir o alvorecer de uma *Ciência da Informação Crítica*, de uma *Teoria Crítica da Informação*, entre nós de Ciência da Informação e além – guardados os limites e as devidas proporções.

Posicionando-se a serviço da tradição/projeto da *Teoria Tradicional*, a ciência se projeta como vetor expressivo e propulsor de uma tradição tecnicista, finalista, útil. Como célula de um *mundo de administração das consciências e das coisas*, contexto estruturado e teleguiado, sem o saber, pelo império do poder, da técnica e do capital. Cujas estruturas favorecem a concepção e a validação de uma visão de mundo e de ciência técnica, objetiva, neutra, *empiricamente funcional*. Cujos resultados (in) diretamente favorecem mais a consolidação do *status quo*/do estado de coisas. Cujas estruturas, no contexto da Ciência da Informação, favorecem muito mais projeções inclinadas à *Teoria Matemática da Informação*.

Posicionando-se a serviço da tradição/projeto da *Teoria Crítica*, a ciência se projeta como vetor expressivo e propulsor de uma tradição dialética, dialógica e emancipatória. Como célula de um *mundo de emancipação possível das consciências e das coisas*, contexto estruturado *pela e para* evolução social e/ou emancipação social. Cujas estruturas favorecem a concepção e a validação de uma visão de mundo e de ciência que integra dimensão técnica e emancipatória, consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade, ciência *crítico-reflexiva*. Cujos resultados (in) diretamente favorecem mais a transformação do *status quo*/do estado de coisas. Cujas estruturas, no contexto da Ciência da Informação, favorecem muito mais projeções voltadas à *Teoria Crítica da Informação*.

⁵Paulo Freire (1921-1997). Educador e filósofo brasileiro. Obra (s) sugeridas: *Education for critical consciousness* (1965), *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Pedagogia da esperança* (1992), *Pedagogia libertadora* (1995), *Pedagogia da autonomia* (1996), dentre outras.

⁶Milton Santos (1926-2001). Geógrafo e pensador brasileiro. Prêmio Vautrin Lud em Geografia (1994), “Nobel da Geografia”. Obra (s) sugerida (s): *Por uma geografia nova* (1978), *Por uma outra globalização* (2000), *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI* (2001), dentre outras.

Entende-se que o tema se revela válido e atual ao campo informacional, uma vez que a Ciência da Informação tem se notabilizado no âmbito das Ciências Sociais (Aplicadas) por seu forte interesse em se debruçar sobre sua história, sua gênese e seus fundamentos. Por sua busca incansável em conhecer-se melhor (epistemologicamente), em posicionar-se de forma mais sustentada (cientificamente), e em precisar-se melhor (conceitualmente, teoricamente, epistemologicamente). Por sua busca obstinada em inspirar, motivar e/ou conduzir estudos e estudiosos a se inquietar, discutir e mergulhar sobre “o que é” (Borko, 1968; Capurro, 1992; Araújo, 2014) e, sobretudo, sobre o que “pode ser” a Ciência da Informação (Buckland, 2012).

Em termos históricos, em sua trajetória de campo científico, diz-se que a Ciência da Informação tem se constituído mais na direção de projeções matematizáveis/instrumentais (Araújo, 2003). Em sendo assim, tem se constituído mais na direção de uma *Ciência da Informação Tradicional*, de valorização do caráter objetivo, técnico, estratégico, funcional e empírico do fenômeno/objeto informação, de consolidação de uma visão positivista, funcionalista, pragmatista e tecnicista de Ciência da Informação (Borko, 1968; Brookes, 1980; Buckland, 1991; Bush, 1945; Shannon; Weaver, 1949; Wiener, 1948). Nesta direção, apesar de avanços, tem se constituído menos na direção de projeções crítico/emancipatórias. Em sendo assim, na direção de uma *Ciência da Informação Crítica*, de valorização do caráter subjetivo, humano, social e dialógico do fenômeno/objeto informação, de fortalecimento de uma visão humanística, hermenêutica e dialética de Ciência da Informação (Capurro, 2003, 2014; Hjørland, 2014; Shera, 1971).

Por tudo isso, fundamentamo-nos nos constructos teóricos do pensamento vivo e atual da Teoria Crítica, cuja força e potencial das ideias e dos teóricos já fora percebido, direta e/ou indiretamente, por estudos e estudiosos do campo da Ciência da Informação, no Brasil e no mundo.

Desde lado do Atlântico, exerce(m) influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, eventos e pesquisadores(as) do campo⁷.

⁷ No Brasil, influencia, particularmente, nomes como Maria Nélida González de Gómez e Clóvis Ricardo Montenegro de Lima, dentre outros grandes nomes, oriundos de renomados institutos de Norte a Sul do Brasil, a exemplo, destacadamente, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), da Associação Nacional de

Exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes eventos do campo, dentre os quais, o *Colóquio de Filosofia da Informação*, o *Colóquio Habermas*, ambos de organização, apoio e realização do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)/Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB)/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/Universidade Federal Fluminense (UFF)/Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), assim como o *Seminário Internacional de Estudos Críticos em Informação, Tecnologia e Organização Social*, de organização, apoio e realização do IBICT/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/International Center for Information Ethics (ICIE), dentre outros. Exercem ainda influência direta e/ou indireta sobre cursos livres/cursos de verão e de inverno do campo no Brasil, a exemplo da *Escola de Verão*, e *Escola de Inverno*, de organização, apoio e realização do IBICT/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) /CNPq, dentre outras iniciativas nacionais e mundo afora.

Ante tudo isso, em diálogo com o pensamento e os pensadores críticos de Frankfurt, este estudo se estrutura em oito seções, das quais estas reflexões iniciais erguem-se como o *ponto de partida*.

Valendo-se da Teoria Crítica, se busca iluminar o atual estado de coisas de nosso tempo, de crises, de tensões e de guerras, e sobretudo, de nosso campo informacional, de *fake news*, de pós-verdade e de desinformação. Se levanta, discute e atualiza a validade de conceitos como *técnica, ciência, ética, ideologia, dialética, bem-estar social e emancipação social*, entre outros conceitos caros à Teoria Crítica, para lançar luz aos desafios de nosso campo e de nosso tempo, de nossos tempos críticos.

Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Capítulo 2

DA TEORIA TRADICIONAL À TEORIA CRÍTICA: UMA HISTÓRIA DO PENSAMENTO OCIDENTAL

O capítulo em relevo constitui o ponto de partida do estudo. Viaja no tempo, notadamente à “Era das Luzes”, para, em sua interpretação, de um lado, iluminar as “raízes” do que se passou chamar de Teoria Tradicional e, de outro, trazer à lume o “florescer” do que se convencionou chamar de Teoria Crítica. De partida, o texto se volta aos indícios da chamada Teoria Tradicional, destacando seu projeto, seus pensadores e seus “limites”. Em seguida, avança no tempo, e apresenta a passagem da tradição da Teoria Tradicional para a tradição da Teoria Crítica, destacando, quanto a esta última, seu projeto, seus pensadores e seus horizontes possíveis.

A Modernidade e a Teoria Tradicional

Penso, logo existo
René Descartes

Horkheimer (1975) desenvolve sua Teoria Crítica estabelecendo uma clara oposição entre ela e a Teoria Tradicional. Ao longo de toda sua Teoria Crítica, teoria e obra homônima de Horkheimer (1975), se vê, a todo instante, claras distinções, sucedidas umas às outras, do *que é* Teoria Tradicional e do *que é* Teoria Crítica, seus *fundamentos*, seus *conceitos* e suas *tarefas*.

Segundo Horkheimer (1975), as origens da *Teoria Tradicional* remontam às origens da filosofia moderna, e nela, fundamentalmente a René Descartes⁸ (1973c; 1973b; 1973a), sua teoria, sua ciência e seu mundo.

Remontam, assim, aos tempos da *modernidade*⁹. Era de culto ao *conhecimento*¹⁰, do saber como fonte e explicação para tudo. Era de culto

⁸René Descartes (1596-1650). Filósofo, físico e matemático francês. Obra (s) sugerida (s): *Discurso sobre o método* (1637), *Meditações* (1641), *As paixões da alma* (1649), dentre outras.

⁹Na *modernidade*, o conhecimento, via razão e método científico, ergue-se em definitivo como resposta para tudo, enquanto manancial do saber (Burke, 2012; Chalmers, 1993; Ghiraldelli, 2008). Em *Princípios de filosofia do direito*, Hegel, chega a afirmar: “[...] o que é racional é real, e o que é real é racional [...]” (Hegel, 1997, p. 36). Trata-se de uma das eras de ouro do pensamento racional e científico. Era em que a ideia de indivíduo, de sociedade, de ciência, de economia e de arte, assume configurações próprias, genuínas e distintas. Assume manifestações inscritas nas ideias do iluminismo, capitalismo, racionalismo, empirismo, experimentalismo, funcionalismo, através de mentes de pensadores como Locke, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Kant e outros (Burke, 2012; Chalmers, 1993; Ghiraldelli, 2008; Ianni, 1989, 2004). Com a entrada na modernidade, os ventos sopravam a favor do espírito científico e racional, o clima intelectual era amplamente favorável. Da filosofia à economia se buscava integrar raciocínio filosófico ao científico, elevando-os a condição de exercícios inerentes ao indivíduo. Tudo isso, no esforço, sobretudo, de se comprovar teses negadas pelo poder de outrora, período conhecido como idade e/ou era das “trevas intelectuais”, período em que a Igreja exercia seu poder implacável sobre o mundo e os homens.

¹⁰O *conhecimento científico* moderno e ocidental não surge soberano ao acaso. Surge em meio a uma sucessão de fases, gerações e acontecimentos da história da humanidade (Chalmers, 1993; Ianni, 1989, 2004; Burke, 2012). O culto do conhecimento se inscreve em diversos momentos da história da civilização ocidental. Desde a *antiguidade*, com a cultura oral da *ágora* grega, o conhecimento é considerado entre nós em elevada conta (Vernant, 2000; Ghiraldelli, 2008). Dos *renascentistas*/ *humanistas* – os primeiros filósofos, cientistas e artistas a dar um caráter quase que inteiramente secular à filosofia, às artes e à ciência, nos séculos XIV a XVII – vem a vitória decisiva da razão, de sua visão de mundo e do conhecimento científico, sobre a Igreja, sua visão de mundo e de *conhecimento teocientífico* – tipo de conhecimento situado na intrincada relação entre pensamento, ciência e religião, muito em voga na Idade Média (Ghiraldelli, 2008). Deles, o conhecimento científico lega e/ou ganha identidade própria, amplia seus domínios e inicia sua era de poder e influência entre nós, algo sem precedentes na história da humanidade; era de ideias fundadoras como *heliocentrismo*, *racionalismo* e *empirismo*; era de pensadores fundamentais como Galileu Galilei, Kepler, Baruch, Spinoza, Hobbes, Bacon, Newton, entre outros (Chalmers, 1993; Ghiraldelli, 2008; Burke, 2012). Em definitivo, coube aos *iluministas* destronar a Igreja do poder soberano sobre o pensamento, a política e a cultura ocidental. Coube a eles trazer luz aos indivíduos, dar-lhes autonomia de pensar e agir, restituir-lhes o conhecimento, o fogo de Prometeu (Ésquilo, 2004).

ao *método* científico, do método como meio de fonte do saber. Era de ode ao *iluminismo*, do movimento em defesa do método, da razão e do saber acima de tudo. Tempos do *empirismo*¹¹, corrente de culto à experiência como fonte de todo o saber. Tempos de culto ao *método indutivo*¹². Tempos do *mecanicismo*¹³, versão do empirismo, corrente de culto à experiência como fonte do saber, corrente de culto ao método indutivo (Burke, 2012; Chalmers, 1993; Ghiraldelli, 2008). Era de culto sobretudo ao *racionalismo*, corrente cartesiana de culto à razão como fonte de todo o saber. Era de culto à *ciência dedutiva*¹⁴, ou seja, de culto ao cartesianismo (Descartes, 1973c; 1973b; 1973a), e nele, de culto à Teoria Tradicional, segundo a gramática horkheimiana.

Descartes está talvez para o pensamento moderno assim como Platão¹⁵ está para o pensamento antigo, tamanho seu êxito e feitos atemporais. Por uns, Descartes fora censurado e banido à força e sabre. Luís XIV, por exemplo, banuiu o ensino de sua filosofia em França, em XVII. A Igreja, na mesma direção, banuiu sua filosofia e seus livros ao *Index*¹⁶, em XVII. A Universidade/Academia, em direção semelhante, em algumas partes da Europa, censurou sua filosofia e obra por gerações, até XVIII. Tudo isso, devido à sua filosofia desafiar o estado de coisas e de

¹¹Ideia (s) alusiva (s) ou de inspiração em Francis Bacon (1561-1626). Filósofo e pensador inglês. Obra (s) sugerida (s): *Novum Organum* (1620), dentre outras. Para Bacon e seu *método indutivo*, é a experiência, e não a razão, a fonte do saber, assim, a compreensão do que é real e do que não é, se dá por meio dos cinco sentidos e não da razão.

¹²*Ciência, raciocínio e/ou método indutivo*, na perspectiva baconiana, constitui a ciência/o raciocínio/o método em que *da premissa particular chega-se à conclusão universal*.

¹³Ideia (s) alusiva (s) ou de inspiração em Thomas Hobbes (1588-1679). Filósofo e pensador inglês. Obra (s) sugerida (s): *Os elementos da lei natural e política* (1642), *Leviatã* (1651), dentre outras. Para Hobbes e seu *método indutivo*, em linha com o empirismo baconiano, é a experiência, e não a razão, a fonte do conhecimento, assim, se entende o que é real e o que não é, por meio dos cinco sentidos e não da razão.

¹⁴*Ciência, raciocínio e/ou método dedutivo*, na perspectiva cartesiana, constitui a ciência/o raciocínio/o método em que *da premissa universal (ponto de partida) chega-se à conclusão particular (ponto de chegada)*.

¹⁵Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.). Filósofo e pensador grego. Obra (s) sugerida (s): *Teeteto (ou Do conhecimento)* (aproximadamente 369 a.C.), *A República* (aproximadamente 380 a.C.), *O Banquete* (aproximadamente 380 a.C.), *Fédon* (aproximadamente 385 a.C.), dentre outras.

¹⁶*Index*, a rigor, significa o equivalente em latim de *índice* e/ou lista de livros proibidos pela Igreja Católica de Roma, em vigência a partir do século XVI (Braudel, 1995; Chartier, 1988).

ideias hegemônicas de então. Contudo, por outros, Descartes fora exaltado e celebrado em ciência, verso e prosa. Celebrado como “primeiro filósofo moderno” ou “pai da filosofia moderna” por seus contemporâneos e além. Exaltado como verdadeiro “herói”, pelos iluministas, em XVII. Reverenciado como “revolucionário”, pelos enciclopedistas¹⁷, em XVIII. De tempos em tempos, Descartes é resgatado e revisitado, em leituras e releituras, por diversos campos e áreas. Desde a modernidade, talvez nenhum outro foi maior. Desde então, todos os caminhos da ciência e do saber levam a Descartes, seja para dele discordar, ou seja, para com ele concordar (Burke, 2012; Chalmers, 1993; Gaukroger, 1999).

Em termos biográficos, Descartes é descrito fundamentalmente como “pensador ousado”, “homem de ação” e “polímata¹⁸” como poucos. Em termos de influências intelectuais, diz-se, distanciou-se do pensamento aristotélico¹⁹, inclinou-se, em momentos distintos, ao ceticismo, ao mecanicismo e às tendências naturalistas de seu tempo. Em termos de legado, versado em vários campos, deu sua contribuição à geometria, à física, à filosofia, à metafísica e além. Em vida, tomou contato e/ou fora contemporâneo de grandes ideias e de grandes pensadores da história do mundo e do ocidente. No campo das ideias, tomou contato e/ou fora contemporâneo do iluminismo, capitalismo, liberalismo, utilitarismo, empirismo, experimentalismo, mecanicismo, entre outras mais. No rol dos pensadores, tomou contato e/ou fora contemporâneo de grandes nomes das humanidades, como Espinosa²⁰,

¹⁷Dentre os quais, destacadamente Jean D’Alembert (1717-1783), filósofo, matemático e enciclopedista francês (Gaukroger, 1999).

¹⁸*Polímata* constitui uma expressão cunhada em meados do século XVII para se referir a um indivíduo versado em vários campos, que domina e/ou se interessa pelos mais diversos assuntos e áreas (Burke, 2020).

¹⁹Ideia (s) alusiva (s) ou de inspiração em Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). Filósofo e pensador grego. Obra (s) sugerida (s): *Metafísica* (aproximadamente séc. IV a.C.), *Poética* (aproximadamente entre 335 a.C./323 a.C.), *Política* (aproximadamente entre 350 a.C.), dentre outras. Grosso modo, para Aristóteles e sua *lógica aristotélica*, é o mundo sensível/mundo real, e não o mundo cognoscível/mundo das ideias platônicos, a fonte primeira de todo saber e de todas as coisas, assim, a compreensão do que é real e do que não é, se dá por meio das coisas/dos cinco sentidos e não das ideias.

²⁰Baruch Espinosa ou Benedictus Espinoza (1632-1677). Filósofo e pensador holandês. Obra (s) sugerida (s): *Ética* (1677), *Tratado da reforma do entendimento* (1677), *Tratado político* (1677), dentre outras.

Locke²¹, Bacon²² e Hobbes²³, de grandes nomes da astronomia e da matemática, como Kepler²⁴, Galileu²⁵, Newton²⁶ e Pascal²⁷, e de grandes nomes das artes e da literatura, como Cervantes²⁸, Shakespeare²⁹,

²¹John Locke (1632-1704). Filósofo e pensador britânico. Obra (s) sugerida (s): *Ensaio acerca do entendimento humano* (1689), dentre outras. Em termos amplos, é dito que a tríade de pensadores britânicos composta por John Locke, Francis Bacon e Thomas Hobbes, cada um ao seu modo e ao seu tempo, manteve uma relação de aproximação e de distanciamento com a filosofia de René Descartes. Distanciavam-se de Descartes em termos de caminho filosófico, pois defendiam o empirismo, ao passo que o filósofo francês defendia o racionalismo como fonte de todo saber. Aproximavam-se de Descartes quanto ao horizonte comum que os unia, quanto à ideia presente em todos eles de que o homem é um ser dotado de razão, capaz de sondar e de experimentar o mundo (Burke, 2012; Chalmers, 1993; Chaui, 2000; Gaukroger, 1999).

²²Francis Bacon (1561-1626). Filósofo e pensador britânico. Obra (s) sugerida (s): *Novum Organum* (1620), dentre outras. Conforme mencionado anteriormente, é dito que a tríade de pensadores britânicos composta por Francis Bacon, John Locke e Thomas Hobbes, cada um ao seu modo e ao seu tempo, manteve uma relação de aproximação e de distanciamento com a filosofia de René Descartes (Burke, 2012; Chalmers, 1993; Chaui, 2000; Gaukroger, 1999).

²³Thomas Hobbes (1588-1679). Filósofo e pensador britânico. Obra (s) sugerida (s): *Leviatã* (1651), dentre outras. Conforme dito acima, é dito que a tríade de pensadores britânicos composta por Thomas Hobbes, Francis Bacon e John Locke, cada um ao seu modo e ao seu tempo, manteve uma relação de aproximação e de distanciamento com a filosofia de René Descartes (Burke, 2012; Chalmers, 1993; Chaui, 2000; Gaukroger, 1999). Conta-se que Descartes e Hobbes chegaram a se conhecer pessoalmente, em viagem rumo à França, na primavera de 1647 (Gaukroger, 1999).

²⁴Johannes Kepler (1571-1630). Astrônomo e matemático alemão. Obra (s) sugerida (s): *Astronomia nova* (1609), dentre outras.

²⁵Galileu Galilei (1564-1642). Cientista, físico astrônomo e pensador italiano. Obra (s) sugerida (s): *O mensageiro das estrelas* (1610), dentre outras. Diz-se que Descartes retardou tornar públicas algumas de suas ideias e feitos ao tomar conhecimento da condenação de Galileu pela Santa Inquisição da Igreja Católica, em 1633 (Gaukroger, 1999).

²⁶Isaac Newton (1643-1727). Matemático, físico astrônomo e pensador britânico. Obra (s) sugerida (s): *Princípios matemáticos da filosofia natural* (1687), *Um tratado sobre o sistema do mundo* (1687), *Óptica* (1704), *O método de fluxões e séries infinitas* (1736), dentre outras.

²⁷Conta-se que Descartes e Pascal chegaram a se conhecer pessoalmente, em mesma ocasião em que o filósofo francês conhecera Hobbes, em viagem rumo à França, na primavera de 1647 (Gaukroger, 1999).

²⁸Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616). Romancista, dramaturgo e poeta espanhol. Obra (s) sugerida (s): *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha* (1605), dentre outras.

²⁹William Shakespeare (1564-1616). Dramaturgo e poeta britânico. Obra (s) sugerida (s): *Romeu e Julieta* (1597), *Hamlet* (1599-1601), *Rei Lear* (1606), dentre outras.

Racine³⁰ e Molière³¹, entre outros mais. Todos, assim como o próprio Descartes, nomes que o pensamento humanístico, filosófico, político e literário europeu e ocidental consagrou (Bloom, 2003, 2011; Burke, 2012, 2020; Chalmers, 1993; Gaukroger, 1999).

Decerto, Descartes é um dos maiores de seu tempo. Seu nome dá título à forma de pensar de um tempo: “pensar modernamente” passou a significar inescapavelmente “pensar cartesianamente”, entre aproximações e distanciamentos. Seu nome passa a dar título à filosofia de um tempo. Ou seja, depois de Descartes, rótulos como “pensamento cartesiano”, “pensamento racionalista” ou mesmo “racionalismo” convertem-se, quase que inevitavelmente, em sinônimos, uma só coisa, um só corpo, um só espírito (Burke, 2012, 2020; Chalmers, 1993; Gaukroger, 1999).

O projeto/complexo cartesiano, em termos amplos, exprime uma visão de teoria, de ciência e de mundo racionalista, dedutiva, objetivista, mecanicista e neutra (Descartes, 1973c; 1973b; 1973a). Percebe o mundo e a ciência pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*. Entende *teoria* como hipótese a ser testada. Percebe o *cientista* como técnico, objetivo e neutro. Entende a *ciência* como ciência especializada e dedutiva, cujo fim primeiro e último é prover princípios os mais gerais possíveis, criar leis hipotéticas as mais variadas e ofertar explicação causal das coisas e dos fenômenos à nossa volta. Percebe o *método* como método observacional, sempre técnico, objetivo e neutro (capaz de realizar a tarefa de separação sujeito e objeto, entre objetivo e subjetivo, entre fatos e natureza, entre o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses)) (Descartes, 1973c; 1973b; 1973a; Horkheimer, 1975; Burke, 2012; Chalmers, 1993; Gaukroger, 1999).

Com os idos dos tempos, a teoria cartesiana passa a ser mais que *outra* maneira de se conhecer e perceber a ciência e o mundo à nossa volta. Passa a ser, na verdade, *a* maneira mais válida de se conhecer e perceber a ciência e o mundo à nossa volta. Por essa razão, por sua força, alcance e influência, cruza e vai além das fronteiras das ciências naturais

³⁰Jean Baptiste Racine (1639-1699). Dramaturgo e poeta francês. Obra (s) sugerida (s): *Alexandre, o Grande* (1665), *Andrômaca* (1667), *Fedra* (1677), dentre outras.

³¹Jean Baptiste Poquelin ou simplesmente Molière (1622-1673). Dramaturgo francês. Obra (s) sugerida (s): *Tartufo* (1664), *O misanтроpo* (1666), dentre outras.

e passa a invadir e influenciar o (s) território (s) das humanidades (Horkheimer, 1975).

É sobre essa influência que repousa a crítica de Horkheimer (1975). Descartes e seu célebre *Discurso do método* (1973a) são os alvos centrais da crítica horkheimiana em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (1975). Para Horkheimer (1975), dele (s) advém – de Descartes e de seu *Discurso do método* (1973a) – as origens da “Teoria Tradicional”, alvo central da crítica de Horkheimer (1975) (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

As origens da tradição da *Teoria Tradicional* remontam, pois, às origens da filosofia moderna, e nelas, a Descartes, assegura a crítica horkheimiana (HORKHEIMER, 1975). Mais tarde, remontam, se filiam ou se associam também às forças do positivismo e do neopositivismo de Comte³², Mach³³ e Popper³⁴ (1962), sustenta a crítica adorniana (Adorno, 1962, 1969).

Nesses termos, a Teoria Tradicional se caracteriza como debitária fundamentalmente, em termos originários, à teoria cartesiana, e, mais tarde, também debitária à teoria positivista, no contexto das humanidades (Adorno, 1962, 1969; Horkheimer, 1975).

Em termos conceituais, Teoria Tradicional significa, em linhas gerais, uma teoria do campo das humanidades, de cunho dedutivo, empirista, experimental, objetivista, positivista, tecnicista e neutro. Refere-se, fundamentalmente, a uma visão de mundo, uma ideia de *ciência*, uma ideia de *teoria*, uma ideia de *cientista* e uma ideia e/ou tradição *metodológica* marcadamente cartesiana e positivista no âmbito das ciências humanas (Adorno, 1962, 1969; Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008).

Epistemologicamente, grosso modo, Teoria Tradicional constitui uma tradição teórica/ideia de ciência/tradição metodológica de caráter filosófico, na perspectiva metafísica, cientificista, empirista, de inspiração fundamentalmente cartesiana, e, mais tarde, também

³²Augusto Comte (1798-1857). Filósofo francês. Obra (s) sugerida (s): *Curso de filosofia positiva* (1830), *Discurso sobre o espírito positivo* (1844), dentre outras.

³³Ernst Mach (1838-1916). Filósofo e físico austríaco. Obra (s) sugerida (s): *The analysis of sensations and the relation of the physical* (1886), *The science of mechanics* (1893), dentre outras.

³⁴Karl Popper (1902-1994). Filósofo austro-britânico. Obra (s) sugerida (s): *A lógica da pesquisa científica* (1934), *A miséria do historicismo* (1956), *Zur logik der sozialwissenschaften* (1962), dentre outras.

positivista (Adorno, 1962, 1969; Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008).

Em termos amplos, ao se pensar em Teoria Tradicional deve se ter em mente de que se está diante, dentre outras coisas, de uma *teoria que se reduz à aplicação técnica/objetiva/neutra do saber*. Sobre Teoria Tradicional, Horkheimer (1975, p. 131) versa em uma de suas passagens esclarecedoras:

A representação tradicional de teoria é abstraída do funcionamento da ciência, tal como este ocorre a um nível dado da divisão do trabalho. Ela corresponde à atividade científica tal como é executada ao lado de todas as demais atividades sociais, sem que a conexão entre as atividades individuais se torne imediatamente transparente. Nesta representação surge, portanto, não a função real da ciência nem o que a teoria significa para a existência humana, mas apenas o que significa na esfera isolada em que é feita sob as condições históricas. Na verdade, a vida da sociedade é um resultado da totalidade do trabalho nos diferentes ramos de profissão, e mesmo que a divisão do trabalho funcione mal sob o modo de produção capitalista, os seus ramos, e dentre eles a ciência, não podem ser vistos como autônomos e independentes (Horkheimer, 1975, p. 131, grifo nosso).

Em termos de fundamentos, ao se pensar em Teoria Tradicional deve se ter em mente de que se está diante de um quadro teórico objetivamente técnico, neutro e útil. Complexo teórico fundado em *releituras* de teorias fundamentais, dentre as quais, o *cientificismo*, o *racionalismo*, a *ciência dedutiva* e o *positivismo*. Cujas linhas teóricas foram tecidas por pensadores fundamentais, dentre os quais, Descartes, Popper e outros mais (Adorno, 1962, 1969; Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008).

Dentre os conceitos caros à Teoria Tradicional, destacam-se os conceitos de teoria, de ciência, de cientista, de método, dentre outros. Com base no plano cartesiano e do positivismo, a Teoria Tradicional percebe o mundo e a ciência pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*. A *noção tradicional de teoria* entende teoria como hipótese que se reduz à aplicação técnica/objetiva/neutra do saber. O *cientista tradicional* é um

cientista técnico, objetivo e neutro. A *noção tradicional de ciência* percebe a ciência como especializada e sobretudo autônoma, apartada da sociedade – escapa à Teoria Tradicional a função social real da ciência. A *noção tradicional de método* entende o método sempre técnico, objetivo e neutro (capaz de realizar a tarefa de separação entre objetivo e subjetivo, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses)). A *noção tradicional de realidade/fato social* percebe a realidade/fato social como objeto, como coisa, como objeto/coisa reificado. A *noção tradicional de emancipação* entende o interesse emancipatório como interesse extrínseco, ou seja, que está no exterior da Teoria Tradicional (Adorno, 1962, 1969; Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008).

Em síntese, sugere-se pensar as tessituras da Teoria Tradicional constituídas da seguinte maneira: Pensamento cartesiano + Lógica das ciências naturais + Ciência especializada + Positivismo + Colonização da lógica das ciências naturais sobre as ciências humanas e sociais + Ciência autônoma + Fenômeno social-come-coisa + Cientista social neutro/objetivo + Separação entre *ser* e *dever ser* + Separação entre objetivo e subjetivo + Separação entre dimensão técnica e dimensão emancipatória = Teoria Tradicional. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* da questão que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção da Teoria Tradicional.

Crítico da Teoria Tradicional, Horkheimer (1975) a opõe à Teoria Crítica. Para ele, Teoria Tradicional e Teoria Crítica são simetricamente distintas (Horkheimer, 1975). Para ele, a Teoria Crítica ergue-se como *projeto alternativo* à Teoria Tradicional (Horkheimer, 1975). Teoria Crítica cuja gênese e desenvolvimento, pelas mãos dele e de outros, remontam às origens da filosofia contemporânea, notadamente, à Escola de Frankfurt.

Da Teoria Tradicional à Teoria Crítica

As origens do que se convencionou chamar de *Teoria Crítica* canônica, remontam, grosso modo, às origens de uma das escolas de pensamento mais influentes do século XX: a Escola de Frankfurt.

De inspiração marxista e/ou “neomarxista” (Giddens, 2012), a Teoria Crítica, Teoria Crítica canônica ou Teoria Crítica da Escola de

Frankfurt, se caracteriza como debitária de Hegel e Marx, mas, sobretudo, de Marx (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008).

Em termos de autoria, atribui-se a Horkheimer o feito de tecer as grandes linhas do conceito canônico e consagrado de Teoria Crítica, em célebre artigo de 1937, intitulado *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*³⁵ (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008).

Horkheimer, por sua vez, recusa tal feito. Atribui todo o mérito a Marx, em seu célebre *O Capital*³⁶. Para ele, em Marx, sim, constam as primeiras linhas, esboços e traços inaugurais da Teoria Crítica. Ele próprio o confessa ao admitir que extrai de Marx e de sua obra a inspiração, as bases e os princípios fundamentais para elaborar seu conceito de Teoria Crítica. Diz-se, assim, que Marx lançou as bases, e Horkheimer forjou a Teoria Crítica, em verdade, em conceito, em teoria. Teoria por ele conceituada e por meio dele difundida, sempre associada à Escola de Frankfurt. Assim nasce a Teoria Crítica. Nasce com base nas ideias de Marx e pelas mãos de Horkheimer. Desde o princípio, erguida como *uma* e não *a* única teoria crítica social válida da história do pensamento ocidental (Horkheimer, 1975; Wiggershaus, 2002).

A Teoria Crítica passou a se somar a outras *Teorias Críticas* do pensamento ocidental, que, apesar das similaridades do nome, guardam em si configurações próprias e distintas umas das outras. Teorias Críticas, conforme o próprio título antecipa, são muitas, múltiplas e plurais. Na história do pensamento ocidental, se observam inúmeras delas, de várias bases, correntes e tendências, um rol de teorias críticas sociais. Se observam, por exemplo, Teorias Críticas, ao seu modo e ao seu tempo, atravessadas, de um lado, por princípios *progressistas*, e, de outro, por princípios *conservadores* (Wiggershaus, 2002). Se observam ainda, por exemplo, dentro de um mesmo campo, o campo progressista, de um lado, Teorias Críticas calcadas em *meras utopias*, e, de outro, Teorias Críticas de Horkheimer e Frankfurt, com sua *complexidade, historicidade e*

³⁵HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. (Orgs.). *Textos escolhidos* (Coleção Os pensadores, volume XLVIII). Rio de Janeiro: Abril cultural, 1975.

³⁶Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *O capital* (1867) (livros 1, 2 e 3), dentre outras.

tensão marcantes (Bezerra, 2019). Se observam também, por exemplo, Teorias Críticas baseadas em fundamentos distintos, umas afinadas ao *materialismo histórico* (Hegel, Marx, Gramsci), outras alinhadas às *sociologias da cultura e do conhecimento* (Bourdieu, Certeau), algumas inclinadas à *Teoria Crítica de Frankfurt* (Horkheimer, Habermas, Honneth), e assim por diante (Marteleto, 2019). Tudo isso evidencia, em linhas gerais, o amplo arco, rol e/ou mosaico de teorias críticas – em tons, cores e colorações – que atravessam a história do pensamento ocidental.

Teoria Crítica em maiúsculo, como substantivo, enquanto conceito próprio, claro e sistematicamente definido, emana de Horkheimer e da Escola de Frankfurt. Assim nasceu, cresceu e se desenvolveu esse conceito e essa teoria social crítica. Assim a Teoria Crítica entrou para o cânone do pensamento ocidental. Tendo inspiração nas ideias de Marx, tecida pelas mãos de Horkheimer, e tendo por berço a Escola de Frankfurt.

Tão logo surge, a Teoria Crítica de Frankfurt se sobressai ante as demais em alcance e audiência. Converteu-se em “sinônimo” de Teoria Crítica. Tornou-se o “rosto”, a teoria-símbolo, de toda uma tradição crítica ocidental, diversa e plural por natureza, mas que nela representados, ganha corpo, forma, identidade e influência sem precedentes. Ao se pensar em Teoria Crítica, passou-se a vir à mente a Teoria Crítica de Frankfurt.

A grande marca da Teoria Crítica é, dentre outros aspectos, se situar “dentro da tradição marxista aberta a numerosos contatos” (Wiggershaus, 2002, p. 689). É se situar como teoria antidominação (projeto marxista), teoria interdisciplinar da sociedade (do projeto horkheimiano), teoria antissistêmica (projeto adorniano), teoria crítica atualizada da sociedade (projeto habermasiano). É se destacar por tecer teorias críticas para pensar e discutir a vida em coletividade ante os avanços do capitalismo avançado, dos blocos econômicos às estruturas infocomunicacionais das sociedades, dos antagonismos produzidos às vias de emancipação social possíveis, dentre outros (Horkheimer, 1975; Wiggershaus, 2002).

Em termos amplos, Teoria Crítica significa um “grupo de intelectuais”, um “movimento intelectual” (Jay, 2008) e uma “teoria crítica social” (Wiggershaus, 2002). Em tudo inclinada a pensar a vida em coletividade ante os avanços do capitalismo (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002). Refere-se,

fundamentalmente, a uma visão de mundo e de *ciência*, uma ideia de *teoria*, uma ideia de *cientista*, uma ideia e/ou tradição *metodológica*, marcadamente (neo) marxista (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002; Giddens, 2012).

Epistemologicamente, em linhas gerais, Teoria Crítica se constitui como círculo/movimento/teoria de caráter filosófico e social, dialético e dialógico, de inspiração profundamente (neo) marxista. Erguida nestes termos, se notabiliza, pois, por tecer *teorias críticas* para se pensar, reflexionar e problematizar o sujeito humano e a sociedade ante os avanços do poder do capital (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002).

Nesses termos, ao se pensar em Teoria Crítica deve se ter em mente de que se está diante, a um só tempo, de um *projeto teórico*, um *movimento intelectual* e um *círculo de críticos* de primeira hora do império do poder do capitalismo avançado.

Em termos de fundamentos, ao se pensar em Teoria Crítica deve se ter em mente de que se está diante de um quadro teórico histórico-crítico, desenhado e fundado sob *releituras* de teorias e de pensadores fundamentais, dentre os quais, de Marx fundamentalmente, assim como, dentre outros, de Kant³⁷, Hegel³⁸, Freud³⁹ e Schopenhauer⁴⁰ complementarmente (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Dentre os conceitos caros à Teoria Crítica, destacam-se os de teoria, de ciência, de método e outros mais. A *noção crítica de teoria* entende que a teoria integra dimensão técnica e dimensão emancipatória do saber. O *cientista crítico* é um cientista consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. A *noção crítica de ciência* percebe

³⁷Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Crítica da razão pura* (1781), *Resposta à pergunta: "Que é Esclarecimento"* (1783), *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788), dentre outras.

³⁸Georg Hegel (1770-1831). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Fenomenologia do espírito* (1807), *Princípios da filosofia do direito* (1820), *Filosofia da história* (1837), dentre outras.

³⁹Sigmund Freud (1856-1939). Médico e psicanalista austríaco. Obra (s) sugerida (s): *A interpretação dos sonhos* (1900), *Cinco lições de psicanálise* (1910), *O mal-estar na civilização* (1930) e *Por que a guerra?* (1933) (obra em coautoria com Albert Einstein), dentre outras.

⁴⁰Arthur Schopenhauer (1788-1860). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *O mundo como vontade e representação* (1819), *Dialética erística* (1831), *A arte de escrever* (1851), dentre outras.

a ciência como interdisciplinar e como parte da sociedade – a Teoria Crítica abraça a função social real da ciência. A *noção crítica de método* integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses). A *noção crítica de realidade/fato social* percebe a realidade/fato social como produtos sociais históricos, situados no espaço e no tempo. A *noção crítica de emancipação* entende o interesse emancipatório como interesse intrínseco, ou seja, que está no interior da Teoria Crítica (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

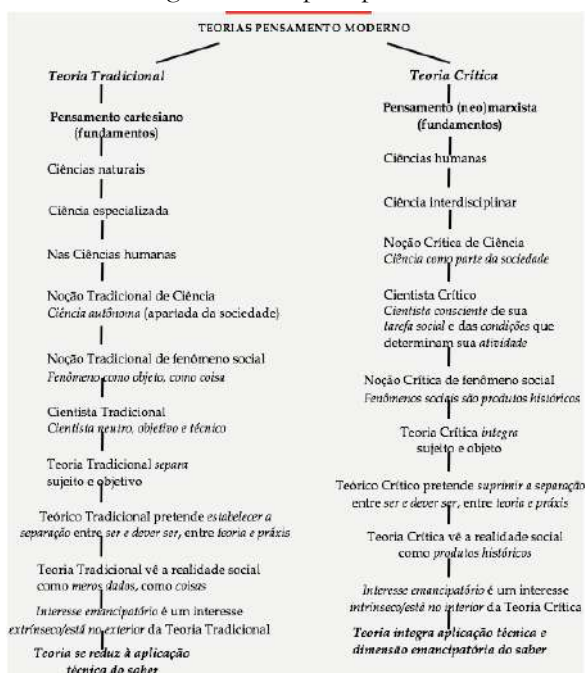
Em síntese, sugere-se pensar as tessituras da Teoria Crítica constituídas da seguinte maneira: Pensamento marxista + Ciência interdisciplinar + Ciência como parte da sociedade + Fenômeno social como produto histórico + Cientista consciente + Integração entre *ser* e *dever ser* + Integração entre objetivo e subjetivo + Integração entre dimensão técnica e dimensão emancipatória = Teoria Crítica. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* que fundamenta o interesse e atuação da Teoria Crítica.

De parte a parte, em termos de síntese, Teoria Tradicional e Teoria Crítica possuem visões profundamente distintas de teoria, de ciência e de mundo, entre outras coisas. Sobre *ciência*, enquanto a Teoria Tradicional percebe o mundo e a ciência pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*, a Teoria Crítica percebe o mundo e a ciência pelos horizontes das *ciências humanas e sociais*. Sobre *teoria*, enquanto a Teoria Tradicional entende teoria como hipótese que se reduz a aplicação técnica/objetiva/neutra do saber, a Teoria Crítica entende teoria como *lôcus* que integra dimensão técnica e dimensão emancipatória do saber. Sobre *cientista*, enquanto a Teoria Tradicional percebe o cientista como um técnico, objetivo e neutro, a Teoria Crítica percebe o cientista como indivíduo consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. Sobre *ciência*, enquanto a Teoria Tradicional entende a ciência como especializada e sobretudo autônoma, apartada da sociedade – escapa à Teoria Tradicional a função social real da ciência –, a Teoria Crítica entende a ciência como interdisciplinar e como parte da sociedade – a Teoria Crítica abraça a função social real da ciência. Sobre *método*, enquanto a Teoria Tradicional percebe o método como *lôcus* de caráter unicamente técnico, objetivo e neutro – capaz de realizar a tarefa de separação entre objetivo e subjetivo, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses) –, a Teoria Crítica

percebe o método como *locus* que integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses). Sobre *realidade/fato social*, enquanto a Teoria Tradicional entende a realidade/fato social como objeto, como coisa, como objeto/coisa reificado, a Teoria Crítica entende a realidade/fato social como produtos sociais históricos, situados no espaço e no tempo. Sobre *emancipação*, enquanto a Teoria Tradicional percebe o interesse emancipatório como interesse extrínseco, ou seja, que está no exterior da Teoria Tradicional, a Teoria Crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco, ou seja, que está no interior da Teoria Crítica (Adorno, 1962, 1969; Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas deste capítulo (Figura 2).

Figura 2 – Mapa capítulo 2



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Capítulo 3

TEORIA CRÍTICA: UMA BIOGRAFIA FRANKFURTIANA

O capítulo em tela traz considerações que cruzam, atravessam e perpassam a pesquisa como um todo. Pedra angular do estudo, traz à lume a história, o contexto e as tessituras do que se convencionou chamar de Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. De partida, traz o contexto de construção da chamada Escola de Frankfurt/Teoria Crítica, destacando episódios, atores e acontecimentos nela envoltos. Na sequência, destaca as linhas teóricas, metodológicas e conceituais que lhes são características. E, ao fim, aponta as influências intelectuais desta escola e desta tradição crítica nos horizontes das Ciências Sociais Aplicadas.

Escola de Frankfurt: sua teoria, seu projeto, seu mundo

[...] Escola de Frankfurt, o berço de ouro da Teoria Crítica [...]
Pedro Demo

Complexa, diversa e fascinante tanto no jeito de pensar como no de filosofar a sociedade contemporânea, a “Escola de Frankfurt” é aclamada mundo afora como a escola de pensamento social mais influente do século XX. E as razões para tanto são plurais e distintas. Para muitos, advém do fascínio despertado por seus teóricos e pensadores. Para alguns, deriva da originalidade, da profundidade e da diversidade de seus temas. Para outros, provém do diálogo e complexidade de suas análises e abordagens. Seja por uma razão ou outra, o fato é que sua audiência, alcance e atualidade atravessam curso dos tempos e dos campos. O que, segundo uns e outros, confere à escola a

aura de “berço de ouro da teoria crítica” (Demo, 2007, p. 127), e lhe eleva ao panteão do pensamento ocidental (Freitag, 1986; Bronner, 1997; Demo 2007; Wiggershaus, 2002; Ghiraldelli Jr, 2010).

O ano era 1923. O verão surgia no horizonte na Alemanha. Era manhã em Frankfurt am Main. A cidade, conhecida como coração financeiro da Alemanha, e mais tarde da Europa, fora o palco e lugar escolhidos, dentre tantos. Sua escolha fora traçada por três homens e um destino. Entre eles, Felix Weil⁴¹, herdeiro-milionário marxista, Carl Grünberg⁴², professor marxista, e Max Horkheimer⁴³, filósofo marxista, homens de razão sensível. Quanto ao destino, eis a que os movia: erguer um instituto de pesquisa local de reflexão e de crítica ao então estado de coisas ante os avanços do capitalismo. Acabaram por fazer história, terminaram por entrar para a história, quis o destino. Criaram uma das escolas de pensamento mais influentes de todos os tempos: o Instituto de Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*), ou, para o mundo, simplesmente Escola de Frankfurt⁴⁴⁴⁵. Escola de pensamento marxista⁴⁶ que cravaria seu nome não apenas no mapa do pensamento europeu, como entraria para a eternidade na história do pensamento ocidental

⁴¹Felix Weil (1898-1975). Cientista político germano-argentino. Herdeiro milionário da indústria de grãos. Fundador do Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt. Responsável por financiar o Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt, sobretudo em seus anos iniciais – protagonizando e/ou abrindo caminho assim para o (a) típico caso em que se vê *o capitalismo a financiar a crítica ao próprio capitalismo* (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004).

⁴²Carl Grünberg (1861-1940). Historiador romeno-austriaco. Cofundador e primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004)

⁴³Max Horkheimer (1895-1973). Filósofo e pensador alemão. Cofundador e segundo diretor do Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004).

⁴⁴A denominação “Escola de Frankfurt” se popularizou no imaginário coletivo somente nos idos dos anos 1950, já com o regresso da escola à Frankfurt, Alemanha. Antes disso, ou seja, desde sua fundação nos anos 1920, a escola era conhecida simplesmente como Instituto de Pesquisa Social (NOBRE, 2004; JAY, 2008).

⁴⁵Pelo humor culto de então, a Escola de Frankfurt era chamada de “Café Marx” ou mesmo de “Grande Hotel Abismo” (designação cunhada por Lukács) (Müller-Doohm, 2016).

⁴⁶De inspiração em Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *A ideologia alemã* (1932) (obra em coautoria com Engels), *Manifesto comunista* (1848) (obra em coautoria com Engels), *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852), *O capital* (1867), dentre outras.

(Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004; Jay, 2008).

Institucionalmente, sob a direção de Max Horkheimer, em 1931, a Escola de Frankfurt vive seus “anos dourados”, seus tempos áureos, sua “era de ouro”. Os feitos de Horkheimer junto à escola foram tantos e tão vitais como o próprio ar que se respira. É Horkheimer que lança a Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*⁴⁷), revista que passa a publicar os escritos dos membros da escola alemã, entre os anos de 1930 e 1940⁴⁸. É também sob sua gestão que a escola se associa oficial e definitivamente à Universidade de Frankfurt⁴⁹. É dele ou a ele atribuído o feito de ter elaborado o programa de pesquisa/método da escola, o “materialismo interdisciplinar”, mais claramente em célebre texto de 1931, intitulado *A situação contemporânea da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social*⁵⁰, documento seminal da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. É dele ou a ele atribuído feito de especial grandeza: o de invenção do conceito de “Teoria Crítica”, em célebre artigo de 1937, intitulado *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*⁵¹, pedra angular, documento inaugural, texto fundador da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008; Ghiraldelli, 2010).

Em termos de projeto/objetivo (s), desde cedo a Escola de Frankfurt se projeta como “*locus* teórico” que reclama para si a tarefa de elaborar uma teoria crítica e analítica da sociedade capitalista – em tudo, o “edifício teórico” de uma crítica social viva e ativa, lugar em que *vida pensada e vida vivida* não só se entreolham como se entrecruzam; em nada,

⁴⁷Nascida em 1932, em solo alemão, sob o título de Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*), em 1942, no exílio americano, a revista é rebatizada de Revista de Estudos de Filosofia e Ciência Social (*Studies in Philosophy and Social Science*) (NOBRE, 2004).

⁴⁸O período de publicação contínua/ininterrupta da Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*) gira em torno de 1932 e 1942 (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004).

⁴⁹Universidade fundada oficialmente em 1914, pelo Ministério da Educação da Alemanha (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004).

⁵⁰HORKHEIMER, M. A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social. *Praga: estudos marxistas*, São Paulo, n. 7, p. 121-132, 1999.

⁵¹HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. (Orgs.). *Textos escolhidos* (Coleção Os pensadores, volume XLVIII). Rio de Janeiro: Abril cultural, 1975.

uma “torre de marfim” para intelectuais. Em espírito, a escola se projeta como o reduto gerado e gerador de ideias inspiradoras, que busca tocar a realidade, a vida cotidiana, e, assim, iluminar indivíduos, coletividades e nações a pensar, discutir e transformar seu estado de coisas. Em verdade, de forma direta e/ou indireta, a escola se revela o *locus* teórico a inspirar corações e mentes a ganhar as ruas, com apoio declarado de alguns – como Marcuse – e à revelia e cautela de outros – como Adorno, Horkheimer e Habermas. Ao fim e ao cabo, a escola se revela o *locus* a inspirar indivíduos e coletividades a ganhar as ruas e a mudar o estado de coisas, como nos Movimentos Estudantis dos anos 1960 em Alemanha, como nos Movimentos Contra a Guerra do Vietnã (Estados Unidos/Alemanha), como nos Movimentos dos Direitos Cívicos (Estados Unidos), e como nos Movimentos do “Maio de 1968” (França), dentre outros tantos mais (Wiggershaus, 2002).

Conceitualmente, ainda que o termo Escola de Frankfurt remonte à cidade de Frankfurt, Alemanha, seu significado guarda em si um sentido além-fronteiras. Refere-se, fundamentalmente, a um “grupo de intelectuais”, a um “movimento intelectual” (Jay, 2008) ou mesmo a uma “teoria crítica social” (Wiggershaus, 2002) inclinada a pensar a vida em coletividade ante os avanços do capitalismo.

Distanciamo-nos aqui do debate quanto à ambiguidade do termo “Escola de Frankfurt” – segundo alguns, ainda válido em França e Estados Unidos, e, conforme outros, já superado em Alemanha e em grande parte do mundo por “Teoria Crítica” (Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004). Nas linhas deste estudo, a rigor, nos somamos a aqueles que leem “Escola de Frankfurt”, “Teoria Crítica” e suas variantes eminentemente como sinônimos. Em sendo assim, aqui, tais expressões se reconhecem, se assumem e devem ser lidas fundamentalmente em sentido/termos semelhantes, equivalentes.

Epistemologicamente, em termos amplos, a Escola de Frankfurt se constitui como círculo/movimento/teoria de caráter filosófico e social, de inspiração profundamente marxista/marxiana. Erguida nestes termos, se notabiliza, pois, por tecer *teorias críticas* para se pensar, reflexionar e problematizar o sujeito humano e a sociedade ante os avanços do capitalismo avançado (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002). Sobre isso, Freitag (1986, p. 34, grifo nosso) esclarece:

O termo *Escola de Frankfurt* ou uma concepção de uma “*Teoria crítica*” sugerem uma unidade temática e um consenso epistemológico teórico e político que raras vezes existiu entre os representantes da Escola. O que caracteriza a sua atuação conjunta é sua *capacidade intelectual e crítica*, sua *reflexão dialética*, sua *competência dialógica* ou aquilo que Habermas viria a chamar de “discurso”, ou seja, o questionamento radical dos pressupostos de cada posição e teorização adotada (grifo nosso).

Nesses termos, ao se pensar em Escola de Frankfurt – assim como ao se pensar na sua correspondente equivalente Teoria Crítica –, deve se ter em mente de que se está diante, a um só tempo, de um *projeto teórico*, um *movimento intelectual* e um *círculo* de críticos de primeira hora do império do poder do capitalismo avançado.

Em termos de fundamentos, ao se pensar em Escola de Frankfurt deve se pensar que se está diante de um palco da crítica social, dialética e dialógica, cujos atores se valem das “armas da crítica”, a partir de *releituras* de teorias e métodos consagrados, dentre os quais, de Marx fundamentalmente, de Kant⁵² e de Hegel⁵³ complementarmente, e de Freud⁵⁴ e de Schopenhauer⁵⁵ adicionalmente, dentre outros (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Os estudos e as pesquisas da Escola de Frankfurt/Teoria Crítica atravessam os mais diversos campos, dentre os quais, Filosofia, Psicologia, Psicanálise, Economia, Crítica de Arte, Crítica Literária, Sociologia, Direito, Ciência Política, dentre outros. Confirmando, assim, sua vocação interdisciplinar, vocação que ganha vida e voz via sua teoria,

⁵²Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Crítica da razão pura* (1781), *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento?”* (1783), *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788), dentre outras.

⁵³Georg Hegel (1770-1831). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Fenomenologia do espírito* (1807), *Princípios da filosofia do direito* (1820), *Filosofia da história* (1837), dentre outras.

⁵⁴Sigmund Freud (1856-1939). Médico e psicanalista austríaco. Obra (s) sugerida (s): *A interpretação dos sonhos* (1900), *Cinco lições de psicanálise* (1910), *O mal-estar na civilização* (1930) e *Por que a guerra?* (1933) (obra em coautoria com Albert Einstein), dentre outras.

⁵⁵Arthur Schopenhauer (1788-1860). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *O mundo como vontade e representação* (1819), *Dialética erística* (1831), *A arte de escrever* (1851), dentre outras.

seus teóricos e sua metodologia/seu programa de pesquisa (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Dentre os conceitos caros à Escola de Frankfurt, conceitos histórico-filosóficos fundamentais, destacam-se *esclarecimento* (*aufklärung*) (complexo kantiano), *dialética* (*dialektik*) (complexo hegeliano/marxismo), *crítica/teoria crítica* (*kritische/kritische theorie*) (complexo marxista), dentre outros (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Em seus verdes anos, *primeira fase*, a Escola de Frankfurt se notabiliza pelo interesse em discutir de forma *crítica e analítica* os ardis do imperialismo e do capitalismo monopolista (Wiggershaus, 2002; Ghirdelli, 2010). Dentre os representantes desta fase, geralmente situam-se Max Horkheimer, Theodor Adorno, Erich Fromm, Walter Benjamin e Herbert Marcuse (Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008). Em sentido amplo, esta fase se caracteriza como aquela que lança as bases da “Teoria crítica”, teoria que se vale das “armas da crítica” para pensar e entender as patologias e os antagonismos produzidos pelo império do capital, tais como sociedade de consumo e alienação/dominação de massas, entre outros temas (Wiggershaus, 2002; Jay, 2008). É, por uns, vista como a fase da escola que reclama para si a tarefa de traçar um *diagnóstico* crítico e analítico ao seu modo e ao seu tempo, marcado pela forte industrialização (Nobre, 2004). Por outros, é vista como a fase fortemente *pessimista e vigilante* da escola, da qual pertence a célebre frase: “escrever um poema após Auschwitz⁵⁶ tornou-se um ato bárbaro” (Adorno, 1998, p. 26). E, por outros muitos, é vista como a fase da escola que dá mais ênfase às *iniquidades* do capitalismo do que propriamente às suas possibilidades de superação, de emancipação (Nobre, 2004). Todas, em linhas gerais, perspectivas complementares, afluentes de um mesmo lugar.

Com os idos dos tempos, a história da escola alemã passa a se confundir com a própria história da humanidade. Uma série de acontecimentos decisivos e marcantes alteram profundamente os rumos da escola e do mundo no século XX. Dentre os quais, destacam-se a

⁵⁶*Auschwitz* é um dos mais conhecidos campos de concentração criados pelo nazismo alemão. Localizado ao sul da Polônia, tornou-se símbolo e expressão do *holocausto* (extermínio em massa de seres humanos) durante a II Guerra Mundial (Hobsbawm, 1995; Levi, 2013).

queda da República de Weimar⁵⁷ (1919-1933), a ascensão do nazismo (1933-1945), o triunfo do fascismo (1922-1939), o poder do stalinismo (1924-1954), a eclosão da Crise de 1929 e a deflagração da II Guerra Mundial (1939-1945) (Hobsbawn, 1995). Todos, sem exceção, episódios decisivos e marcantes, que definem e redefinem para sempre os destinos de Frankfurt, da Europa e do mundo (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008).

Em meio a essa tempestade de acontecimentos, difíceis episódios se abatem sobre a escola alemã e seus teóricos. Berço de intelectuais marxistas e de origem judaica – alvo do nazismo –, sem demora, a escola e os seus entram em contato com seus dias mais sombrios. Neste período, seus muros e seus membros passam a sentir os horrores, ardis e dissabores dos tempos totalitários, de crises e de guerras. Tudo isso *se vê* expresso nos “marcos” e nas “marcas” da vida e da obra desta escola crítica e destes homens de razão sensível. Tudo isso *se lê* impresso tanto nos fios do texto como nos fios da vida e da obra da escola alemã e destes teóricos críticos (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Jay, 2008; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004).

Do ponto de vista institucional, a Escola de Frankfurt é impelida a deixar a Alemanha para trás – interdita pela *Gestapo*⁵⁸, polícia alemã nazista. É levada a deixar a Alemanha para longe, e, por extensão, a romper seus vínculos junto à Universidade de Frankfurt. Passa, assim, a ficar sem chão e sem sede, entregue à própria sorte (Freitag, 1986; Jay, 2008; Wiggershaus, 2002).

No horizonte, a alternativa à vista é rumar ao exílio. Emigra então para Suíça, Inglaterra, França e Estados Unidos, com escritórios em Genebra, Londres, Paris e Nova York, graças à solidariedade de nações e de intelectuais (Freitag, 1986; Nobre, 2004; Jay, 2008). Sediada nestes países, passa a manter seus vínculos e elos ligados às universidades e aos institutos locais (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008). A esta altura, já não é a escola que dá vida às sedes, mas sim as sedes é que

⁵⁷*República de Weimar* (1919-1933) é historicamente conhecida como a experiência republicana e democrática de Estado desenvolvida na Alemanha, no pós I Guerra Mundial (Hobsbawn, 1995).

⁵⁸*Gestapo*, abreviação de *Geheime Staatspolizei* (Polícia Secreta de Estado), é conhecida como “polícia nazista” e/ou a força policial secreta da Alemanha nazista (HOBBSAWM, 1995).

dão vida à escola.

Com o correr dos dias sombrios do nazismo e entre guerras, em solo alemão, incontáveis pensadores, cientistas e intelectuais sofrem os mais duros e implacáveis golpes operados de então. Trata-se de nomes que o século XX consagrou, das ciências às artes, todos duramente perseguidos (as) e/ou exilados (as) no período, entregues à própria sorte.

Nomes da literatura, como Thomas Mann⁵⁹ (Nobel de Literatura de 1929) (Koopmann, 1982; Prater, 2000), nomes das humanidades, como Hannah Arendt⁶⁰ (Adler, 2019), personalidades das artes, como Bertolt Brecht⁶¹ (Ewen, 1991) e Billy Wilder⁶² (Oscar de 1946 e 1961) (Phillips, 2010), nomes das ciências médicas e naturais, como Sigmund Freud (Gay, 2012) e Albert Einstein⁶³ (Nobel de Física de 1921) (Bodanis, 2017), dentre outros(as) mais, todos(as) forçados(as) a deixar para trás a pátria que seus corações elegeram para si (Burke, 2017).

Somados a eles (as), também os membros da Escola de Frankfurt são impelidos a deixar a Alemanha para trás, em busca de um recomeço, de um segundo sol.

Max Horkheimer rumo à Suíça (Genebra), França (Paris) e Estados Unidos (Nova York)⁶⁴, regressando à pátria somente no pós-guerra (pós-1945) (Abromeit, 2011; Jay, 2008). Theodor Adorno emigra

⁵⁹Paul Thomas Mann (1875-1955). Escritor alemão. Obra (s) sugerida (s): *Os Buddenbrook* (1901), *A montanha mágica* (1924), *Doutor Fausto* (1947), dentre outras.

⁶⁰Hannah ou Johanna Arendt (nome de batismo) (1906-1975). Filósofa alemã. Obra (s) sugerida (s): *Origens do totalitarismo* (1951), *A condição humana* (1958), *Eichmann em Jerusalém* (1963), dentre outras.

⁶¹Eugen Bertholt F. Brecht (1898-1956). Poeta e dramaturgo alemão. Obra (s) sugerida (s): *Ópera dos três vinténs* (1928), *Galileu Galilei* (1938), *Histórias do Sr. Keuner* (1958), dentre outras.

⁶²Billy Wilder (1906-2002) Cineasta alemão radicado nos EUA. Obra (s) sugerida (s): *Farrapo humano* (1945), *Crepúsculo dos deuses* (1950), *Se meu apartamento falasse* (1960), dentre outras.

⁶³Albert Einstein (1879-1955). Físico e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Fundamento geral da teoria da relatividade* (1916), *Sobre a teoria da relatividade especial e geral* (1921), *Por que a guerra?* (1933) (obra em coautoria com Sigmund Freud), *Como vejo o mundo* (1934), *“Manifesto Russell-Einstein”* (1955) (obra em coautoria com Bertrand Russell, na qual exorta nações a renunciar às armas nucleares), dentre outras.

⁶⁴Nos Estados Unidos, Max Horkheimer passa a manter seus vínculos junto à Universidade de Colúmbia (Nova York).

para França (Paris), Inglaterra (Oxford)⁶⁵ e Estados Unidos (Nova York, Califórnia, Nova Jérsei)⁶⁶, regressando ao solo alemão também no pós-1945 (Müller-Doohm, 2005; Jay, 2008). Herbert Marcuse rumo à Suíça (Genebra) e Estados Unidos (Nova York, Massachusetts, Califórnia)⁶⁷, onde permanece até o fim de seus dias, sem nunca mais regressar à costa alemã (Jay, 2008; Nobre, 2004). Erich Fromm parte para Suíça (Genebra), México (Cidade do México)⁶⁸ e Estados Unidos (Nova York)⁶⁹, sem nunca mais à escola nem à sua terra regressar (Jay, 2008; Nobre, 2004). Walter Benjamin emigra para França (Paris), sem nunca mais voltar, ao ter, quis o trágico destino, sua vida abreviada na fronteira franco-espanhola, no outono de 1940, enquanto rumava à Madri (Espanha) (Matos, 1993, 1995).

Ainda assim, mesmo ante essas histórias e partidas, a Escola de Frankfurt se mantém viva e ativa mundo afora. Consolidando sua aura de edifício muito além de “pedra e cal”. Ratificando sua condição de *locus* vivo e ativo, gerado e gerador de ideias inspiradoras, reduto de uma fortuna crítica sem par por onde quer que passe. Comprovando a tese de Thomas Mann (1938)⁷⁰, durante o exílio americano: “onde estou, está a Alemanha”. Sobre a escola alemã, converte-se à tese de Mann: “onde estão os frankfurtianos, está a Escola de Frankfurt”, dado o longo período em que a escola se viu distante das costas alemãs do Norte e do Báltico.

Em fase já avançada, *segunda* e “*terceira fase*” (*fase contemporânea*), a Escola de Frankfurt se caracteriza por *atualizar* ao seu modo e ao seu

⁶⁵Na Inglaterra, Theodor Adorno passa a manter fortes vínculos junto à Universidade de Oxford (Oxford).

⁶⁶Nos Estados Unidos, Theodor Adorno passa a manter seus vínculos junto à Universidade de Colúmbia (Nova York), Universidade de Berkeley (Califórnia) e Universidade de Princeton (Nova Jérsei).

⁶⁷Nos Estados Unidos, Herbert Marcuse passa a trabalhar para o governo americano. Passa também a manter fortes vínculos junto à Universidade de Colúmbia (Nova York), Universidade de Harvard (Cambridge, Massachusetts), Universidade de Brandeis (Boston, Massachusetts) e Universidade da Califórnia (Los Angeles, Califórnia).

⁶⁸No México, Erich Fromm passa a manter seus vínculos junto à Universidad Nacional Autónoma do México (Cidade do México).

⁶⁹Nos Estados Unidos, Erich Fromm passa a manter fortes vínculos junto à Universidade de Colúmbia (Nova York).

⁷⁰Paul Thomas Mann (1875-1955). Escritor alemão. Obra (s) sugerida (s): *Entrevista de Thomas Mann concedida à imprensa americana* (1938) (apud Koopmann, 1982, p. 15).

tempo a discussão sobre os dissabores do capitalismo contemporâneo (Wiggershaus, 2002; Ghiraldelli, 2010). Só que o faz nesta fase de forma distinta de outrora (geração anterior). Nesta fase, se discute o estado de coisas produzido pelo capitalismo não somente de forma crítica e analítica, mas sobretudo de forma *propositiva* (Ghiraldelli, 2010). Dentre os representantes desta fase, geralmente, situam-se Jürgen Habermas e Axel Honneth (Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008). Em sentido amplo, esta fase se caracteriza como aquela que “atualiza a Teoria Crítica”, suas teses, missões e aspirações para a contemporaneidade (Wiggershaus, 2002; Ghiraldelli, 2010). É, por uns, vista como a fase da escola que assume para si a tarefa de traçar um *diagnóstico* crítico e analítico do tempo presente com alguns “acenos” em busca de algum *prognóstico* de futuro (Nobre, 2004). Por outros, é vista como a fase mais *vigilante* do que pessimista da escola alemã (Ghiraldelli, 2010). E, por outros tantos, é vista como a fase da escola que alia análises das patologias do capitalismo e suas possíveis saídas, vias de superação, possibilidades de emancipação (Nobre, 2004). Todas, em linhas gerais, perspectivas complementares, afluentes de um mesmo lugar.

Em termos amplos, a Escola de Frankfurt se notabiliza sobremaneira por revisitar fundamentos sócio-econômico-filosóficos consagrados, fazer releituras de teorias e/ou quadros teóricos de fôlego, e por revisitar métodos e/ou programas de pesquisa consagrados, em busca de reassentá-los em novas bases. Neste particular, ao que tudo indica, seu objetivo se revela visivelmente claro: encontrar, via *fundamentos* consagrados, sua própria *voz teórica* e sua própria *voz metodológica*.

Fundamentos da Teoria Crítica de Frankfurt

Dos fundamentos teóricos que o século XX consagrou, a história e o desenvolvimento de alguns se confundem profundamente com a história e o desenvolvimento de determinadas escolas de pensamento. Diz-se, por exemplo, que a Escola/Círculo de Viena em Filosofia forjou-se, em termos amplos, sob as bases do pensamento

wittgensteiniano⁷¹, da lógica russelliana⁷² e do neopositivismo⁷³ (Ouelbani, 2009; Schmitz, 2019). É dito também que a Escola de Sociologia e Economia de Chicago forjou-se, em termos amplos, sob as bases do evolucionismo social⁷⁴, do liberalismo⁷⁵ e do funcionalismo⁷⁷ (Coulon, 1995; Becker, 1996). Diz-se ainda que a Escola dos Annales em História forjou-se, em termos amplos, sob as bases do pensamento durkheimiano, do estruturalismo⁷⁸, com “acenos” ao marxismo (Burke, 1991, 2012; Reis, 2006). Por sua vez, é dito que a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt forjou-se, em termos amplos, sob as bases do pensamento marxista e/ou “neomarxista” (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Marx, 2002, 2003, 2016; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004; Giddens, 2012).

Desde a fundação, a Escola de Frankfurt se inclina à tradição

⁷¹Ideia (s) afinada (s) ou de inspiração em Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Filósofo austríaco. Obra (s) sugerida (s): *Tratado lógico-filosófico* (1921), *As investigações filosóficas* (1953) (obra póstuma), dentre outras.

⁷²Ideia (s) afinada (s) ou de inspiração em Bertrand Russell (1872-1970). Filósofo, matemático, escritor e pensador britânico. Nobel de Literatura em 1950. Obra (s) sugerida (s): *Os problemas da filosofia* (1912), *Introdução à filosofia matemática* (1919), *História da filosofia ocidental* (1945), “*Manifesto Russell-Einstein*” (1955) (obra em coautoria com Albert Einstein, na qual exorta nações a renunciar às armas nucleares), dentre outras.

⁷³Ideia (s) alusiva (s) ou de inspiração em Ernest Mach (1838-1916). Físico e filósofo austríaco. Obra(s) sugerida(s): *The analysis of sensations* (1886), *The analysis of sensations, and the relation of the physical to the psychical* (1900), dentre outras.

⁷⁴Ideia (s) afinada (s) ou de inspiração em Charles Darwin (1809-1882). Naturalista e cientista inglês. Obra (s) sugerida (s): *Origens das Espécies* (1859), *A viagem do Beagle: viagem de um naturalista à volta do mundo* (1839), *A descendência do homem e seleção em relação do sexo* (1871), dentre outras.

⁷⁵Ideia (s) afinada (s) ou de inspiração em Herbert Spencer (1820-1903). Filósofo inglês. Obra (s) sugerida (s): *Estática social* (1851), *Primeiros princípios* (1862), *O indivíduo contra o Estado* (1884), dentre outras.

⁷⁶Ideia (s) afinada (s) ou de inspiração em Adam Smith (1723-1790). Filósofo e economista escocês. Obra (s) sugerida (s): *Teoria dos sentimentos morais* (1759), *A riqueza das nações* (1776), dentre outras.

⁷⁷Ideia (s) afinada (s) ou de inspiração em Émile Durkheim (1858-1917). Filósofo e sociólogo francês. Obra (s) sugerida (s): *Da divisão do trabalho social* (1893), *As regras do método sociológico* (1895), dentre outras.

⁷⁸Ideia (s) afinada (s) ou de inspiração em Claude Lévi-Strauss (1908-2009). Filósofo e antropólogo francês/belga. Professor da USP entre 1935 e 1939 (Loyer, 2018). Obra (s) sugerida (s): *Tristes trópicos* (1955), *O pensamento selvagem* (1962), *O cru e o cozido* (1964), *O caminho das máscaras* (1975), dentre outras.

marxista/marxiana, em termos de fundamentos teóricos (MARX, 2002, 2003, 2016). Desde cedo, a escola alemã se rende às suas possibilidades, sendo a ela fortemente associada (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002). Com o tempo, a Escola de Frankfurt se inclina às “armas da crítica” em outros fundamentos teóricos, como em Kant e Hegel, Freud e Schopenhauer, dentre outros (Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002). Contudo, é em Kant, Hegel e, sobretudo, em Marx que se revelam as influências mais claras e fortes (Horkheimer, 1975; Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004; Giddens, 2012).

Em Kant e Hegel, se busca, em termos amplos, as orientações fundamentais junto a conceitos caros à Escola de Frankfurt/Teoria Crítica. Em Kant, se busca, em linhas gerais, extrair orientações em filosofia crítica, por exemplo, quanto ao conceito de *esclarecimento* (*aufklärung*), em alguns de seus trabalhos, entre os quais, destacadamente *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento”*⁷⁹. Em Hegel, se busca, em linhas gerais, extrair orientações em filosofia crítica, por exemplo, quanto ao conceito de *dialética* (*dialektik*), em alguns de seus trabalhos, entre os quais, destacadamente *Ciência da lógica*⁸⁰ (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002).

Já em Marx, símbolo e expressão maior de Frankfurt, se busca, em termos amplos, as orientações fundamentais junto ao amplo arco de conceitos e método (s) caros à Escola de Frankfurt/Teoria Crítica (Horkheimer, 1975; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Marx, 2002, 2003, 2016; Wiggershaus, 2002).

Em contexto, no entanto, tal inclinação se dá em tempos de forte maré adversa ao marxismo. Na primeira metade do século XX, momento em que a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica se rende ao marxismo, o clima é de contracorrente ao marxismo. É “[...] preciso lembrar que o marxismo, à exceção da União Soviética, era então marginalizado na universidade em todo o mundo, contando apenas com alguns poucos professores” (Nobre, 2004, p. 14). Ainda assim, a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica, avança, e como barcos contra a corrente,

⁷⁹Immanuel Kant (1724-1804). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento”* (1783), dentre outras.

⁸⁰Georg Hegel (1770-1831). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Ciência da lógica* (1812), dentre outras.

parafraseando Fitzgerald (2011)⁸¹, se rende ao marxismo, desafiando maré adversa.

Em Marx, se busca, em linhas gerais, extrair orientações em crítica de economia política, por exemplo, quanto aos conceitos de *crítica/teoria crítica* (*kritische/kritische theorie*) e de *dialética* (*dialektik*), em alguns de seus trabalhos, entre os quais, destacadamente *O capital*⁸² e *Contribuição à crítica da economia política*⁸³ (Horkheimer, 1975; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Marx, 2002, 2003, 2016; Wiggershaus, 2002). É da obra de Marx, destacadamente de “O capital” (Marx, 2002, 2003), que Horkheimer busca extrair os princípios fundamentais da *Teoria Crítica*, teoria por ele formulada e através dele associada à Escola de Frankfurt, por meio do célebre artigo *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. É também da obra de Marx, destacadamente de “O capital” e de “Contribuição à crítica da economia política”, que Horkheimer busca extrair os princípios do *materialismo interdisciplinar*, método e/ou programa de pesquisa por ele formulado e através dele associado à Escola de Frankfurt, por meio, mais claramente, do célebre artigo *A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social*. Sobre tudo isso, se diz:

[O] objetivo principal do Instituto [Escola de Frankfurt] era o de promover, em âmbito universitário, investigações científicas a partir da *obra de Karl Marx* (1818-1883). Vê-se já que a Teoria Crítica, desde o início, tem por *referência o marxismo* e seu método – o modelo da “crítica da economia política” (é justamente esse o subtítulo da obra máxima de Marx, *O capital*). [...] Esse foi, portanto, o primeiro sentido da Teoria Crítica tal como teorizada por Horkheimer nesse período: pesquisadores de diferentes especialidades trabalhando em regime interdisciplinar e tendo como *referência comum a tradição marxista* (Nobre, 2004, pp. 13-15, grifo nosso).

Contudo, inspirando-se no próprio Marx – que toma a história

⁸¹Francis S. K. Fitzgerald (1896-1949). Escritor americano. Obra (s) sugerida (s): *O Grande Gatsby* (2011), dentre outras.

⁸²Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *O capital* (1867) (livros 1, 2 e 3), dentre outras.

⁸³Karl Marx (1818-1883). Filósofo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Contribuição à crítica da economia política* (1859), dentre outras.

como solo da experiência intelectual –, a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica não se mantém inteiramente fiel às suas análises e diagnósticos – voltados à realidade social do século XIX. Para ela, “ter a obra de Marx como referência, como horizonte comum, não significa partilhar dos mesmos diagnósticos e das mesmas opiniões” (Nobre, 2004, p. 15). Indo além, toma por base as orientações da teoria crítica de Marx, mas adequando-as à realidade de seu tempo, ao século XX, marcado pelo fascismo, stalinismo, nazismo, entre guerras, imperialismo e pelas transformações do capitalismo monopolista/avançado, dentre outros. Assim o faz “[...] não só porque a própria obra de Marx se presta a interpretações divergentes, mas também pelo fato de que as maneiras de se utilizar de Marx para compreender o tempo presente são diversas” (Nobre, 2004, p. 15).

Ante isso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria crítica faz releituras de fundamentos sócio-econômico-filosóficos consagrados, reassentando-os em novas bases. Em virtude disso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria crítica revisita teorias e/ou quadros teóricos fundamentais, reassentando-os em novas bases. Em razão disso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica busca, ante tudo isso, um objetivo claro: encontrar, via fundamentos, sua própria *voz teórica*.

A “invenção” frankfurtiana

Das “invenções” teórico-metodológicas que o século XX consagrou, diz-se que as mais inovadoras tiveram por berço as escolas de pensamento. É dito que a Escola de Chicago, por exemplo, “inventou” o método qualitativo de pesquisa (Coulon, 1995; Becker, 1996). Diz-se ainda que a Escola dos Annales “inovou” ao dar ao mundo as fontes pictóricas/filmográficas/orais⁸⁴ sob um *status* científico nunca antes visto (Burke, 1991, 2012; Reis, 2006). Por sua vez, é dito que a Escola de Frankfurt “inovou” ou “inventou” além de um método, uma teoria, a Teoria Crítica (Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004).

⁸⁴No campo historiográfico, diz-se que a Escola dos Annales fora a primeira a dar às pinturas, aos filmes, às músicas e a outros objetos/artefatos o *status* de fontes históricas cientificamente válidas. *Status* até então reservado unicamente aos “documentos escritos” e/ou “oficiais” (Burke, 1991).

Tendo definido os fundamentos de seu pensamento e atuação, o marxismo (Marx, 2002, 2003, 2016), ou seja, tendo situado *do que é feita* e/ou *em que bases* teóricas se apoia, a Escola de Frankfurt parte e avança em direção a se definir melhor. Parte em direção a situar-se quem é, *o que é*, ou seja, a precisar-se melhor sobretudo quanto ao seu significado, papel e tarefas.

Em termos de “invenção” e/ou “inovação teórica”, a *Teoria Crítica*, forjada sob as bases do pensamento marxista, é historicamente associada à Escola de Frankfurt. Através dela, a escola alemã se notabiliza por criar e difundir um projeto teórico/teoria capaz de pensar de forma crítica a vida social ante os avanços e antagonismos do capitalismo.

Em termos de fundamentos, a Teoria Crítica se forja sob as bases do pensamento marxista (Marx, 2002, 2003, 2016) e/ou “neomarxista” (Giddens, 2012). Em Marx, se busca, em linhas gerais, extrair orientações em crítica de economia política quanto ao conceito de *crítica/teoria crítica* (*kritische/kritische theorie*), em alguns de seus trabalhos, entre os quais, destacadamente “O capital” (Marx, 2002, 2003). É desta obra de Marx que Horkheimer busca extrair os princípios fundamentais da Teoria Crítica, teoria por ele formulada e por meio dele difundida associada à Escola de Frankfurt, através do célebre artigo *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (Horkheimer, 1975; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Conceitualmente, Teoria Crítica, conforme Horkheimer (1975), significa uma “teoria crítica social”. Em termos amplos, significa uma teoria crítica inclinada a pensar, entender e problematizar a sociedade marcada pelos avanços da ideologia do capitalismo avançado (Freitag, 1986). Indo além, significa também uma teoria voltada a traçar diagnósticos das patologias do capitalismo e buscar suas vias de superação/emancipação.

Em termos de característica, diferentemente do que se possa pensar à primeira vista, a “Teoria crítica” significa, em sentido amplo, mais/incessantemente uma *teoria da pluralidade/pluridimensional*, eixo/vetor propulsor da diversidade temática e da complexidade teórico-epistemológica, e, menos/raramente uma *teoria da unidade/unidimensional*, enquanto eixo/vetor propulsor da unidade temática e unicidade teórico-epistemológico (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002).

Desmonta assim o “mito” que frequentemente ronda as teorias e/ou escolas de pensamento: o *mito da unidade temática* e/ou da *unicidade*

epistemológica. Ideia segundo a qual as escolas de pensamento e/ou suas teorias constituem um corpo só, *uno e uníssono*. Como se todos a elas alinhados “falassem em conjunto”, “agissem em conjunto”, “adotassem as mesmas metodologias”, “se valessem das mesmas epistemologias” e etc. Fato que a história intelectual do pensamento ocidental nos ensina que poucas vezes ocorreu ou raramente existiu (Burke, 2012). E que se aplica à perfeição ao caso da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt (Freitag, 1986).

Teoria crítica é, antes de tudo, sinônimo de “mosaico teórico” e/ou “caleidoscópio teórico” de múltiplas vozes, sons e tons que, em algum ponto, se tocam, concorrem em uma mesma direção, cooperam em direção a um horizonte comum, não único nem unitário. No caso da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt, tal horizonte comum e conjunto se manifesta de inúmeras maneiras e múltiplas formas. Por vezes se manifesta quando seus teóricos e teorias concorrem em direção ao marxismo e em seu tom crítico-reflexivo, dialético e dialógico. Por vezes se revela quando seus teóricos e teorias concorrem em direção ao pluralismo/diversidade, ao adotar uma voz plural, complexa e diversa quanto às suas temáticas, aos perfis de seus integrantes e sobretudo às suas abordagens epistemológicas. Teoria Crítica significa, pois, pluralidade temática, diversidade de abordagem e busca de ares de originalidade/ineditismo. Diferente disso, é distinto da Teoria Crítica, do que lhe é ou passou a lhe ser próprio e característico (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002). Sobre isto, Freitag (1986, p. 34, grifo nosso) esclarece:

O termo Escola de Frankfurt ou uma concepção de uma “*teoria crítica*” sugerem uma unidade temática e um consenso epistemológico teórico e político que raras vezes existiu entre os representantes da Escola. O que caracteriza a sua atuação conjunta é sua capacidade intelectual e crítica, sua reflexão dialética, sua competência dialógica ou aquilo que Habermas viria a chamar de “discurso”, ou seja, o questionamento radical dos pressupostos de cada posição e teorização adotada (grifo nosso).

Nesses termos, ao se pensar em Escola de Frankfurt/ Teoria

Crítica, deve se ter em mente de que se está diante de um palco da crítica social, dialética e dialógica, cujos atores se valem de *releituras* de pensadores como Marx, Hegel, Kant, Freud, Schopenhauer, entre outros (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Seus idealizadores/atualizadores, os “frankfurtianos” e/ou os “teóricos críticos”, são, em termos amplos, em sua primeira fase e/ou geração, Max Horkheimer e Theodor Adorno, em sua segunda fase e/ou geração, Jürgen Habermas e outros, e, em sua “terceira” fase e/ou geração, Axel Honneth e outros, nomes que o pensamento social e filosófico contemporâneo consagrou (Rouanet, 1983; Freitag, 1986).

Em linhas gerais, valendo-se dessa tradição teórica, em suas análises e seus constructos, esses teóricos e pensadores revelam-se, por exemplo, porta-vozes da percepção, do raciocínio e da sensação de que existem fortes laços e elos entre conhecimento e interesse, entre técnica e ideologia, entre razão e dominação, ideias que atravessam a contemporaneidade (Nobre, 2004; Jay, 2008; Ghiraldelli Jr, 2010).

Ante isso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica faz releituras de fundamentos sócio-econômico-filosóficos consagrados, reassentando-os em novas bases, em busca de sua própria voz teórica. Em razão disso é que se diz que a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica busca, ante tudo isso, outro objetivo claro: encontrar, via fundamentos e Teoria Crítica, sua própria *voz metodológica*.

O “método frankfurtiano”

Na história dos métodos e/ou programas de pesquisa do século XX, é dito que história de alguns se confunde com a própria história de determinadas escolas de pensamento. O método qualitativo e/ou empirismo, por exemplo, passou a ser fortemente associado à Escola de Chicago⁸⁵ (Coulon, 1995; Becker, 1996). Já o método dedutivo e/ou empirismo lógico passou a ser constantemente associado à

⁸⁵Escola econômica e sociológica norte-americana. Dentre seus expoentes, destacam-se Robert Park (sociólogo), Erving Goffman (sociólogo/antropólogo), Everett Hughes (sociólogo), dentre outros. Em termos metodológicos, associa-se à escola a *abordagem qualitativa, pesquisa de campo, empirismo e observação participante e entrevistas*. Fundada em 1910, seus anos de funcionamento situam-se, em linhas gerais, entre os anos de 1910 a 1980 (Coulon, 1995; Becker, 1996).

Escola/Círculo de Viena⁸⁶ (Ouelbani, 2009; Schmitz, 2019). Por sua vez, o método comparativo e/ou estruturalismo passou a ser frequentemente associado à Escola dos Annales⁸⁷ (Burke, 1991, 2012; Reis, 2006). Já o materialismo interdisciplinar passou a ser fortemente associado à Escola de Frankfurt (Horkheimer, 1975; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004).

Tendo definido a Teoria Crítica como sua “invenção teórica”, ou seja, tendo definido *o que é*, a Escola de Frankfurt parte e avança em direção a situar seu *como fazer* metodológico. Tendo situado *do que é feita* e/ou *em que bases* teóricas se apoia – o marxismo (Marx, 2002, 2003, 2016) –, a Escola de Frankfurt rumo e avança em direção a definir seu *caminho* metodológico. Ou seja, a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica parte e avança em direção a iluminar e difundir seu programa de pesquisa.

Desde a fundação, a Escola de Frankfurt se inclina e se rende à *dialética*⁸⁸ em termos metodológicos. Desde cedo, a escola alemã se “derrama” às suas possibilidades, sendo a ela fortemente associada (Wiggershaus, 2002). Contudo, na Escola de Frankfurt, a dialética, de inspiração em Hegel e Marx – em suas *dialéticas idealista e materialista* –,

⁸⁶Escola/Círculo de Viena em Filosofia. Dentre seus representantes, destacam-se Moritz Schlick (físico) (brutalmente assassinado pelo fanatismo nazista, em 1936 (Ouelbani, 2009), Hans Hahn (matemático), Rudolf Carnap (matemático), Otto Neurath (sociólogo e economista), Ludwig Von Bertalanffy (biólogo) (considerado pai da “Teoria dos Sistemas”, “Teoria Sistêmica” e/ou “Teoria Geral dos Sistemas”), dentre outros. Dentre os que estabelecem relações de diálogo e de crítica junto à escola, sem a ela pertencer, situam-se nomes como Karl Popper (filósofo) e Ludwig Wittgenstein (filósofo). Em termos metodológicos, associa-se à escola a *lógica* de Bertrand Russell (filósofo e matemático), assim como releituras do *método indutivo* e do princípio da *verificabilidade*. Fundada em 1923, seus anos de funcionamento situam-se, em linhas gerais, entre os anos de 1920 e 1930 (Ouelbani, 2009; Schmitz, 2019).

⁸⁷Escola/Movimento historiográfico francês. Dentre seus líderes, destacam-se Lucien Febvre (historiador), Marc Bloch (historiador), Jacques Le Goff (historiador), Pierre Nora (historiador) Fernand Braudel (historiador) (professor da USP entre 1935 e 1937 (Martinez, 2002)), dentre outros. Em termos metodológicos, associa-se à escola a *abordagem interdisciplinar* (sobretudo com a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia) e releituras da *abordagem quantitativa*. Fundada em 1929, seus anos de funcionamento situam-se, em linhas gerais, entre os anos de 1920 e 1980 (Burke, 2011, 2012; Reis, 2006).

⁸⁸A *dialética* e/ou *método dialético*, enquanto programa de pesquisa definido, remonta a Hegel. O próprio Marx assim o confessa em carta de 1868 endereçada a Joseph Diezgen, na qual expressa: “[...] as leis exatas da dialética já se encontram em Hegel [...]” (Marx, 1868 *apud* Wiggershaus, 2002, p. 207). Nestes termos, para Marx, é Hegel a mente por trás das origens do método da dialética.

assume muito mais as feições de sua versão em Marx. Mais precisamente, de sua versão no jovem Marx⁸⁹, isto é, no materialismo dialético do jovem Marx. Diz-se que “o próprio Horkheimer dava a todos os seus trabalhos dos anos 1930 o título geral de ‘lógica dialética’” (Wiggershaus, 2002, p. 206), tal o laço e elo estabelecidos entre ambos.

Em termos de fundamentos, o *materialismo interdisciplinar*, método associado à Escola de Frankfurt/Teoria Crítica, nasce sob as bases do pensamento marxista e/ou “neomarxista” (Giddens, 2012). “Braço” do materialismo dialético, os laços e elos entre seu programa de pesquisa e a obra de Marx são inevitáveis. É da obra de Marx, de “O capital” e de “Contribuição à crítica da economia política”, que Horkheimer busca extrair os princípios do *materialismo interdisciplinar* (Marx, 2002, 2003, 2016). Programa de pesquisa por ele formulado e por meio dele difundido associado à Escola de Frankfurt/Teoria Crítica. Método presente mais claramente nas linhas de seu célebre artigo *A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social* (Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Ante isso, em termos de “autoria”, é atribuído a Horkheimer o feito de ter elaborado o programa do materialismo interdisciplinar, tão logo formulado, sem demora abraçado pelos membros de Frankfurt/Teoria Crítica. Com o materialismo interdisciplinar, Horkheimer e os seus partem e avançam além do materialismo dialético de Marx. Se inspiram nele, mas o materialismo interdisciplinar que constroem não se confunde com ele. Tal qual a maçã, que é feita de água, terra, adubo, macieira e de um pouco de sol, e, mesmo feita delas, não se confunde com elas – diria o grande Amós Oz (OZ, 2019)⁹⁰, assim é o materialismo interdisciplinar. É feito de um pouco de materialismo dialético, de um pouco de espírito interdisciplinar (direito, economia,

⁸⁹Incontáveis estudiosos classificam as ideias de Karl Marx situando-as em duas fases: a) *Primeira fase*: ideias do “jovem Marx”; e b) *Segunda fase*: ideias do “velho Marx”. Na primeira, situam-se as ideias iniciais de Marx, dos ditos verdes anos de sua força intelectual, traduzidas muitas vezes como as suas ideias mais “revolucionárias”, por isso intituladas de ideias do “jovem Marx”. Na segunda, situam-se as ideias de uma fase já avançada da vida e obra de Marx, dos ditos anos de sua maturidade e força intelectual, traduzidas muitas vezes como as suas ideias mais “ortodoxas”, por isso intituladas de ideias do “velho Marx”.

⁹⁰Amós Oz ou Amos Klausner (1939-2018). Escritor israelense. Obra (s) sugerida (s): *Do que é feita a maçã* (2019), dentre outras.

filosofia, ciência política, sociologia, história, psicologia, psicanálise e mais) e de um pouco de diagnóstico do tempo (século XX), e mesmo feito deles, é distinto deles. É disso que é feito o materialismo interdisciplinar forjado por Horkheimer e pela Escola Frankfurt (Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Conceitualmente, em termos amplos, materialismo interdisciplinar conforme formulada por Horkheimer, significa um “programa de pesquisa interdisciplinar”. Um método dialético, dialógico e interdisciplinar, que se vale de distintos contributos teórico-analítico-empíricos, dos mais variados campos e teóricos, para investigar estado de coisas e sociedades, ante o avanço do capitalismo no curso dos tempos. Sobre a ideia do programa do materialismo interdisciplinar, Wiggershaus (2002) esclarece:

[...] Em seu discurso inaugural, Horkheimer havia apresentado como uma necessidade geral e *como o programa do Instituto o fato de que filósofos, sociólogos, especialistas em economia política, historiadores e psicólogos se reunissem numa comunidade duradoura de trabalho e visassem incitar a interpenetração dialética da teoria filosófica e da prática da pesquisa especializada no domínio da teoria da sociedade, o que não era mais possível para um homem só*. Ele pedia, assim, não a colaboração de puros filósofos com puros cientistas, mas de teóricos em que cada um dominasse mais particularmente uma ou outra área científica, que tivessem igualmente a filosofia como disciplina universitária, cuja tradição — e a convicção atual — filosófica e epistemológica os fizesse particularmente capazes de esclarecer o caráter específico de sua própria orientação de pesquisa. Uma tal união pessoal da teoria e da ciência especializada, presente em todos aqueles que estavam implicados no cerne do projeto, dispensava provisoriamente definir com mais cuidado o que queria dizer exatamente o incitar à interpretação dialética da teoria filosófica e da prática da pesquisa especializada (Wiggershaus, 2002, p. 207-208, grifo nosso).

Em termos próprios/característicos, o materialismo interdisciplinar se constitui mais/fortemente como um *método plural/pluridimensional*, *lócus* da complexidade

teórica/analítica/epistemológica/empírica, e, menos/raramente um *método* *uno/unidimensional*, *lôcus* da unicidade teórica/analítica/epistemológica/empírica (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002).

Nesses termos, ao se pensar em materialismo interdisciplinar, deve se ter em mente de que se está diante de um método dialético, dialógico e interdisciplinar, que se vale de *releituras* teóricas/analíticas/empíricas de pensadores versados em vários campos: Filosofia, Economia, História (Kant, Hegel, Marx), Linguística (Apel e outros), Sociologia (Weber, Durkheim, Parsons), Arte (Lukács e outros), Psicologia e Psicanálise (Freud, Piaget, Mead), dentre outros, numa relação de diálogo e de debate livre e aberto (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Nobre, 2004; Wiggershaus, 2002).

Em estudos e pesquisas, o materialismo interdisciplinar é o que se ajusta à perfeição às investigações da Escola de Frankfurt. Vista como escola crítica plural, complexa e diversa quanto às suas temáticas, às suas abordagens e aos seus integrantes, tal método se ajusta com exatidão às investigações e reflexões da teoria/escola alemã. Escola/teoria de *horizonte comum* claro (dentro do espírito marxista, *lôcus* intelectual crítico, da competência dialógica, da reflexão dialética). Escola/teoria *diversa* por natureza (na forma, isto é, sempre autoral/distinta no estilo, caminho, abordagem). E que, por tudo isto, encontra no materialismo dialético o caminho metodológico que melhor se ajusta às suas missões e ambições, ao que se convencionou chamar de Teoria Crítica/Escola de Frankfurt.

Ante tudo isso, tendo situado *o que é*, ou seja, Teoria Crítica, tendo situado seu caminho e/ou *fazer metodológico*, ou seja, seu materialismo interdisciplinar, se diz que os teóricos críticos e/ou os simplesmente “frankfurtianos” não só fizeram a mudança, eles foram a mudança.

Os “frankfurtianos”

Na história dos pensadores que o século XX consagrou, é dito que a vida e obra de alguns se confunde profundamente com a história de determinadas escolas de pensamento, são parte de uma mesma história. Ao se pensar na Escola dos Annales, por exemplo, logo vem à mente nomes como Lucien Febvre, Marc Bloch, Jacques Le Goff, Pierre

Nora, Fernand Braudel, dentre outros (Burke, 1991; Reis, 2006). De igual modo, ao se pensar na Escola de Chicago, logo vem à tona nomes como George Stigler, Milton Friedman, Robert Park, William Thomas, dentre outros (Coulon, 1995; Becker, 1996). Por sua vez, ao se pensar na Escola de Frankfurt, logo vem à mente nomes como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Jürgen Habermas, dentre outros (Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004).

Distanciamo-nos aqui do debate quanto à ambiguidade do termo “frankfurtianos” – segundo alguns, válido em alguns lugares, e, conforme outros, rótulo já superado em grande parte do mundo (Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004). Nas linhas deste estudo, a rigor, nos somamos a aqueles que leem “frankfurtianos”, “teóricos críticos” e suas variantes eminentemente como sinônimos. Em sendo assim, aqui, tais expressões se reconhecem, se assumem e devem ser lidas fundamentalmente em sentido/termos semelhantes, equivalentes.

Valemo-nos aqui dos fortes laços e elos que os unem – escola e teóricos –, ou seja, dos fortes laços e elos que tais teóricos e a escola alemã mantém entre si. Seja direta ou indiretamente, é inegável que tais nomes figuram entre os fundadores, herdeiros, críticos e/ou mesmo atualizadores do que se convencionou chamar de Teoria Crítica/Escola de Frankfurt (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004; Jay, 2008).

Distanciamo-nos aqui ainda do debate quanto à ambiguidade em relação às “gerações da Escola de Frankfurt”. Se tem ciência do dissenso quanto à formação “original” e/ou “clássica” da Segunda Geração da escola, em relação aos seus “verdadeiros” integrantes ou não, aos seus “legítimos” expoentes ou não. Se tem ciência também do debate quanto à própria existência ou não de uma Terceira geração e/ou suposta “Terceira Geração” da escola, seus integrantes e seus teóricos expoentes. Contudo, nas linhas deste estudo, a rigor, nos somamos a aqueles que fogem desta discussão e rumam em direção aos nomes e gerações geralmente citados pela literatura e estudos de referência consagrados junto à temática.

Como toda classificação, como toda lista, esta compilação é ambiciosa e breve, finita e aberta. Trata-se, em termos amplos, de *uma* leitura hermenêutica, dentre outras possíveis, dos teóricos críticos e de suas gerações junto à Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. Refere-se, em particular, a uma leitura hermenêutica finita e aberta dos teóricos

expoentes das várias gerações da escola. Em tempo algum a lista/leitura se arroga definitiva ou mesmo absoluta, totalizante ou inclinada a esgotar o tema. Em tudo a lista/leitura se reconhece como provisória e aproximada, finita e aberta, crítica e autocrítica, ciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico e epistemológico.

Trata-se de uma constelação de nomes, teóricos, pensadores, cuja vida e obra se confunde com a própria história da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt, são parte de uma mesma história, um destino em comum (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004; Jay, 2008).

Busca-se, em termos amplos, apresentar uma “visão de síntese” dos nomes que marcaram a trajetória dessa escola de pensamento e que cravaram seus nomes no mapa do pensamento europeu e ocidental. Aqui, o fim primeiro e último é oferecer ao leitor iniciante e/ou iniciado no tema uma viagem fluída e sustentada rumo à estação da Escola de Frankfurt. E, através dela, a tomar contato com alguns de seus teóricos expoentes e com uma das teorias mais influentes da história do pensamento social ocidental.

Em linhas gerais, suas vidas e suas obras atravessam os mais distintos, tensos e complexos momentos, gerações e movimentos por que passou a Teoria crítica/Escola de Frankfurt (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004; Jay, 2008).

Primeira geração: a “geração de ouro”

Max Horkheimer

Filósofo alemão, Max Horkheimer (1895-1973) é aclamado como um dos “pais fundadores” da Escola de Frankfurt/Teoria Crítica (Freitag, 1986; Jay, 2008). Cofundador do instituto, em 1923, é, talvez, “a voz sociológico-filosófica mais célebre da geração de ouro da escola”, “a mente por trás do Materialismo interdisciplinar”, ou mesmo “o genuíno inventor da Teoria Crítica” (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Nobre, 2004; Jay, 2008). Nascido em Stuttgart, Horkheimer tem decisiva e notável atuação junto à Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisas Sociais.

Dentre os feitos de Horkheimer junto à Escola de Frankfurt,

destaca-se sua atuação junto à Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*), título que passa a publicar ensaios e estudos da escola, entre 1932 e 1942, com reedições em 1960. Destaca-se ainda sua atuação junto à vinculação oficial da escola à Universidade de Frankfurt. Destaca-se também feito de especial grandeza: o de ter elaborado o programa de pesquisa da escola, o “materialismo interdisciplinar”. Destaca-se sobremaneira feito ainda maior: o de invenção da “Teoria Crítica”, em célebre artigo de 1937, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, texto fundador da Escola de Frankfurt/Teoria Crítica (Rouanet, 1983; Freitag, 1986; Matos, 1993, 1995; Wiggershaus, 2002; Jay, 2008).

Em sua carreira acadêmica, Max Horkheimer acumula passagens junto ao cargo de Diretor da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social por dois mandatos, inicialmente, de 1930 a 1933, e, novamente, de 1949 a 1958 (Wiggershaus, 2002; Jay, 2008). Soma-se a isso sua passagem como Reitor da Universidade de Frankfurt, entre os anos de 1951 e 1953 (Wiggershaus, 2002; Jay, 2008). Quanto à sua gestão à frente da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social, é dito que a escola/o instituto se estabelece e vive seus “anos dourados”, sua “era de ouro”, seus “tempos áureos” (Wiggershaus, 2002; Ghiraldelli Jr, 2010).

Em seus constructos teóricos, Max Horkheimer se lança a fazer releituras de diversos filósofos, dentre eles, Marx, Hegel, Schopenhauer, dentre outros. Os interesses dos estudos de Horkheimer centram-se em diversos temas, dentre os quais, destacam-se Racionalidade, Epistemologia, Teoria Crítica e Dialética (Horkheimer, 1975, 2015a, 2015b; Adorno; Horkheimer, 1985).

As repercussões dos estudos horkheimeanos exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-fronteiras* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, Walter Benjamin, Erich Fromm, dentre outros. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre outros grandes nomes, dentre eles, destacadamente Christopher Lasch⁹¹, Karl-Otto Apel⁹² e Joe

⁹¹Christopher Lasch (1932-1994). Historiador americano. Obra (s) sugeridas (s): *A cultura do narcisismo* (1979), *O mínimo eu* (1983), *Refúgio num mundo sem coração* (1991), dentre outras.

⁹²Karl-Otto Apel (1922-2017). Filósofo alemão. Obra (s) sugeridas (s): *Transformações da Filosofia* (1973), *Teoria da verdade e ética do discurso* (1973), *O desafio da crítica total da razão* (1987), dentre outras.

Kincheloe⁹³.

Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Teoria tradicional e Teoria crítica*, *Teoria crítica: uma documentação*, *Eclipse da Razão*, *Dialética do Esclarecimento* (obra escrita em coautoria com Theodor Adorno).

Theodor Adorno

Nascido em Frankfurt, Alemanha, o filósofo Theodor Adorno (1903-1969) é reverenciado como um dos expoentes da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (Freitag, 1986; Jay, 2008). Geração decantada exatamente por, na condição de geração primeira e pioneira, exercer papel decisivo e crucial tanto na formulação como na disseminação da chamada Teoria Crítica (Rouanet, 1983; Freitag, 1986). Adorno tem reconhecida atuação e destacada produção junto à Escola de Frankfurt (Freitag, 1986).

Em sua carreira acadêmica, Theodor Adorno acumula passagens junto ao cargo de Diretor-adjunto e de Diretor da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social, entre os anos 1950 e 1960 (Wiggershaus, 2002; Jay, 2008). Sob sua gestão à frente da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social, é dito que a escola/instituto continua a viver seus “tempos áureos” (Ghiraldelli Jr, 2010).

Em seus constructos teóricos, Theodor Adorno se lança a fazer releituras de diversos filósofos, como Marx, Kant, Hegel, Freud, Schopenhauer, dentre outros. Os interesses dos estudos de Adorno centram-se em diversos temas, dentre os quais, Indústria Cultural, Cultura de Massa e Dialética (Adorno, 1962, 1969, 1998, 2002; Adorno; Horkheimer, 1985; Löwy; Varikas, 1992a).

As repercussões dos estudos adornianos exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-muros* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes notáveis, dentre eles, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Axel Honneth e Jürgen Habermas – seu assistente e um de seus discípulos mais “estimados” (Wiggershaus, 2002). No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais,

⁹³Joe Kincheloe (1950-2008). Educador e pesquisador americano. Obra (s) sugerida (s): *Teachers as researches* (1991), *Toward a critical politics of teacher thinking* (1993), *Critical Pedagogy primer* (2008), dentre outras.

destacadamente Christopher Lasch, Joe Kincheloe e Umberto Eco⁹⁴.

Dentre suas obras mais célebres, sobressaem-se *Indústria Cultural e Sociedade*, *Lições de Sociologia*, *Dialética do Esclarecimento* (obra escrita em coautoria com Max Horkheimer).

De filósofo de renome à nome de prêmio. Desde 1977, em homenagem a Adorno, em Frankfurt⁹⁵ (Alemanha), se concede o Prêmio Theodor Adorno (Wiggershaus, 2002). Prêmio concedido a cada 3 anos, em cada 11 de setembro, data de nascimento de Adorno. Prêmio destinado a personalidades que se destacam no campo das humanidades, da Filosofia às Artes. Dentre os laureados, grandes nomes das artes e do pensamento contemporâneo. Nomes da sociologia, como Norbert Elias (vencedor em 1977), Leo Löwenthal (vencedor em 1989) e Zygmunt Bauman (vencedor em 1998), personalidades das artes, como o cineasta Jean-Luc Godard (vencedor em 1995), e nomes da filosofia, como Jürgen Habermas (vencedor em 1980), Jacques Derrida (vencedor em 2001) e Judith Butler (vencedora em 2012), dentre outros (as).

Erich Fromm

Filósofo, psicanalista e sociólogo alemão, Erich Fromm (1900-1980) é reconhecido como um dos nomes de proa da primeira geração do instituto, a “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (Rouanet, 1983; Freitag, 1986). Nascido em Frankfurt, Fromm tem atuação destacada junto à Escola de Frankfurt (Freitag, 1986).

Em seus trabalhos, Erich Fromm se dedica a fazer releituras de diversos pensadores, destacadamente de Marx e Freud, dentre outros. Os interesses dos estudos de Fromm centram-se em diversos temas, principalmente Psicologia Social e Filosofia Humanista (Fromm, 1965, 1977, 1983).

As repercussões de suas reflexões exercem influência direta e/ou indireta sobre outros teóricos frankfurtianos, dentre os quais, destacadamente Theodor Adorno. Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Ter ou Ser*, *Meu Encontro com Marx e Freud*, *A Crise da*

⁹⁴Umberto Eco (1932-2016). Filósofo, linguista e escritor italiano. Obra (s) sugeridas (s): *Apocalípticos e integrados* (1964), *Como se faz uma tese* (1977), *O nome da rosa* (1980), *Os limites da interpretação* (1987), dentre outras.

⁹⁵Prêmio oficialmente concedido pela Prefeitura de Frankfurt, Alemanha.

Psicanálise, Psicanálise e Sociedade Contemporânea (Fromm, 1965, 1977, 1983, 1987).

Friedrich Pollock

Outro expoente da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt é Friedrich Pollock (1894-1970) (Freitag, 1986; Jay, 2008). Economista, filósofo e sociólogo alemão, Pollock é reconhecido como um dos cofundadores do instituto (Freitag, 1986; Jay, 2008). Nascido em Freiburg, Pollock tem atuação destacada junto ao instituto frankfurtiano (Freitag, 1986).

Em sua produção, Friedrich Pollock se lança a fazer releituras de diversos filósofos, como Marx e Weber, dentre outros. Os interesses dos estudos de Pollock centram-se em diversos temas, com destaque para Capitalismo de Estado, Teoria Crítica e Socialdemocracia.

As repercussões de seus constructos exercem influência direta e/ou indireta sobre outros teóricos frankfurtianos, dentre eles, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Jürgen Habermas e Franz Neumann. Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *As Consequências Econômicas e Sociais da automação*, *Escritos Marxistas*, *Experiência em Grupo e Outros Escritos – A Escola de Frankfurt* (obra escrita em coautoria com Theodor Adorno).

Leo Löwenthal

O sociólogo alemão Leo Löwenthal (1900-1993) é considerado um dos célebres quadros da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (Freitag, 1986; Jay, 2008). Geração responsável pela formulação e disseminação da chamada Teoria Crítica (Rouanet, 1983; Freitag, 1986). Oriundo de Frankfurt, Löwenthal tem atuação notável junto à escola alemã (Freitag, 1986).

Em seus constructos teóricos, Löwenthal se dedica a fazer releituras de diversos filósofos, destacadamente de Marx, Kant, Hegel, dentre outros. Seus interesses de estudos centram-se em diversos temas, dentre os quais, Sociologia da Literatura e Cultura de Massa.

As repercussões de seus estudos exercem influência direta e/ou indireta sobre outros teóricos frankfurtianos, dentre os quais,

destacadamente Jürgen Habermas. Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Literatura e Cultura de Massa*, *Literatura, Cultura Popular e Sociedade*, *A margem – Teoria Crítica e Sociologia da Literatura*.

Herbert Marcuse

Filósofo e sociólogo alemão, Herbert Marcuse (1898-1979), também é aclamado como um dos quadros mais ilustres da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (Freitag, 1986; Jay, 2008). Geração que entrou para a eternidade pelo seminal e decisivo papel na formulação e disseminação da chamada Teoria Crítica (Rouanet, 1983; Freitag, 1986).

Em seus constructos teóricos, Herbert Marcuse se lança a fazer releituras de diversos filósofos, principalmente Marx, Freud, Hegel, dentre outros. Os interesses dos estudos de Marcuse são focados em diversos temas, dentre os quais, Técnica e Ideologia, Razão e Emancipação e Razão e Colonização (Marcuse, 1968, 1986, 2015).

As repercussões dos estudos marcuseanos exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-fronteiras* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, destacadamente Jürgen Habermas. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes de relevo, dentre os quais, destacadamente Raymond Geuss⁹⁶, Paulo Freire⁹⁷ e Angela Davis⁹⁸.

Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Rumo a uma Teoria Crítica da Sociedade*, *A Ideologia da Sociedade Industrial*, *Marxismo, Revolução e Utopia*, *Eros e a Civilização*, *O homem unidimensional*. Por sua obra *O homem unidimensional*, destacada como sua *magnum opus*, Herbert Marcuse foi saudado efusivamente por jornais e revistas mundo afora como símbolo literário maior da nova esquerda, como um dos

⁹⁶Raymond Geuss (1946-). Filósofo norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The idea of Critical Theory: Habermas & Frankfurt School* (1981), *Changing the subject: Philosophy from Socrates to Adorno* (2017), *Philosophy and real politics* (2008), dentre outras.

⁹⁷Paulo Freire (1921-1997). Educador e filósofo brasileiro. Obra (s) sugeridas: *Education for critical consciousness* (1965), *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Pedagogia da esperança* (1992), *Pedagogia libertadora* (1995), *Pedagogia da autonomia* (1996), dentre outras.

⁹⁸Angela Davis (1944-). Filósofa e pensadora norte-americana. Obra (s) sugeridas (s): *Marxism, revolution and peace* (1977), *Mulheres, raça e classe* (1981), *A liberdade é uma luta constante* (2015), dentre outras.

pensadores mais convictos do nosso tempo.

Walter Benjamin

Filósofo e sociólogo alemão, Walter Benjamin (1892-1940) é saudado como um dos mais brilhantes quadros que a Escola de Frankfurt já produziu (Freitag, 1986; Jay, 2008). De rija têmpera, personalidade forte, Benjamin é descrito por vezes como “criativo”, “original”, “inquieto”, “inspirador”, “gênio indomável” (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002; Arendt, 2008; Eilenberger, 2019). É associado à “geração de ouro” da escola, responsável por tecer e disseminar a Teoria Crítica (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002). Demasiado humano, parafraseando Nietzsche (2005)⁹⁹, se por um lado, Benjamin tem sua obra atravessada por glórias intelectuais, por outro, tem sua vida marcada por toda sorte de infortúnios pessoais (Wiggershaus, 2002; Arendt, 2008; Eilenberger, 2019). Talvez por isso, parafraseando Galeano (2018)¹⁰⁰, seja, de Frankfurt, o mais humano dos imortais.

Devido às vicissitudes de sua vida, de se ver às voltas com os teóricos/teorias da escola – concordâncias e discordâncias – e de se ver às turras com as reviravoltas da vida – fugas e exílios –, Benjamin é visto como “um colaborador distante” da escola (Wiggershaus, 2002). Tudo isso, sem, no entanto, deixar de se sublinhar seu decisivo e marcante legado junto à Teoria Crítica (Wiggershaus, 2002). Tudo isso, sem, contudo, deixar de se reconhecer sua acolhida e repercussão em Frankfurt – Horkheimer e Adorno, por exemplo, tomavam-lhe em elevada conta, cada um ao seu modo (Wiggershaus, 2002). Nascido em Berlim, Benjamin é reconhecido do Meno ao Atlântico, ainda em nossos tempos. Suas obras são alvo de grande audiência e interesse, ainda em nossos dias. Suas ideias atravessam o curso dos campos e dos tempos, permanecem vivas ainda hoje entre nós. Talvez por isso – por ser dono de uma obra viva e vívida –, parafraseando Guimarães Rosa (Rosa,

⁹⁹Friedrich Nietzsche (1844-1900). Filósofo, pensador e escritor alemão. Obra (s) sugerida (s): *Humano, demasiado humano* (1886), dentre outras.

¹⁰⁰Eduardo Galeano (1940-2015). Escritor e jornalista uruguaio. Obra (s) sugerida (s): *Fechado por motivo de futebol* (2018), dentre outras.

1967)¹⁰¹, se possa dizer: Benjamin não morreu, ficou encantado.

Em seus constructos teóricos, Walter Benjamin revisita obras de diversos filósofos, destacadamente de Marx, Kant, Weber, e outros mais. Os interesses dos estudos de Benjamin centram-se em diversos temas, principalmente Teoria da Literatura, Teoria da História, Memória e a Filosofia da História (Benjamin, 1985, 2014; Löwy, 1992b, 2002a, 2005).

As repercussões dos estudos benjaminianos exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-muros* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, Theodor Adorno, Jürgen Habermas e Herbert Marcuse. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes notáveis, dentre eles, Marc Bloch¹⁰², Hannah Arendt, Cesare Cases¹⁰³, Michel Löwy¹⁰⁴, Joe Kincheloe e Byung-Chul Han¹⁰⁵.

Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*, *Passagens*, *Magia e Técnica*, *Arte e Política*.

Franz Neumann

Advogado, cientista político e filósofo, Franz Neumann (1900-1954) é descrito como um dos quadros de destaque da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt (Freitag, 1986; Jay, 2008). Nascido em Katowice, Polônia, Neumann tem atuação destacada junto à escola alemã (Freitag, 1986).

Franz Neumann usou seus estudos para fazer releituras de

¹⁰¹João Guimarães Rosa (1908-1967). Escritor, médico e diplomata brasileiro. Obra (s) sugerida (s): *Discurso de posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras* (1967), dentre outras.

¹⁰²Marc Bloch (1886-1944). Historiador francês. Exponente da chamada Escola dos Annales. Obra (s) sugerida (s): *Os reis taumaturgos* (1924), *A sociedade feudal* (1939), *Apologia da História ou o Ofício do historiador* (1949), dentre outras.

¹⁰³Cesare Cases (1920-2005). Filósofo e pensador italiano. Obra (s) sugerida (s): *Su Lukács: vicende di un'interpretazione* (1985), *Ade, ihr Zöpfe der Loreley: über Deutschland, die Deutschen und die deutsche Literatur* (1996), dentre outras.

¹⁰⁴Michel Löwy (1908-1967). Sociólogo e pensador brasileiro, radicado na França. Obra (s) sugerida (s): *Benjamin, Habermas e a Modernidade* (1992), *Walter Benjamin: aviso de incêndio* (2001), *A filosofia da história de Walter Benjamin* (2002), dentre outras.

¹⁰⁵Byung-Chul Han (1959-). Filósofo sul-coreano, radicado em Alemanha. Obra (s) sugerida (s): *Sociedade do cansaço* (2010), *No exame: perspectivas do digital* (2018), *Agonia do Eros* (2012), *Sociedade da transparência* (2012), dentre outras.

diversos filósofos, como Marx, Freud, Hegel, dentre outros. Os interesses de Neumann centram-se em diversos temas, dentre os quais, Direitos Sociais, Democracia e Estado Autoritário e Socialdemocracia.

As repercussões dos constructos de Neumann exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-fronteiras* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, destacadamente Jürgen Habermas. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes de destaque, dentre eles, Raul Hilberg¹⁰⁶ e Charles Mills¹⁰⁷.

Dentre suas obras mais célebres, destacam-se *Democracia Alemã, A Democracia e o Estado Autoritário*.

Otto Kirchheimer

Natural de Heilbronn, Alemanha, o advogado e sociólogo alemão Otto Kirchheimer (1905-1965) é saudado como um dos maiores quadros da “geração de ouro” da Escola de Frankfurt. Dela oriundo, é descrito como um destacado quadro da era de formulação e disseminação da chamada Teoria Crítica/Escola de Frankfurt (Freitag, 1986; Wiggershaus, 2002).

Em seus constructos teóricos, Otto Kirchheimer faz releituras de diversos filósofos, dentre eles, destacadamente Marx, Freud, Hegel. Os interesses dos estudos de Kirchheimer centram-se em diversos temas, incluindo Direito Constitucional, Democracia e Socialdemocracia.

As repercussões dos estudos de Kirchheimer exercem influência direta e/ou indireta sobre teóricos *da e além-muros* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre os quais, destacadamente Jürgen Habermas. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes de destaque, dentre

¹⁰⁶Raul Hilberg (1926-2007). Historiador austríaco. Obra(s) sugerida(s): *The destruction of the european jews* (1961), *Perpetrators victims bystanders* (1992), *The anatomy of the Holocaust* (2019), *The politics of memory* (1996), dentre outras.

¹⁰⁷Charles W. Mills (1916-1962). Sociólogo e pensador norte-americano. Obra (s) sugerida (s): *The power elite* (1956), *A imaginação sociológica* (1959), *Mass society and liberal education* (1954), *The marxists* (1962), dentre outras.

eles, destacadamente William Safran¹⁰⁸.

Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Justiça Política, Política, Lei e Mudança Social*.

Segunda geração: o (s) “herdeiro (s) crítico (s)”

Jürgen Habermas

Filósofo e sociólogo alemão, Jürgen Habermas (1929-dias atuais) é aclamado como o expoente maior da “segunda geração” da Escola de Frankfurt (Wiggershaus, 2002; Souza, 2009). Sua geração é vista como a que reclama para si a tarefa de dar continuidade à tradição da Teoria Crítica, contudo repensando-a, aperfeiçoando-a, reassentando-a em novas bases (Freitag, 1986). É visto, segundo alguns, como aquele que estabelece uma espécie de relação de “idas” e “vindas” com Frankfurt (Müller-Doohm, 2016). Ou, conforme outros, como uma espécie de verdadeiro “herdeiro-crítico” da escola alemã (Haddad, 1997). De consenso, o que se tem é que Jürgen Habermas, de Düsseldorf, Alemanha, é, sem dúvida, o pensador alemão vivo mais influente de nosso tempo.

Em sua carreira acadêmica, Jürgen Habermas acumula passagens junto ao cargo de Codiretor e Diretor do Instituto Max Planck, em Alemanha, entre os anos de 1971 e 1982 (Mccarthy, 1992; Wiggershaus, 2002; Pinzani, 2009; Specter, 2010; Müller-Doohm, 2016). Diz-se que mesmo à frente do Max Planck, ao seu modo, Habermas não deixou de voltar seu olhar nem se furtou de colaborar com a Escola de Frankfurt/Teoria Crítica.

Em seus constructos teóricos, Jürgen Habermas faz releituras de diversos filósofos, destacadamente de Marx, Kant, Hegel, Weber, Adorno, Marcuse, Karl-Otto Apel, Talcott Parsons¹⁰⁹, dentre outros. Os

¹⁰⁸William Safran (1930-). Cientista político alemão. Obra(s) sugerida(s): *The French polity* (1977), *Nationalism & Ethnic politics* (1996), *Identity and territorial autonomy in plural societies* (2000), *Language, Ethnic identity and the State* (2005), dentre outras.

¹⁰⁹Talcott Parsons (1902-1979). Sociólogo e pensador norte-americano. Obra (s) sugerida (s): *The social system* (1951), *Sociological theory and modern societies* (1967), *On building social systems theory* (1974), *Social systems and the evolution of action* (1977), *Action theory and the human condition* (1978), dentre outras.

interesses dos estudos de Habermas centram-se em diversos temas, dentre eles, Técnica e Ideologia, Comunicação, Epistemologia, Racionalidade, Democracia Deliberativa, Esfera Pública e Sociedade, dentre outros (Habermas, 1987a, 1987b, 2000, 2001, 2009, 2012; Löwy, 1992b, 1999).

As repercussões dos estudos habermasianos exercem influência *na e além-muros* da escola alemã. Em Frankfurt, exercem influência direta e/ou indireta sobre grandes nomes, dentre eles, Claus Offe¹¹⁰, Albrecht Wellmer¹¹¹, Alfred Schmidt¹¹², Axel Honneth – seu assistente e visto como um de seus discípulos (críticos) –, dentre outros. No mundo, exercem influência direta e/ou indireta sobre nomes de relevo, dentre os quais, Niklas Luhmann¹¹³, Manuel Castells¹¹⁴, Michael Friedman¹¹⁵, Pedro Demo¹¹⁶, Raymond Geuss, Michel Löwy, dentre outros.

Suas obras, em linhas gerais, atravessam o curso dos tempos e dos campos, alcançando nossos dias. São obras mundialmente lidas e traduzidas. Dentre suas obras mais célebres, destacam-se *Mudança Estrutural da Esfera Pública, Técnica e Ciência como Ideologia, Conhecimento e Interesse, Discurso Filosófico da Modernidade, Teoria da Ação Comunicativa* (sua *magnum opus*), dentre outras.

¹¹⁰Claus Offe (1940-). Sociólogo e pensador alemão. Obra (s) sugerida (s): *Contradictions of the welfare state* (1984), *Disorganized capitalism* (1985), *Trabalho & Sociedade* (1989), *Europe entrapped* (2015), *Europe in der falle* (2016), dentre outras.

¹¹¹Albrecht Wellmer (1933-2018). Filósofo e sociólogo alemão. Obra (s) sugerida (s): *Critical theory of society* (1971), *Teoria crítica de la sociedad y positivismo* (1979), *Sobre la dialéctica de modernidade y postmodernidad* (1985), *Ética y diálogo* (1986), dentre outras.

¹¹²Alfred Schmidt (1931-2012). Filósofo alemão. Obra (s) sugerida (s): *The concept of nature in Marx* (1971), *Die kritische theorie als geschichtssphilosophie* (1976), *Oltre il materialismo storico* (1981), dentre outras.

¹¹³Niklas Luhmann (1927-1998). Sociólogo alemão. Obra(s) sugerida(s): *Soziale systeme* (1984), *Theory of society* (1997), *Soziologische aufklärung 4* (1987), *Introduction to systems theory* (1991), *Die wissenschaft der gesellschaft* (1992), *Die kunst der gesellschaft* (1995), dentre outras.

¹¹⁴Manuel Castells (1942-). Sociólogo espanhol. Obra (s) sugerida (s): *A sociedade em rede* (2000), *A galáxia internet* (2003), dentre outras.

¹¹⁵Michael Friedman (1947-). Filósofo norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The kantian legacy in nineteenth-century science* (2006), *Rational reconstruction, explication and the rejection of metaphysics* (2012), dentre outras.

¹¹⁶Pedro Demo (1941-). Sociólogo, educador e pensador brasileiro. Obra (s) sugerida (s): *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas* (1994), *Pobreza política* (1994), *Educar pela pesquisa* (2000), dentre outras.

Terceira geração: a “Teoria Crítica hoje”

Axel Honneth

Filósofo e sociólogo alemão, Axel Honneth (1949-dias atuais) é saudado como o expoente máximo da “terceira geração” da Escola de Frankfurt. Sua geração, assim como a de Habermas, é vista como a que reclama para si a tarefa de dar continuidade à tradição da Teoria Crítica, contudo repensando-a, aperfeiçoando-a, reassentando-a em novas bases. Nascido em Essen, Honneth tem notável produção e atuação junto à escola alemã.

Em sua carreira acadêmica, Axel Honneth acumula passagens junto ao cargo de Diretor da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa Social, entre os anos de 2001 e 2018¹¹⁷. Sob sua gestão à frente da Escola de Frankfurt/Instituto de Pesquisa, é dito que a escola se torna mais “hegeliana” em seus estudos e reflexões essenciais, diz-se ainda que o instituto avança em seus temas e investigações.

Em seus constructos teóricos, Honneth revisita a obra de diversos filósofos, dentre os quais, Hegel, Adorno e Habermas. Os interesses dos estudos de Honneth atravessam os mais diversos temas, dentre os quais Filosofia Social, Política, Moral, Relações de Poder e Reconhecimento e Sociedade Capitalista – sendo um dos pensadores mais citados no mundo no âmbito destes temas (Bosco, 2009; Honneth, 1999, 2009).

As repercussões dos estudos de Honneth exercem influência *na e além-muros* da escola alemã. Exercem influência direta e/ou indireta sobre diversos campos e teóricos (as) contemporâneos (as). Dentre suas obras mais relevantes, destacam-se *Luta Pelo Reconhecimento*, *Reificação*, *Teoria Crítica*, *Patologias da Razão*.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um quadro-síntese das influências teóricas e interesses de pesquisa dos chamados “frankfurtianos”, “teóricos de Frankfurt” e/ou “teóricos críticos”, em termos amplos (Quadro 1).

¹¹⁷Sucedido por Ferdinand Sutterlütty (1962-). Sociólogo alemão. Atual diretor do Instituto de Pesquisa Social/Escola de Frankfurt.

Quadro 1 – Os Frankfurtianos/Teóricos de Frankfurt: gerações, influências teóricas e interesses de estudos/pesquisas

Geração	Pensador	Influenciado por	Interesse de estudo/pesquisa
Primeira geração	Erich Fromm	Karl Marx; Sigmund Freud.	▪ Psicologia social; ▪ Filosofia humanista/Humanismo.
	Franz Neumann	Karl Marx; Sigmund Freud; Georg Hegel.	▪ Direitos sociais; ▪ Democracia e Estado autoritário; ▪ Social-democracia.
	Friedrich Pollock	Karl Marx; Max Weber.	▪ Capitalismo de Estado; ▪ Teoria crítica; ▪ Social-democracia.
	Herbert Marcuse	Karl Marx; Sigmund Freud; Max Weber.	▪ Técnica e ideologia; ▪ Razão e emancipação; ▪ Razão e colonização.
	Leo Löwenthal	Karl Marx; Immanuel Kant; Georg Hegel.	▪ Sociologia da literatura; ▪ Cultura de massa.
	Max Horkheimer	Karl Marx; Georg Hegel; Arthur Schopenhauer.	▪ Racionalidade; ▪ Epistemologia; ▪ Teoria crítica; ▪ Dialética.
	Otto Kirchheimer	Karl Marx; Sigmund Freud; Georg Hegel.	▪ Direito constitucional; ▪ Democracia; ▪ Social-democracia.
	Theodor Adorno	Karl Marx; Immanuel Kant; Georg Hegel; Sigmund Freud; Arthur Schopenhauer.	▪ Indústria cultural; ▪ Cultura de massa; ▪ Dialética.
	Walter Benjamin	Karl Marx; Immanuel Kant; Max Weber.	▪ Teoria da literatura; ▪ Memória; ▪ Filosofia da história.
	Jürgen Habermas	Karl Marx; Immanuel Kant; Georg Hegel; Max Weber; Theodor Adorno.	▪ Técnica e ideologia; ▪ Comunicação; ▪ Epistemologia; ▪ Racionalidade; ▪ Democracia deliberativa; ▪ Esfera pública e sociedade.
Terceira geração	Axel Honneth	Georg Hegel; Theodor Adorno; Jürgen Habermas.	▪ Filosofia social; ▪ Política; ▪ Moral; ▪ Relações de poder; ▪ Reconhecimento e sociedade capitalista.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Ecos da Teoria Crítica nas Ciências Sociais Aplicadas

Das escolas de pensamento que o século XX consagrou, a Escola de Frankfurt (sua teoria e seus teóricos) é, decerto, a que atraindo

maior interesse e audiência frente às demais¹¹⁸, em termos claramente expressos¹¹⁹, ontem e hoje.

Em termos amplos, a Escola de Frankfurt (sua teoria e seus teóricos), é a escola de pensamento mais buscada junto às pesquisas virtuais no mundo, segundo dados do Google Trends¹²⁰ (60% da média) – mais que o dobro de suas contemporâneas¹²¹ (Google Trends, 2022). É também a escola de pensamento com o maior fator de impacto junto à Web of Science¹²² (23.220 mil itens) – mais que o quádruplo de suas contemporâneas¹²³ (Wof, 2022). Também é a escola de pensamento com o maior fator de impacto junto à Scopus¹²⁴ (1.519 mil itens) – mais que o quádruplo de suas contemporâneas¹²⁵ (Scopus, 2022). É ainda a escola

¹¹⁸Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago e à Escola dos Annales, escolas contemporâneas da Escola de Frankfurt.

¹¹⁹*Em termos claramente expressos* através de algum uso dos nomes das escolas pesquisadas (Escola de Frankfurt, Escola de Chicago e Escola dos Annales), em suas versões em inglês e português, junto às plataformas/bases de dados pesquisadas (Google Trends, Web of Science, Scopus e BDTD).

¹²⁰*Google Trends* é uma ferramenta de busca do Google que filtra os termos mais buscados e/ou mais populares de um dado período (hora (s) /dia (s) /mês (es) /ano (s)) na internet (Google Trends, 2022).

¹²¹Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (20% da média de buscas) e à Escola dos Annales (20% da média de buscas) (período 2004-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à plataforma Google Trends (2022).

¹²²*Web of Science* ou WoS é uma base de dados que dá acesso a outras bases, a dados bibliográficos e a dados de citações de diversos campos científicos. Criada em 1997, abrange mais de 50 mil livros acadêmicos, 12 mil periódicos/revistas e 160 mil anais de conferências das Ciências Médicas às Sociais. Originalmente criada pelo Institute for Scientific Information (ISI), atualmente, é administrada pelo grupo Clarivate Analytics (Oxley, 1998; Wos, 2022).

¹²³Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (616 itens) e à Escola dos Annales (4.248 mil itens) (período 1972-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à base de dados Web of Science (2022).

¹²⁴*Scopus* é uma base de dados bibliográficos e de citações de diversos campos científicos. Criada em 2004, abrange mais de 19 mil títulos, 5 mil editoras internacionais e 16 mil periódicos/revistas das Ciências Médicas às Sociais. Atualmente, é administrada pelo grupo Elsevier (Scopus, 2022).

¹²⁵Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (357 itens) e à Escola dos Annales (201 itens) (período 1981-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à base de dados Scopus (2022).

de pensamento com o maior fator de impacto junto à BDTD (348 teses/dissertações) – mais que o dobro de uma de suas contemporâneas¹²⁶ (BDTD, 2022). Também é a “escola-de-pensamento-tema-de-livro” de grande fator de impacto junto ao mercado editorial – única a figurar entre *best-sellers*¹²⁷ de 2021, com mais de 1 milhão de livros vendidos nos Estados Unidos, líder das listas de *best-sellers* do *New York Times* (NYT, 2021), da *Amazon americana* (Amazon, 2021) e do *Wall Street Journal* (WSJ, 2021). É ainda uma das mais tematizadas, quiçá a mais tematizada, dentre as escolas de pensamento junto a conferências, encontros, jornadas, simpósios, palestras, congressos, cursos, workshops, seminários, fóruns e demais eventos, realizados no Brasil e no mundo.

No campo das Ciências Sociais Aplicadas¹²⁸, o panorama de audiência da Escola de Frankfurt (sua teoria e seus teóricos) é a um só tempo desafiador e promissor, ontem e hoje. Do lado desafiador, os indicadores apontam que é possível *ir além*. Há todo um potencial do legado da Escola de Frankfurt (sua teoria e seus teóricos) a ser acessado e explorado junto às Ciências Sociais Aplicadas. É nele, por exemplo, que a escola de pensamento amarga menor desempenho em termos de fator de impacto junto à Web of Science (2.885 mil itens), se comparado aos seus próprios índices em termos globais junto à plataforma (23.220 mil itens) – decresce 8 vezes de tamanho (Wof, 2022).

Do lado promissor, os índices revelam que há progressos à vista. É no campo das Ciências Sociais Aplicadas que a Escola de Frankfurt, por outro lado, registra seus melhores índices em termos de interesse e audiência frente às demais escolas de pensamento¹²⁹. É a escola que registra maior fator de impacto junto à Web of Science (2.885 mil itens)

¹²⁶Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (259 teses/dissertações) e à Escola dos Annales (104 teses/dissertações) (período 1985-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Escola de Chicago” (expressão em português) e “Escola dos Annales” (expressão em português) junto à plataforma BDTD (2022).

¹²⁷Devido ao livro “American Marxism”, de Mark Levin, de 2021. Alvo de elogios e de duras críticas, o livro faz uma leitura controversa sobre a influência das ideias e dos teóricos da Escola de Frankfurt na América, em termos amplos (Levin, 2021).

¹²⁸Classificação inspirada nos campos/áreas listados junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (CNPQ, 2022).

¹²⁹Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago e à Escola dos Annales, escolas contemporâneas da Escola de Frankfurt.

– 28 vezes maior que suas contemporâneas¹³⁰ (Wof, 2022). Também é a escola que registra maior fator de impacto junto à Scopus (928 itens) – mais que o dobro de suas contemporâneas¹³¹ (Scopus, 2022). É ainda a escola que registra maior fator de impacto junto à BDTD (65 teses/dissertações) – mais que o dobro de uma de suas contemporâneas¹³² (BDTD, 2022).

A título de informação, apresentamos quadro ilustrativo das influências da Teoria Crítica/Escola de Frankfurt em termos de produtividade junto aos campos¹³³ das Ciências Sociais Aplicadas (Quadro 2).

Em sentido amplo, o cenário em tela evidencia que o binômio Teoria Crítica e Ciências Sociais Aplicadas *pode sem mais*. Seu gradual êxito (2.885 mil itens; 12,42%), se comparado aos seus próprios índices globais (23.220 mil itens; 100%), nos últimos cinquenta anos (1972-2022), junto à Web of Science (Wof, 2022) por exemplo, legitima esta asserção. Tal cenário sugere, pois, que ainda há um potencial do legado da Teoria Crítica (teóricos, teorias, modelos críticos) a ser acessado e explorado junto às áreas e campos que integram as Ciências Sociais Aplicadas.

¹³⁰Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (94 itens) e à Escola dos Annales (99 itens) (período 1972-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à base de dados Web of Science (2022).

¹³¹Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (311 itens) e à Escola dos Annales (108 itens) (período 1981-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Chicago School Sociology” (expressão em inglês) e “Annales School” (expressão em inglês) junto à base de dados Scopus (2022).

¹³²Refere-se, especificamente, à Escola de Chicago (32 teses/dissertações) e à Escola dos Annales (23 teses/dissertações) (período 1985-2022). Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Escola de Chicago” (expressão em português) e “Escola dos Annales” (expressão em português) junto à plataforma BDTD (2022).

¹³³Campos/áreas extraídos da classificação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (CNPq, 2022).

Quadro 2 – Teoria Crítica e Ciências Sociais Aplicadas: campos e produtividade

Teoria/ Escola de pensamento	Campo/área do conhecimento	Quantitativo de produtividade
<i>Teoria Crítica/ Escola de Frankfurt</i>	Administração	402
	Arquitetura e Urbanismo	48
	Comunicação	68
	Ciência da Informação	53
	Demografia	16
	Direito	113
	Economia	1130
	Multidisciplinar	1000
	Planejamento Urbano e Regional	38
	Turismo	17
Total	10	2885

Fonte: WoS (2022) ¹³⁴; CNPq (2022) ¹³⁵

Reconhecida em todo o mundo, a Escola de Frankfurt ergue-se como sinônimo da “Teoria Crítica”, seu símbolo e expressão maior (Freitag, 1986). Revela-se como projeto teórico promissor para se pensar e problematizar os fenômenos, transformações e estado de coisas de diversos campos e dos tempos contemporâneos. Projeta-se enquanto eixo promissor para reassentar discussões e investigações em novas bases, sobretudo no campo das Ciências Sociais Aplicadas. Revela-se como eixo promissor para reassentar discussões e investigações em novas bases no campo da Ciência da Informação, entre os quais, rumo e avanço em direção a uma Teoria Crítica da Informação.

¹³⁴Resultados obtidos via pesquisa através da expressão “Frankfurt School” (expressão em inglês) junto à base de dados Web of Science (2022). Período 1972-2022. Levantamento realizado em 02/09/2022.

¹³⁵Campos/áreas refinados (considerados os que pontuaram em produtividade (10 campos)), dentre os (13 campos) listados junto à classificação da grande área Ciências Sociais Aplicadas, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2022).

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas deste capítulo (Figura 3).

Figura 3 – Mapa Capítulo 3



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Capítulo 4

DA TEORIA MATEMÁTICA À TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: UMA HISTÓRIA DO PENSAMENTO INFORMACIONAL

O capítulo em tela faz uma excursão histórica e epistemológica da Ciência da Informação. Enfatiza que a Ciência da Informação se configura, em termos amplos, como um campo de tradições e travessias teóricas, de teorias clássicas e emergentes, de teorias dominantes e promissoras. De partida, traz as “teorias clássicas/dominantes” da Ciência da Informação, a exemplo da “Teoria Matemática da Informação”, e seus possíveis diálogos junto à Teoria Tradicional. Na sequência, versa sobre as “teorias emergentes/promissoras” da Ciência da Informação, a exemplo da Teoria Crítica da Informação, e seus possíveis diálogos junto à Teoria Crítica.

Ciência da Informação: uma ciência entre tradições e travessias teóricas

É plausível sugerir, embora seja difícil precisar, as origens das coisas, das ideias e/ou das teorias que atravessam a história do pensamento informacional, seja na literatura nacional e/ou internacional de Ciência da Informação.

É possível entender, entre outras leituras, as coisas, ideias e/ou teorias válidas junto ao campo informacional a partir “delas mesmas e

suas circunstâncias”, parafraseando Ortega y Gasset (1966)¹³⁶. Ou seja, é possível entender as coisas, ideias e/ou teorias válidas em Ciência da Informação, por exemplo, a partir de suas origens, de suas influências teóricas e de seus contextos (geopolíticos/ sócio-históricos /científico-tecnológicos).

É válido dizer, à luz dessa leitura, que a história da Ciência da Informação, das coisas, ideias e teorias associadas à Ciência da Informação, se confunde com a própria história da humanidade no século XX. De uma maneira ou de outra, são todos (as) parte de uma mesma história, do mesmo espírito de um tempo (teorias, tecnologias, eventos, inventos, cientistas e acontecimentos de um tempo).

É possível ler a história das teorias associadas ao campo, em particular, a partir da própria história e/ou biografia dos *teóricos*, *teorias* e *eventos científicos* do campo informacional ao longo do século XX e além. De uma maneira ou de outra, são todos (as) parte de uma mesma história, do mesmo espírito de um tempo, de uma história marcada por tradições e travessias teóricas.

O período pós-guerra representou um período decisivo para o mundo e considerado “o marco zero da Ciência da Informação” (Barreto, 2007, p. 3).

No mundo, em termos geopolíticos, representou o fim da II Guerra Mundial (1939-1945) e do mundo dividido entre bloco capitalista e bloco socialista (1945-1991) (Hobsbawn, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período em que os ventos sopravam a favor da *Teoria positivista* ou do *positivismo* (Giddens, 2012; Löwy, 2002b). No âmbito da ciência/tecnologia em geral, representou, em termos amplos, o período da “corrida científico-tecnológica” e/ou da “revolução da eletrônica”, via invenção do *Transistor*¹³⁷ (Laboratórios Bell), do *Memex*

¹³⁶José Ortega y Gasset (1883-1955). Filósofo espanhol. Obra (s) sugerida (s): *Meditaciones del Quijote* (1914), dentre outras.

¹³⁷*Transistor*, em linhas gerais, constitui um dispositivo eletrônico semicondutor encontrado, por exemplo, em satélites, espaçonaves, tecnologia eletrônica, telecomunicações e no prenúncio da era digital. Invenção desenvolvida em 1948, financiada pelo *Bell Labs* (Laboratórios Bell) (Estados Unidos). Tal invenção rendeu aos seus inventores John Bardeen, Walter Brattain e William Shockley o Nobel de Física de 1956. O termo “transistor” foi inspirado em termo cunhado por John R. Pierce (Gleick, 2013).

(Vannevar Bush¹³⁸), do *bit* (Claude Shannon¹³⁹), entre outros (Gleick, 2013).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos teórico-epistemológicos, representou o período de publicação de textos clássicos do campo. Textos de matriz norte-americana, que, segundo alguns, direta ou indiretamente, contribuíram decisivamente com o desenvolvimento teórico do campo (Araújo, 2014; Crippa, Mostafa, 2011; Pinheiro, Loureiro, 1995; Saracevic, 1996). Em 1945, se publica *As We May Think* (Como Podemos Pensar), de autoria do famoso cientista norte-americano Vannevar Bush – capa da revista *Time* (1944) –, marco dos estudos da problemática da informação científico-tecnológica de então (Barreto, 2007; Gleick, 2013). Em 1948, se publica *Cybernetics* (Cibernética), de autoria do cientista norte-americano Norbert Wiener¹⁴⁰, mais um marco dos estudos da problemática da “explosão informacional” de então, com sua teoria e representação matemática da informação (emissor-canal-receptor) (Gleick, 2013; Saracevic, 1996). E, em 1949, se publica o clássico *The Mathematical Theory of Communication* (Teoria Matemática da Comunicação), ou, para alguns, *Teoria Matemática da Informação*, de autoria dos cientistas norte-americanos Claude Shannon e Warren Weaver¹⁴¹, marco teórico do campo, texto clássico da Ciência

¹³⁸Vannevar Bush (1890-1974). Engenheiro e cientista norte-americano influente em Ciência da Informação. Pesquisador do famoso *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Estados Unidos. Foi contemporâneo de Norbert Wiener junto ao quadro docente do MIT. Por sua obra e feitos, chegou a ser capa da revista *Time*, de 1944. Obra(s) sugerida(s): *Science, the endless frontier* (1945), *Endless horizons* (1946), *The essential writings of Vannevar Bush* (2022), dentre outras.

¹³⁹Claude Shannon (1916-2001). Engenheiro, matemático e cientista da informação norte-americano. Pesquisador do famoso *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Estados Unidos. Chegou, a certa altura, a ser aluno de Norbert Wiener no MIT. Obra(s) sugerida(s): *Communication Theory of secrecy systems* (1949), dentre outras.

¹⁴⁰Norbert Wiener (1894-1964). Filósofo, matemático e cientista norte-americano influente em Ciência da Informação. Professor e pesquisador do famoso *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Estados Unidos. Desenvolveu estudos e pesquisas com Bertrand Russel na Universidade de Crambridge, Inglaterra. Foi contemporâneo de Vannevar Bush junto ao quadro docente do MIT. Chegou, a certa altura, a ser professor de Claude Shannon no MIT. Obra(s) sugerida(s): *The human use of human beings* (1950), *Cibernética y sociedad* (1952), dentre outras.

¹⁴¹Warren Weaver (1894-1978). Matemático e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *Theory of the vibration of rotating shafts* (1917), *The scientists speak* (1947), dentre outras.

da Informação (Araújo, 2011; Barreto, 2007; Saracevic, 1996). Teoria, em síntese, voltada à troca de sinais entre emissor-canal-receptor, assentada numa visão “fiscalista”, finita, mensurável e quantificável da transferência de informação. Seu contexto de surgimento carrega marcos e marcas inconfundíveis. Sobre elas, Araújo (2011, p. 527) esclarece:

[...] se insere num contexto teórico e científico marcado pelas demandas do governo e do exército norte-americano por sistemas de comunicação mais eficientes, por máquinas calculadoras e processadoras de informações, por cifras de códigos secretos, por sistemas de balística, por estratégias de cooptação de públicos, convencimento e planificação social.

A década de 1950 simbolizou um período marcante para o mundo e para a Ciência da Informação. Nela, destacadamente, o campo assentou suas bases em termos de agenda de pesquisa/estudos e se inclinou à inovação.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período da Guerra Fria, da escalada do mundo dividido entre bloco capitalista e bloco socialista (1945-1991) (Hobsbawn, 1995). No âmbito da ciência/tecnologia em geral, representou em termos amplos, o período de “corrida científico-tecnológica”, via *corrida espacial*, com lançamentos de satélites ao espaço (*Sputinik-1* e 2) (Hobsbawn, 1995). Representou o período de “corrida à automação”, de “otimismo tecnológico”, de “início da computação”, do desenvolvimento do computador comercial, o *IBM 305 RAMAC*¹⁴², em 1956 (NYT, 1956).

No âmbito da Ciência da Informação, dentre outras coisas, representou o período de realização de conferências científicas internacionais influentes sobre o campo, entre elas, a *International Conference on Scientific Information* (Conferência Internacional de Informação Científica), ocorrida em Washington, nos Estados Unidos, em 1958. Evento que contou com nomes influentes do campo, como

¹⁴²*Random Access Method Accounting and Control* (RAMAC), da *International Business Machines Corporation* (IBM), empresa estadunidense do ramo de informática (IBM, 2022).

Eugene Garfield¹⁴³, Douglas Forkett¹⁴⁴, Brian Vickery¹⁴⁵, Alexander Mikhailov¹⁴⁶, Jason Farradane¹⁴⁷, John Bernal¹⁴⁸, Calvin Mooers¹⁴⁹, Robert Fairthorne¹⁵⁰, entre outros (Araújo, 2014; Barreto, 2008; National Research Council, 1959). Em termos de agenda e estudos, representou o período de “corrida à recuperação da informação”, por assim dizer. De avanço dos estudos voltados à problemática da “explosão informacional”, com ênfase para inovações/soluções voltadas à “recuperação da informação”, sobretudo em informação científica e tecnológica, item central da agenda de agências científicas, de conferências científicas e de órgãos de Estado de então (Araújo, 2014; Saracevic, 1996; Lesk, 1996). Em termos histórico-epistemológicos, é dito que se trata do período em que o campo desenvolve sua noção de “cientista da informação”¹⁵¹, pelas mãos do pesquisador britânico Jason

¹⁴³Eugene Garfield (1925-2017). Bibliotecário e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *A Unified Index to Science* (1959), dentre outras.

¹⁴⁴Douglas Forkett (1918-2004). Bibliotecário e cientista da informação britânico. Obra(s) sugerida(s): *The Construction of a Faceted Classification for a Special Subject* (1959), *Training for Scientific Information Work in Great Britain* (1959) (coautoria com B. I. Palmer), dentre outras.

¹⁴⁵Brian Vickery (1918-2009). Químico, bibliotecário e cientista da informação australiano-britânico. Obra(s) sugerida(s): *Subject Analysis for Information Retrieval* (1959), *The Structure of Information Retrieval Systems* (1959), dentre outras.

¹⁴⁶Alexander Mikhailov (1905-1988). Engenheiro e pesquisador soviético influente em Ciência da Informação. Obra(s) sugerida(s): *On the Functioning of the All-Union Institute for Scientific and Technical Information of the USSR Academy of Sciences* (1959), dentre outras.

¹⁴⁷Jason Farradane (1906-1989). Químico, bibliotecário, documentalista e pesquisador britânico influente em Ciência da Informação. Obra(s) sugerida(s): *Training the Scientific Information Officer* (1959) (coautoria com A. B. Agard Evans), dentre outras.

¹⁴⁸John Bernal (1901-1970). Filósofo e cientista irlandês-britânico influente em Ciência da Informação. Obra(s) sugerida(s): *The Transmission of Scientific Information: A User's Analysis* (1959), dentre outras.

¹⁴⁹Calvin Mooers (1919-1994). Cientista da computação e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *A Mathematical Theory of Language Symbols in Retrieval* (1959), dentre outras.

¹⁵⁰Robert Fairthorne (1904-2000). Matemático e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *Algebraic Representation of Storage and Retrieval Languages* (1959), dentre outras.

¹⁵¹Nos termos de Farradane e do *Institute of Information Scientists* britânico, fundado em 1958, “[...] um cientista da informação [...] [é] [...] definido como alguém com graduação em ciência ou tecnologia, um segundo idioma e cinco anos de experiência em trabalho de informação [...]” (ISKO, 2019).

Farradane e outros, nos idos de 1958 - antes mesmo da consagração da noção de “Ciência da Informação” (ISKO, 2019). Marco dos estudos em recuperação da informação, em 1951, se publica *Zatocoding Applied to Mechanical Organization of Knowledge* (Zatocoding Aplicado à Organização Mecânica do Conhecimento), na então revista *American Documentation*¹⁵², de autoria do cientista da computação norte-americano Calvin Mooers (Saracevic, 1996). Nele, Mooers (1951, p. 25) esclarece do que se trata a agenda da “recuperação de informação”:

[...] *Recuperação de informação* abrange os aspectos intelectuais da descrição da informação e sua especificação para busca, e também quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas que são empregadas para realizar a operação. Recuperação de informação é crucial para a documentação e organização de conhecimento. [...] (tradução livre, grifo nosso)

A década de 1960 representou um período de grande salto para a humanidade, parafraseando frase imortalizada na década em tela por Neil Armstrong (1969)¹⁵³. Por extensão, representou um período de grande salto para a Ciência da Informação, tomando mais uma vez de empréstimo as palavras imortalizadas por Neil Armstrong (Armstrong, 1969). Nela, indiscutivelmente, a Ciência da Informação deu grande salto e/ou avançou rumo à sua consolidação enquanto disciplina/campo científico¹⁵⁴.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período dos *Movimentos contra a Guerra do Vietnã*, dos *Movimentos dos Direitos Civis*, nos Estados Unidos, dos movimentos do *Maião de 1968* de Paris, em França, dentre outros movimentos civis, culturais e estudantis de então

¹⁵²Originalmente *American Documentation*, atualmente *Journal of the American Society for Information Science* (JASIS).

¹⁵³Neil Alden Armstrong (1930-2012). Engenheiro aeroespacial norte-americano. Frase extraída de contato entre Neil Armstrong e a base da NASA (*National Aeronautics and Space Administration*) junto à missão espacial Apollo 11, em julho de 1969 (Armstrong, 1969).

¹⁵⁴Em linhas gerais, a literatura historiográfica do campo sugere a década de 1960 como sendo o período de elaboração de teorias, metodologias e conceitos mais sólidos e sustentados da Ciência da Informação. Como o período de consolidação do campo enquanto disciplina científica, em que pese, antes disso, os contributos fornecidos junto ao campo pela Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação (Pinheiro, Loureiro, 1995).

(Hobsbawn, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período da *Teoria Geral dos Sistemas*¹⁵⁵ ou *Teoria Sistêmica* junto ao imaginário social e científico (Giddens, 2012). No contexto da ciência/tecnologia em geral, representou o período de avanço da “corrida científico-tecnológica”, da *viagem do homem ao espaço* (o soviético Iury Gagarin, em 1961), e da *chegada do homem à lua* (o norte-americano Neil Armstrong, em 1969) (Hobsbawn, 1995). Representou o período de avanço à “corrida à automação”, de “otimismo tecnológico”, de ascensão do “computador comercial”, da “aurora do computador” (Gleick, 2013), da “era eletrônica” (Mcluhan, 1964; Ong, 1982), da dita “revolução da informação/comunicação” (Mcluhan, 1964), via “mãe da internet”, via *Arpanet*¹⁵⁶, em 1969 (Darpa, 2022).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos históricos, é dito que os anos 1960 marcam em definitivo o nascimento do campo enquanto “disciplina/campo científico” (Araújo, 2014; Pinheiro, Loureiro, 1995; Saracevic, 1996). Nele, diz-se que o campo se define de forma decisiva e sustentada enquanto “Ciência da Informação” (Araújo, 2014; Pinheiro, Loureiro, 1995; Saracevic, 1996). Ante isso, fruto dessa conjuntura, a “Ciência da Informação [nasce] contemporânea dos computadores” (Crippa, Mostafa, 2011).

Dentre outras coisas, a década de 1960 representou o período de realização de conferências científicas internacionais influentes sobre o campo, entre elas, as conferências do *Georgia Institute of Technology*, ocorridas em Atlanta, Geórgia, nos Estados Unidos, entre os anos de 1961 e 1962, também conhecidas como “Conferências do Georgia Tech”. Segundo muitos, “marco histórico” da Ciência da Informação (Garcia, 2002; Georgia Institute Of Technology, 1962; Taylor, 1966).

¹⁵⁵Teoria atribuída a Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972). Biólogo e cientista austríaco. Integrante do *Círculo de Viena*, escola de pensamento citada anteriormente. Considerado “pai da Teoria Geral dos Sistemas”. Diz-se que sua Teoria Sistêmica, desenvolvida desde os anos 1930, passa a ter destaque e influência somente nos anos 1960. Nesta fase, segundo alguns, já sob forte influência direta e/ou indireta da *Cibernética*, de Norbert Wiener (Gomes, Bolze, Bueno, Crepaldi, 2014).

¹⁵⁶*Arpanet*, em linhas gerais, constitui “[...] uma rede pioneira para compartilhamento de recursos digitais entre computadores separados geograficamente. Sua demonstração inicial em 1969 levou à Internet [...]” (DARPA, 2022). Foi criada originalmente pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), atualmente *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA), agência de pesquisas do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (Darpa, 2022).

Evento que contou com nomes influentes do campo, como Robert Taylor¹⁵⁷, Harold Borko¹⁵⁸, Dorothy Crosland¹⁵⁹, Edward Roberts¹⁶⁰, Vernon Crawford¹⁶¹, Jesse Shera¹⁶², entre outros (Barreto, 2008; Garcia, 2002; Georgia Institute of Technology, 1962). Em termos de estudo e de agenda, nesta fase o campo se inclina e avança ainda mais, em linhas gerais, aos estudos de recuperação da informação científica e técnica, via automação (Araújo, 2014; Lesk, 1996). Em termos teórico-epistemológicos, representou o período de publicação de textos clássicos do campo, textos de matriz soviética, norte-americana e as mais diversas, que, segundo alguns, direta ou indiretamente, contribuíram decisivamente com o desenvolvimento teórico do campo (Gomes, 1980; Pinheiro, Loureiro, 1995; Saracevic, 1996). Em 1963, se publica *The Informaton Sciences* (Ciências da Informação), e, em 1966, se publica *Professional Aspects of Information and Techonology* (Aspectos Profissionais da Informação e Tecnologia), ambos de autoria do cientista norte-americano Robert Taylor, textos históricos dos estudos teóricos e epistemológicos do campo (Taylor, 1963, 1966; Freire; Freire, 2015; Garcia, 2002; Pinheiro, Loureiro, 1995). Em 1966, se publica *Informatics*¹⁶³ – *new name for the theory of scientific information* (Informática – novo nome para a teoria da informação científica) de autoria dos cientistas soviéticos

¹⁵⁷Robert Taylor (1918-2009). Bibliotecário e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *The Information sciences* (1963), *Professional aspects of information and techonology* (1966), dentre outras.

¹⁵⁸Harold Borko (1922-2012). Cientista da computação e cientista da informação norte-americano. Obra (s) sugerida (s): *“Ciência da Informação: o que é isto”* (1968), dentre outras.

¹⁵⁹Dorothy Crosland (1903-1983). Bibliotecária e cientista da informação norte-americana. Obra(s) sugerida(s): *Georgia Tech and NSF study grant for training personnel for scientific and technical libraries* (1962), dentre outras.

¹⁶⁰Edward Roberts (1922-). Bibliotecário e cientista da informação norte-americano. Obra (s) sugerida (s): *The Georgia Tech Library's microfiche catalog*. (1973) (coautoria com John P. Kennedy), dentre outras.

¹⁶¹Vernon Crawford (1919-1994). Físico e pesquisador canadense influente em Ciência da Informação. Obra(s) sugerida(s): *Selected Speeches of Vernon D. Crawford*, 1971-1987 (1999), dentre outras.

¹⁶²Jesse Shera (1903-1982). Bibliotecário e cientista da informação norte-americano. Obra(s) sugerida(s): *Of librarianship, documentation and information science* (1968), *The sociological relationships of information science* (1971), *History and foundations of information science* (1977), dentre outras.

¹⁶³Tradução inglesa de *Informatika*, termo utilizado na União Soviética para se referir a Ciência da Informação (Gomes, 1980; Santos Junior, Pinheiro, 2010).

Alexander Mikhailov, Arkadii Chernyi e Rudhzero Gilyarewskyi, marco dos estudos históricos e epistemológicos do campo (Gomes, 1980; Mikhailov; Chernyi; Gilyarewskyi, 1966, 1980; Mikhailov, 1969; Santos Junior, Pinheiro, 2010). Em 1968, se publica o clássico *Information Science: what is it?* (Ciência da Informação: o que é isto?), do cientista norte-americano Harold Borko, texto que traz aquela que entrou para a eternidade como a “definição clássica” de Ciência da Informação (Borko, 1968; Araújo, 2014; Saracervic, 1996). Nele, a Ciência da Informação se deixa revelar em suas *dimensões científicas e práticas*. Se deixa revelar quanto ao seu *objeto/fenômeno de estudo*. Se deixar revelar enquanto *disciplina/campo de estudo* em seus termos essenciais. É traduzida por Borko (1968, p. 3) em célebre passagem, visão desde então influente entre nós:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima. A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. Isto inclui a pesquisa sobre a representação da informação em ambos os sistemas, tanto naturais quanto artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo do processamento e de técnicas aplicadas aos computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes. Têm ambos componentes, de ciência pura visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos (tradução livre, grifo nosso).

A década de 1970 representou um período marcante para mundo e de ampliação de horizontes para a Ciência da Informação –

entre eles, os horizontes teóricos. Nela, o campo parte e avança em direção a novas agendas de inovação, de estudos e de pesquisas.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período ainda sob o jugo da *Guerra Fria*, do mundo dividido em bloco capitalista e socialista (Hobsbawn, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período da *Teoria cognitivista* ou do *cognitivismo* à solta no ar. Representou o período de avanço ainda maior da “corrida científico-tecnológica”, da corrida espacial, via missão espacial americana *Viking I*, em 1975, da *National Aeronautics na Space Administration* (NASA) (Nasa, 2022), e, via rotas aeroespaciais do *Concorde*, primeiro avião supersônico comercial franco-britânico, pioneiro a cruzar os ares de Paris ao Rio de Janeiro e de Londres ao Bahrein, em 1976 (Air France, 2022; British Airways, 2022). Representou o período de avanço ainda maior do “otimismo tecnológico”, de apogeu do “computador comercial” (Gleick, 2013) e/ou da “era eletrônica” (Mcluhan, 1964; Ong, 1982).

Dentre outras coisas, a década de 1970 representou o período de realização de conferências científicas internacionais influentes sobre o campo, entre elas, a conferência *Theory and Application of Information Research*, ocorrida em Copenhague, na Dinamarca, em 1977, também conhecida como “Conferência de Copenhague”. Segundo alguns, “marco inaugural” do paradigma cognitivo junto à Ciência da Informação (Ingwersen, 1992). Evento que contou com grandes nomes do campo (Ingwersen, 1992; Araújo, Rolim, Marzan, Bitencourt, 2007). Em termos de estudo e de agenda, nesta fase o campo se inclina e avança ainda mais, em linhas gerais, aos estudos de recuperação da informação científica e técnica, via automação (Araújo, 2014; Lesk, 1996).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos teórico-epistemológicos, representou o período de forte influência das *Teorias cognitivas* ou *cognitivismo* junto a agenda de estudos do campo (Capurro, Hjørland, 2007; Saracevic, 1996). Em termos de agenda e estudos, é dito que se trata do período em que o campo se lança na direção da agenda “usuário-sistema”, do usuário em suas interações com os sistemas de recuperação de informação (Araújo, 2014; Saracevic, 1996). Sob estas bases o campo apresenta um “[...] enfoque científico homogêneo para estudo dos vários fenômenos que cercam a noção de informação, sejam eles encontrados nos processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas” (Saracevic, 1996, p. 46). É dito que esta fase representou o

período de iniciativas de formalização do campo da noção das propriedades da informação:

[...] Incluem-se aí, dentre outras, tentativas de se formalizarem as propriedades da informação pela aplicação da teoria da informação, da teoria das decisões e outros constructos da *ciência cognitiva*, da lógica e/ou da filosofia; várias formas de estudos de uso e de usuários; formulações matemáticas da dinâmica das comunicações [...] (Saracevic, 1996, p. 46, grifo nosso).

A década de 1980 representou um período decisivo de ampliação de horizontes e fronteiras no mundo e para a Ciência da Informação.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período que pôs fim à *Guerra Fria*. O mundo divido passa a ser um só. Cai o Muro de Berlim, entra a era da Globalização (Hobsbawn, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período das *Teorias da Administração* à solta no ar. Representou notadamente o período sem volta da “era da informática”, da comercialização do “celular”, dentre outras tecnologias. Representou, em termos amplos, o período sem volta do “otimismo tecnológico” e/ou da “era eletrônica” (Ong, 1982).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos teórico-epistemológicos, representou o período de forte influência das *Teorias da Administração*, de um lado, e de forte vigor ainda das *Teorias cognitivas* ou *cognitivismo* junto a agenda de estudos e pesquisas do campo (Capurro, Hjørland, 2007; Saracevic, 1996). Dentre outras coisas, nesta fase o campo se inclina e avança ainda mais, em linhas gerais, às bases do cognitivismo, mas já abrindo caminho para a “virada social” a vista no horizonte (Capurro, Hjørland, 2007; Saracevic, 1996).

A década de 1990 marcou um novo tempo para o mundo e tudo que nele habita, um novo tempo para a Ciência da Informação.

No mundo, em termos geopolíticos, representou o período da *Era da Globalização* e/ou Mundialização (Hobsbawn, 1995). O mundo divido agora é um só, da cultura à economia (Hobsbawn, 1995). No âmbito das ciências em geral, representou o período de ideias/teorias como a “vida digital” (Negroponte, 1995), “sociedade em rede” (Castells,

1999), “cibercultura” (Lévy, 1999) à solta no ar. Em termos de inventos/ inovações/ tecnologias, representou notadamente o período sem volta da “era da internet” (das redes de computadores aos negócios eletrônicos).

No âmbito da Ciência da Informação, a década de 1990 representou o período de realização de conferências científicas internacionais influentes sobre o campo, entre elas, a conferência *Conceptions of Library and Information Science*, ocorrida em Tampere, na Finlândia, em 1991, também conhecida como “Conferência de Tampere”. Segundo alguns, verdadeiro “marco” de uma “dramática mudança” rumo a uma visão mais humana e social junto à Ciência da Informação (Ingwersen, 1992). Evento que contou com nomes de proa do campo (Ingwersen, 1992; Araújo, Rolim, Marzan, Bitencourt, 2007). Em termos de estudo e de agenda, nesta fase o campo se inclina e avança ainda mais:

[junto a] questões científicas e prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais (Saracevic, 1996, p. 47).

No âmbito da Ciência da Informação, em termos teórico-epistemológicos, a década de 1990 representou o período de forte influência da “virada social” junto a agenda de estudos e pesquisas do campo (Capurro, Hjørland, 2007; Saracevic, 1996).

O século XXI, em termos amplos, marca uma nova era para o mundo e para a Ciência da Informação – era de novos desafios e perspectivas.

No mundo, em termos geopolíticos, trata-se de apogeu da *Globalização* (da política aos negócios) (Hobsbawn, 1995). No âmbito das ciências/ideias em geral, representou o período das *teorias e críticas tecnológicas* à solta no ar. Representou notadamente o período sem volta da “galáxia internet” (Castells, 2001).

A Ciência da Informação do novo milênio se inclina, em linhas gerais, às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e ao acesso remoto dos repertórios informacionais, seus efeitos e desafios. Com o novo milênio, surgem novas interações/redes sociais – Facebook (2004), Twitter (2006), WhatsApp (2009), Instagram (2010), entre outras –, todas no radar dos estudos e pesquisas informacionais.

Contudo, o novo milênio traz a cada novo dia, novos desafios para as Ciências, em geral, e, para a Ciência da Informação, em particular. A cada amanhecer, crises assolam o mundo: crises sanitárias, crises climáticas, crises econômicas, guerras híbridas, crises humanitárias, entre outras. A cada novo dia, desafios tocam a ciência: de um lado, obscurantismo, revisionismo, negacionismo e ciência desacreditada; por outro, “marcha da ciência”, “ciência combate pandemia (s)”, “ciência reacreditada” e mais. A cada amanhecer, crises de informação desafiam o mundo e a Ciência da Informação: com fake news, desinformação, infodemia, pós-verdade e outros mais.

Por tudo isso, a Ciência da Informação do século XXI se inclina, gradualmente, ainda que indiretamente, à tradição da Teoria Crítica (teoria e teóricos), abrindo caminho para uma agenda de pesquisa e inscrevendo no horizonte a possibilidade de nascimento de uma *Teoria Crítica da Informação*, muito além da *Teoria Matemática da Informação*.

Teoria Tradicional e Teoria Matemática da Informação

O problema fundamental da comunicação é reproduzir num determinado ponto, seja exata, seja aproximadamente, uma mensagem selecionada, num outro ponto.

Claude Shannon

Como típico a todo campo científico, a história intelectual da Ciência da Informação é marcada por tradições e travessias teóricas, por teorias clássicas e emergentes, por teorias dominantes e promissoras junto ao campo informacional.

Dentre as ditas teorias clássicas e/ou dominantes do campo, situa-se a *Teoria Matemática da Comunicação*. Para alguns de Ciência da Informação, simplesmente *Teoria Matemática da Informação* – assim tratada nas linhas a seguir.

Como próprio a toda obra clássica, diria o escritor Ítalo Calvino (Calvino, 1993), obra universal e atemporal, para qual se *recorre e retorna*, sobre a qual se *lê e relê*, e da qual não raro se extrai algo *novo* a cada leitura *nova*, assim é a Teoria Matemática da Informação. Obra inesgotável, cuja leitura e releitura, não raro, inspira algo novo, leitura nova, um eterno *algo a dizer*, “útil a tantos destinos” em Ciência da Informação e além, parafraseando Cecília Meireles (Meireles, 2013).

É possível ler, dentre as leituras possíveis, as origens da *Teoria Matemática da Informação* (Shannon; Weaver, 1949) associadas direta e/ou indiretamente às origens da *Teoria Tradicional* (Horkheimer, 1975). Isso porque, em termos amplos, ambas possuem influências teóricas comuns. Ambas são direta e/ou indiretamente fundadas por influências teóricas que dialogam e/ou remontam ao pensamento cartesiano e ao positivismo, ou seja, às bases de sustentação da Teoria Tradicional (Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Nesses termos, direta ou indiretamente influenciada pela Teoria Tradicional (Horkheimer, 1975) – teoria cartesiana/positivista –, a Teoria Matemática da Informação (Shannon; Weaver, 1949), em Ciência da Informação, se caracteriza como debitária (direta ou indiretamente) de uma clássica e dominante tradição teórica, que vai de Descartes a Comte¹⁶⁴, de Mach¹⁶⁵ a Popper, e assim por diante (Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Em sentido amplo, Teoria Matemática da Informação, exprime, em linhas gerais, uma teoria basicamente voltada à troca de sinais entre emissor-canal-receptor numa dada situação de comunicação (Shannon; Weaver, 1949). Trata-se de uma teoria assentada numa visão “fiscalista”, “finita”, “eficiente”, “mensurável” e “quantificável” da transferência de informação de um ponto a outro – desde a origem sua base e objetivo central (Shannon; Weaver, 1949).

¹⁶⁴Augusto Comte (1798-1857). Filósofo francês. Obra (s) sugerida (s): *Curso de filosofia positiva* (1830), *Discurso sobre o espírito positivo* (1844), dentre outras.

¹⁶⁵Ernst Mach (1838-1916). Filósofo e físico austríaco. Obra(s) sugerida(s): *The analysis of sensations and the relation of the physical* (1886), *The science of mechanics* (1893), dentre outras.

Em termos conceituais, a rigor, Teoria Matemática da Informação constitui uma teoria no campo das humanidades de cunho dedutivo, empirista, experimental, objetivista, positivista, tecnicista e neutro. Teoria que passa a ser apropriada e associada às Ciências Sociais Aplicadas, à Ciência da Informação, carregando todas as características empirista, experimental, eficiente, objetivista, positivista, tecnicista e neutra que lhe são próprias. Teoria que se funda e/ou se inspira em uma visão de mundo, uma ideia de *ciência*, uma ideia de *teoria*, uma ideia de *cientista* e uma ideia e/ou tradição *metodológica* marcadamente cartesiana e positivista no âmbito das ciências humanas e sociais aplicadas (Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Epistemologicamente, grosso modo, Teoria Matemática da Informação se inspira direta e/ou indiretamente em uma tradição teórica/metodológica puramente empirista, fisicalista, calculista, tecnicista. Em sendo assim, de inspiração direta e/ou indireta às bases da Teoria Tradicional, que por sua vez remontam às bases do pensamento cartesiano/positivista (Horkheimer, 1975; Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Em termos amplos, ao se pensar em Teoria Matemática da Informação deve se ter em mente de que se está diante, dentre outras coisas, de uma *teoria que se pretende e/ou se reduz à aplicação técnica/objetiva/neutra de troca de sinais* – nada além disso. Sobre isso, Shannon e Weaver (1949, p. 131) esclarecem:

O problema fundamental da comunicação é reproduzir em um ponto exatamente ou aproximadamente uma mensagem selecionada em outro ponto. Frequentemente as mensagens têm significado; isto é, elas se referem ou são correlacionadas a algum sistema com certas entidades físicas ou conceituais. Esses aspectos semânticos da comunicação são irrelevantes para o *problema de engenharia* (Shannon; Weaver, 1949, p. 31, grifo nosso, tradução livre)

Em tempo algum e/ou dificilmente a Teoria Matemática da Informação se pretende a algo para além do que é, para além dos domínios do instrumental, do mensurável, do quantificável, do técnico e

do eficaz. Tudo e/ou talvez tudo em matéria de Teoria Matemática da Informação se rende aos traçados e limites das tecnicidades e das probabilidades envolvidos à problemática da informação/comunicação de então (pós-1945). A Teoria Matemática da Informação, é, segundo alguns, uma *teoria unidimensional*, de direção e interesse pré-determinado, finalista e instrumental. Com isso, em tempo algum se está aqui a se fazer juízo de valor, abandonar ou mesmo diminuir a Teoria Matemática da Informação, cujos feitos são válidos e notáveis, ao seu modo e ao seu tempo. Na verdade, o que se está a fazer aqui é uma espécie de caracterização/desenho da Teoria Matemática da Informação, apresentando o que é, do que é feita, em que bases se apoia, quais fronteiras e limites possui. Dentre outros aspectos, eis alguns dos traçados e limites desta clássica teoria em Ciência da Informação, conforme esclarece Bezerra (2020, p. 187):

O alcance teórico proposto por Shannon é comentado no capítulo introdutório de Weaver, que divide os problemas da comunicação em três níveis: o primeiro refere-se à *precisão* com a qual os símbolos de comunicação podem ser transmitidos, caracterizando-se como um problema técnico; o segundo diz respeito à *precisão* com a qual os símbolos transmitidos carregam o significado desejado, configurando-se em um problema semântico; e o último está relacionado ao grau de *eficácia* com que o significado recebido afeta a conduta da maneira desejada, sendo, portanto, um problema de eficácia [...]. A opção de Shannon em concentrar seus esforços apenas no primeiro nível de análise, ou seja, no que chamou de “problema de engenharia”, permitiu-o utilizar conceitos matemáticos como os de entropia e probabilidade para mensurar, a partir de um esquema linear que conecta uma fonte a um receptor, a máxima quantidade de informação possível de ser selecionada e enviada através de determinado canal [...].

Em sendo assim, em termos de fundamentos, ao se pensar em Teoria Matemática da Informação deve se ter em mente de que se está

diante de um quadro teórico que se pretende objetivamente comprometido com a “precisão” e “eficácia”, a algo voltado ao campo do técnico, neutro e útil. Complexo teórico forjado, direta e/ou indiretamente, sob a influência de *releituras* de teorias fundamentais, dentre as quais, o *cientificismo*, a *ciência dedutiva* e o *positivismo*. Complexo teórico fundado, direta e/ou indiretamente, sob a influência de *releituras* de pensadores fundamentais, dentre os quais, fundamentalmente Descartes, Comte, Popper e outros mais (Horkheimer, 1975; Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Ante isso, com base na Teoria Matemática da Informação, sugere-se pensar alguns conceitos caros à Ciência da Informação, tais como conceitos de Informação, de Cientista da Informação e de Ciência da Informação, entre outros. Com base na Teoria Tradicional (cartesiana/positivista), a Teoria Matemática da Informação entende as coisas pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*. A Teoria Matemática da Informação entende a Informação como *lôcus* da dimensão técnica, objetiva, neutra, pragmática e eficaz do fenômeno. A Teoria Matemática da Informação percebe o Cientista da Informação como indivíduo que se pretende objetivo e neutro em sua *práxis*, que desconsidera sua tarefa social e as condições que determinam sua atividade. A Teoria Matemática da Informação entende a Ciência da Informação como uma ciência unidimensional, circunscrita a contatos teórico-metodológicos pré-determinados, que desconsidera inclinação à função social real da Ciência da Informação. A teoria matemática percebe o método como *lôcus* que separa o caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, o que é (fatos/fenômenos) e o que deve ser (valores/interesses) das coisas, dos sujeitos e dos fenômenos, na, para e da Ciência da Informação. A teoria matemática entende a realidade/fato social informacional como fenômenos neutros e objetivos, mensuráveis e replicáveis, no espaço e no tempo. A teoria matemática desconsidera o interesse emancipatório como interesse intrínseco ao campo informacional, ou seja, como interesse que está no interior da Ciência da Informação (Horkheimer, 1975; Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Em síntese, sugere-se pensar as tessituras da Teoria Matemática da Informação constituída(s) da seguinte maneira: *Teoria Tradicional* + *Teoria cartesiana/positivista* + Lógica das ciências naturais/exatas + Ciência especializada, objetiva e neutra + Colonização da lógica das ciências naturais/exatas sobre as ciências humanas e sociais + *Teoria*

matematizante/fisicalista + Teoria unidimensional + Lógica pré-determinada, finalista, instrumental + Ciência da Informação Tecnicista + Informação-como-coisa + Cientista da informação técnico/neutro + Separação entre ser e dever ser + Separação entre objetivo e subjetivo + Separação entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória = Teoria Matemática da Informação. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* da questão que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção da Teoria Matemática da Informação.

Alguns intérpretes da Teoria Matemática da Informação a distinguem da Teoria Crítica da Informação (Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020). Para eles, a Teoria Matemática e a Teoria Crítica da Informação são teorias distintas. A primeira, vista como uma espécie de teoria unidimensional, de direção e interesse pré-determinado, finalista e instrumental. A segunda, vista como um projeto de teoria pluri/interdimensional, de direção e interesse múltiplo e plural, voltado a ações autônomas, fins coletivos e emancipatórios. A Teoria Crítica da Informação ergue-se, pois, como *projeto alternativo* à Teoria Matemática da Informação (Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020). Teoria Crítica da Informação cuja gênese e desenvolvimento, direta e/ou indiretamente, dialogam e/ou remontam às origens da filosofia contemporânea, notadamente, à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação

A Teoria Crítica da Informação é essencial porque a Teoria Matemática não basta.
parafraseando Ferreira Gullar (2021)¹⁶⁶

Um “espectro da Teoria Crítica ronda a Ciência da Informação brasileira” Bezerra (2018, p. 180). Iniciamos a discussão sobre os vínculos diretos e/ou indiretos entre Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação, no âmbito da Ciência da Informação, tomando de empréstimo estas palavras de Bezerra (2018).

¹⁶⁶Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira (1930-2016). Escritor e poeta brasileiro. Obra (s) sugerida (s): *Poema Sujo* (1976), *Muitas Vozes* (1999), *Toda Poesia* (1950-2010), dentre outras.

De fato, essa passagem de Bezerra (2018) encontra eco na realidade do campo, sobretudo no Brasil, ainda que os números apontem que se possa *ir além*. Ou seja, que apesar de “rondar” o campo, a Teoria Crítica da Informação possa *ser mais*, possa deitar raízes mais sólidas, firmes e/ou sustentadas junto à Ciência da Informação.

Aqui chegados, se deve ter clareza de que, daqui em diante, ao versar sobre Teoria Crítica da Informação, se está tratando daquela direta e/ou indiretamente influenciada pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, considerada cânone da Teoria Crítica Ocidental (Marteletto, 2019). Tal esclarecimento se faz necessário porque se reconhece que, na Ciência da Informação, se observa um amplo arco/quadro que engloba diversas “teorias críticas” válidas, oriundas de outras bases, correntes e tendências teóricas, que vão de Hegel a Marx, de Gramsci a Certeau, de Bourdieu à Escola de Frankfurt (Araújo, 2018; Bezerra, 2019; Capurro, 2019; Marteletto, 2019; Saldanha, 2019).

Chegados aqui, se deve ter clareza de que Teoria Crítica da Informação busca *discutir sem abandonar, dimensionar sem diminuir, avançar sem negar* a validade e os feitos da Teoria Matemática da Informação – cujos ombros de gigante, de teoria gigante, fizeram a Teoria Crítica da Informação ver mais longe, parafraseando Newton (1675)¹⁶⁷. Contudo, Teoria Crítica da Informação busca *ser mais* e *ir além* desta. Teoria Crítica da Informação se apresenta como alternativa desta. Teoria Crítica da Informação busca *innovar, atualizar e ampliar* os horizontes na *forma* de ler, ver e entender a informação, as coisas do campo e a própria Ciência da Informação. Tudo em bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas (Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Dentre as consideradas teorias emergentes e/ou promissoras do campo, situa-se a *Teoria Crítica da Informação*.

É possível ler, dentre as leituras possíveis, as origens da *Teoria Crítica da Informação*, em termos canônicos (Fucks, 2009; Bezerra, 2019; Marteletto, 2019), associadas direta e/ou indiretamente às origens da *Teoria Crítica* da Escola de Frankfurt (Horkheimer, 1975). Isso porque,

¹⁶⁷Isaac Newton (1643-1727). Matemático, físico astrônomo e pensador britânico. Paráfrase inspirada na seguinte frase original de Newton: “se eu vi mais, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes” (tradução livre). Frase de Newton expressa em carta a Robert Hooke, em 5 de fevereiro de 1675 (Newton, 1975).

em termos amplos, ambas possuem influências teóricas comuns. Ambas são direta e/ou indiretamente fundadas por influências teóricas que dialogam e/ou remontam ao pensamento marxista e/ou marxiano, ou seja, à base de sustentação da Teoria Crítica canônica (Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Nesses termos, direta ou indiretamente influenciada pela Teoria Crítica (Horkheimer, 1975) – teoria dialética/dialógica –, a Teoria Crítica da Informação (Fucks, 2009; Bezerra, 2019; Marteleto, 2019), em Ciência da Informação, se caracteriza como debitária (direta ou indiretamente) de uma em certa medida clássica e contemporânea tradição teórica, que vai de Marx à Escola de Frankfurt (Fucks, 2009; Bezerra, 2019, 2020).

Em termos de gênese e/ou autoria, é plausível sugerir, embora seja difícil precisar, as origens da Teoria Crítica da Informação, seja na literatura nacional e/ou internacional de Ciência da Informação.

Grosso modo, Teoria Crítica da Informação, a rigor, constitui uma linha de investigação distinta da Teoria Matemática da Informação, pois busca superar seus traçados e limites, por meio das bases teórico-metodológicas da Teoria Crítica, teoria formulada, difundida e associada à Escola de Frankfurt. Recorre a ela para reassentar o papel e o significado da informação, das coisas do campo e da própria Ciência da Informação em outras bases (bases dialéticas, dialógicas, humanísticas e emancipatórias, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas).

No mundo, segundo alguns, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra *inspiração* a partir de estudos dos idos de 1970. “Na epistemologia social de Jesse Shera, na hermenêutica e ética intercultural de Rafael Capurro, no neodocumentalismo de Bern Frohmann”, dentre outros (Bezerra, 2020, p. 190). E deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação do sociólogo norte-americano Christian Fuchs (Bezerra, 2019, 2020; Fuchs, 2009).

No Brasil, conforme outros, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra *inspiração* a partir de estudos dos idos de 1980. Na intercessão entre Filosofia e Ciência da Informação de Solange Mostafa (Mostafa, 1985), na epistemologia de Maria Néli da González de Gómez (González de Gómez, 1990, 2001, 2009), dentre outros (Bezerra, 2018, 2019, 2020). E também deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em

informação da Escola de Ciência da Informação do IBICT-UFRJ, em particular, nos estudos de regime de informação e de competência crítica em informação do sociólogo e cientista da informação Arthur Bezerra (Bezerra, 2018, 2019, 2020).

Assim nasce a *Teoria Crítica da Informação*, que assim como a *Teoria Crítica*, nasce como mais *uma* teoria informacional crítica, não a *única* teoria informacional crítica válida/existente/observável da história intelectual do pensamento informacional.

Epistemologicamente, Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação guardam muitos pontos de contato. Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem dialéticas, dialógicas, interdisciplinares, abertas a numerosos contatos. Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem ser teorias antidominação (projeto marxista). Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem ser teorias interdisciplinares da serem teorias interdisciplinares da sociedade (projeto horkheimiano). Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem ser teorias antissistêmicas (projeto adorniano). Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação se pretendem ser teorias críticas atualizadas da sociedade (projeto habermasiano). Em termos amplos, ambas pretendem tecer teorias críticas para (re) pensar e (re) discutir a vida em coletividade ante os avanços do capitalismo avançado, em temas que atravessam dos blocos econômicos às estruturas infocomunicacionais das sociedades, dos antagonismos do capitalismo às vias de emancipação social e informacional possíveis, entre outros aspectos (Horkheimer, 1975; Bezerra, 2019, 2020; Fuchs, 2009).

Com base na Teoria Crítica da Informação, sugere-se pensar alguns conceitos caros à Ciência da Informação, tais como conceitos de Informação, de Cientista da Informação e de Ciência da Informação, entre outros. Com base na Teoria Crítica (interdisciplinar/dialética), a Teoria Crítica da Informação entende as coisas pelos horizontes *das humanidades* e *das ciências sociais*. A teoria informacional crítica entende a Informação como *locus* que integra dimensão ética e técnica, dimensão (inter) subjetiva e objetiva, dimensão emancipatória e de práxis do fenômeno. O Cientista Informacional Crítico se percebe como indivíduo de práxis consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. Uma Ciência da Informação Crítica se percebe como interdisciplinar, aberta a numerosos contatos teórico-metodológicos, e como práxis integrante da sociedade – a Teoria Crítica da Informação

abrange o papel, o significado e a função social real da Ciência da Informação. A teoria informacional crítica percebe o método como *lôcus* que integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o que é (fatos/fenômenos) e o que deve ser (valores/interesses), das coisas, dos sujeitos e dos fenômenos na, para e da Ciência da Informação. A teoria informacional crítica entende a realidade/fato social informacional como fenômenos sociais históricos, situados no indivíduo, no espaço e no tempo. A teoria informacional crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco ao campo informacional, ou seja, como interesse que está no interior da Ciência da Informação.

Em síntese, sugere-se pensar as tessituras da Teoria Crítica da Informação constituída da seguinte maneira: *Teoria Crítica* + *Teoria marxista/dialética/dialógica* + Lógica das humanidades + Ciência interdisciplinar, (auto)crítica e ético-consciente + Emancipação das ciências humanas e sociais + *Teoria crítico-emancipatória* + *Teoria pluri/interdimensional* + Lógica voltada a ações autônomas, fins coletivos e emancipatórios + *Ciência da Informação (Auto)Crítica* + Informação-para-emancipação + *Cientista da informação (auto)crítico/ético-consciente* + Integração entre *ser* e *dever ser* + Integração entre objetivo e subjetivo + *Integração entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória* = Teoria Crítica da Informação. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* da questão que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção da Teoria Crítica da Informação.

De parte a parte, em termos de síntese, Teoria Matemática e Teoria Crítica possuem visões distintas de teoria, de Ciência da Informação e de mundo. Sobre *Ciência da Informação*, enquanto a Teoria Matemática percebe o mundo e a ciência pelas lentes *exatas* e das *ciências da natureza*, a Teoria Crítica percebe o mundo e a ciência pelos horizontes das *ciências humanas e sociais*. Sobre *teoria informacional*, enquanto a Teoria Matemática entende teoria como hipótese que se reduz a aplicação técnica/objetiva/neutra do saber, a Teoria Crítica entende teoria como *lôcus* que integra dimensão técnica e dimensão emancipatória do saber. Sobre *cientista da informação*, enquanto a Teoria Matemática percebe o cientista como um técnico, objetivo e neutro, a Teoria Crítica percebe o cientista como indivíduo consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. Ainda sobre *Ciência da Informação*, enquanto a Teoria Matemática entende a Ciência da Informação como especializada/unidimensional e sobretudo autônoma, apartada da

sociedade – escapa à Teoria Matemática a função social real da Ciência da Informação –, a Teoria Crítica entende a Ciência da Informação como interdisciplinar e como parte da sociedade – a Teoria Crítica abraça a função social real da Ciência da Informação. Sobre *método em Ciência da Informação*, enquanto a Teoria Matemática percebe o método como *locus* de caráter unicamente técnico, objetivo e neutro – capaz de realizar a tarefa de separação entre objetivo e subjetivo, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses) –, a Teoria Crítica percebe o método como *locus* que integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o *que é* (fatos/fenômenos) e o *que deve ser* (valores/interesses). Sobre *emancipação*, enquanto a Teoria Matemática percebe o interesse emancipatório como interesse extrínseco, ou seja, que está no exterior da Teoria Matemática da Informação/Ciência da Informação, a Teoria Crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco, ou seja, que está no interior da Teoria Crítica da Informação/Ciência da Informação (Horkheimer, 1975; Bezerra, 2019, 2020; Fuchs, 2009) – mais sobre a Teoria Crítica da Informação é explorado em capítulo a seguir.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas deste capítulo (Figura 4).

Figura 4 – Mapa Capítulo 4



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Capítulo 5

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: ESTUDOS E SOCIEDADE

Este capítulo traz à superfície reflexões de síntese sobre o atual “lugar” da Teoria Crítica na Sociedade e na Ciência da Informação. De partida, apresenta de que maneira *a Teoria Crítica se expressa e se manifesta em sociedade*, de forma direta ou indiretamente, velada ou revelada, através de discursos de indivíduos, coletividades e líderes mundiais. Em seguida, discute *se a Teoria Crítica é acessada* junto à Ciência da Informação, e em sendo, destaca em termos amplos, sobre quais tópicos teóricos, metodológicos e temáticos se manifesta mais fortemente. Na sequência, discute, especificamente, *em que termos* – termos fortes/próximos e/ou termos menos fortes/distantes – *a Teoria Crítica é acessada, discutida e reflexionada* junto aos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação, via leitura e sínteses hermenêuticas.

Teoria Crítica e Sociedade

Em tempos críticos, os constructos teóricos da Teoria Crítica, e notadamente, de sua versão informacional, da Teoria Crítica da Informação, nos ajudam sobremaneira nesta tarefa, neste exercício de pensar e refletir as ações do sujeito humano e informacional nas estruturas sociais da vida. A Teoria Crítica nos convida a nos debruçar sobre as razões que movem e coordenam os pensamentos e comportamentos dos sujeitos sociais e informacionais em seus contextos cotidianos, e que se manifestam de diferentes maneiras e inúmeras formas, seja no plano coletivo ou individual, na esfera pública ou privada, no âmbito das relações pessoais ou profissionais, nos contextos corporativo ou acadêmico, no âmbito da Ciência da Informação e além.

Situada nos horizontes da ciência, da universidade e do conhecimento científico, a *Teoria Tradicional* se projeta como vetor expressivo e propulsor de uma tradição tecnicista, finalista, útil. Como célula de um *mundo de administração das consciências e das coisas*, contexto estruturado e teleguiado, sem o saber, pelo império do poder, da técnica e do capital. Cujas estruturas favorecem a concepção e a validação de uma visão de mundo e de ciência técnica, objetiva, neutra, *empiricamente funcional*. Cujos resultados (in) diretamente favorecem mais a consolidação do *status quo*/do estado de coisas. Cujas estruturas, no contexto da Ciência da Informação, favorecem muito mais projeções inclinadas à *Teoria Matemática da Informação*.

Situada nos horizontes da ciência, da universidade e do conhecimento científico, a *Teoria Crítica* se projeta como vetor expressivo e propulsor de uma tradição dialética, dialógica e emancipatória. Como célula de um *mundo de emancipação possível das consciências e das coisas*, contexto estruturado *pela e para* evolução social e/ou emancipação social. Cujas estruturas favorecem a concepção e a validação de uma visão de mundo e de ciência que integra dimensão técnica e emancipatória, consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade, ciência *crítico-reflexiva*. Cujos resultados (in) diretamente favorecem mais a transformação do *status quo*/do estado de coisas. Cujas estruturas, no contexto da Ciência da Informação, favorecem muito mais projeções voltadas à *Teoria Crítica da Informação*.

Contudo, com o advento do discurso do (neo) utilitarismo, do (neo) produtivismo, do (neo) obscurantismo, em nossos dias, o carácter tradicional, instrumental, técnico, útil, neutro e imparcial de ciência, de universidade e de saber passa a sobressair-se no imaginário social e coletivo, em detrimento do carácter crítico, emancipatório, reflexivo, consciente, social de ciência, de universidade e de saber. Desse modo, passa a projetar-se na vida do sujeito humano de diferentes maneiras, expressando-se de inúmeras formas, seja através de pensamentos e convicções, seja através de discursos e ações, situados tanto no terreno da esfera privada quanto da esfera pública.

Nessa direção, no intuito de inserir o leitor neste exercício compreensivo, nesta incursão hermenêutica, apresentamos discursos expressivos e propulsores de projeções voltadas ao carácter tradicional/instrumental/técnico/útil/neutro/imparcial e projeções voltadas ao carácter crítico/emancipatório/reflexivo/consciente/social da

ciência, de universidade e de saber, na atual conjuntura. São discursos do cotidiano proferidos por indivíduos e coletividades, sobre aspectos e temas os mais diversos, que tocam e/ou dialogam com a ciência, a universidade e o conhecimento científico, nos horizontes do Brasil e do mundo.

No rol dos discursos afinados às projeções da ordem tradicional/instrumental, em especial, que versam sobre ideia de *universidade*, citamos a ideia tecnicista e pragmatista de universidade do governo do Japão, recomendando o banimento de cursos de humanidades em universidades, destaque no jornal *O Globo*, em 2015 (Figura 1).

Figura 1 – Ideia tecnicista e pragmatista de *universidade* no Japão



Fonte: O Globo (2015).

Sobre ideia de *universidade*, citamos a ideia tecnicista, pragmatista, obscurantista de universidade do governo dos Estados Unidos, recomendando o banimento de tudo que toca temas humanísticos, sustentáveis, climáticos nas universidades americanas, destaque no jornal *The New York Times*, em 2025 (Figura 2).

Figura 2 – Ideia tecnicista, pragmatista e obscurantista de *universidade* nos Estados Unidos



Fonte: The New York Times (2025).

Citamos ainda, agora nos horizontes do Brasil, a ideia tecnicista e pragmatista de *universidade* lançada sob a forma de “ideia legislativa”¹⁶⁸, em 2018, propondo o banimento de cursos de humanidades nas universidades públicas do país, destaque no portal da *Academia Brasileira de Ciências* (ABC), em 2018 (Figura 3).

¹⁶⁸Ideia apresentada por meio de voto popular, via *site* do Senado Federal. Arquivada por não ter obtido o número mínimo de apoios (20.000) necessários para sua apreciação oficial por parte dos senadores.

Figura 3 – Ideia tecnicista e pragmatista de universidade no Brasil: o caso da ideia legislativa de 2018



Fonte: Portal da ABC (2018).

Ao dar voz à ideia (neo) tecnicista e (neo) utilitarista de universidade, seus porta-vozes se lançam da direção de projeções expressivas e propulsoras da visão tradicional, instrumental, tecnicista, neutra e útil das coisas e do mundo, de ciência e de universidade.

São vozes que ecoam em favor do fortalecimento da ideia de “universidade operacional” (Chauí, 1999). Ideia de universidade fundada em uma perspectiva de educação formadora de “sujeitos eficientes” (Chauí, 1999) às demandas do mercado e das estruturas sistêmicas. Nessas dimensões, tolhem-se a criatividade, a inventividade, oportuniza-se a colonização do agir e do pensar, desenvolvem-se competências voltadas ao uso *cognitivo-instrumental* do saber e da informação, afinado aos ecos da Teoria Tradicional (Habermas, 1999, 2001). Como resultado, consciente ou inconscientemente, são vozes que ecoam em favor da colonização das maneiras autônomas, crítico-reflexivas e humanísticas do sujeito de *ver*, *agir* e *entender* a si, o outro e o mundo à sua volta (Habermas, 1999, 2001).

Registramos também, agora no que diz respeito a discursos que versam sobre a ideia de *ciência*, em solo brasileiro, a ideia tecnicista e pragmatista de ciência do então governo paulista, classificando de “sem utilidade” pesquisas oriundas de humanidades, destaque no jornal *Folha de São Paulo*, em 2016 (Figura 4).

Figura 4 – Ideia tecnicista e pragmatista de *ciência* no Brasil: o caso do governo paulista



Fonte: Arbex e Lopes (2016).

Destacamos ainda, em solo nacional, a ideia tecnicista e pragmatista de *ciência*, de *universidade* e de *conhecimento* do então governo brasileiro, atacando cursos, perspectivas e saberes oriundos das humanidades em todo o país, conforme destaque no jornal *El País*, em 2019 (Figura 5).

Figura 5 – Ideia tecnicista e pragmatista de *ciência* e *universidade* no Brasil: o caso do então governo brasileiro



Fonte: Gortázar (2019).

Ao dar voz à ideia tecnicista, utilitarista e pragmatista de ciência, de saber e de universidade, seus porta-vozes se lançam efetivamente na direção de projeções expressivas e propulsoras da teoria *tradicional e instrumental*, de sua visão técnica, neutra, utilitarista e matematizável das coisas e do mundo, do saber e da informação, de ciência, de universidade e de sociedade.

São vozes que ecoam em favor da consolidação da ideia do utilitarismo da ciência (Burke, 2012). Ideia que reduz a ciência ao “empiricamente útil”, à condição de *locus* do “conhecimento útil” (Burke, 2012), útil às demandas da ordem sistêmica e do capital. São vozes afinadas à ideia de “universidade operacional” (Chauí, 1999). Como resultado, consciente ou inconscientemente, são vozes que ecoam em favor da colonização das maneiras autônomas do sujeito *ver, agir e entender* a si, o outro e o mundo à sua volta, da informação e do saber em prol do bem comum, da evolução social (Habermas, 1999, 2001).

Já no rol dos discursos afinados às projeções expressivas e propulsoras da teoria *crítica e emancipatória* (comunicativa), em especial, que versam sobre ideia de *ciência e universidade*, citamos a perspectiva humanística de ciência e universidade defendida por Judith Butler e demais pensadores contemporâneos, reconhecendo o valor das humanidades para a ciência e as universidades, conforme destaque no jornal *O Globo*, em 2019 (Figura 6).

Figura 6 – Reação e crítica à ideia utilitarista e pragmatista de *ciência e universidade*



Fonte: Furlaneto (2019).

Ao se lançar em defesa da ciência e do conhecimento sob uma perspectiva humanística, seus porta-vozes se lançam efetivamente da direção de projeções expressivas e propulsoras da teoria crítica e emancipatória, de sua visão ético-política, humanista, social e consciente das coisas e do mundo, do saber e da informação, de ciência, de universidade e de sociedade.

São vozes que ecoam em favor do revigoramento da ideia de ciência humanística (Chauí, 1999; Habermas, 1999, 2001) e de universidade à serviço da “formação do espírito”, como *locus* de formação de sujeitos crítico-reflexivos, conscientes e sensíveis às demandas sociais (Habermas, 1999, 2001). Como resultado, são vozes que ecoam em favor do uso *cognitivo-emancipatório* do saber e da informação em prol do bem comum, em favor da valorização das maneiras autônomas do sujeito de *ver*, *agir* e *entender* a si, o outro e o mundo à sua volta (Habermas, 1999, 2001).

Registramos ainda, agora no que diz respeito a discursos que versam sobre ideia de *ciência* e *conhecimento*, nos horizontes do mundo e do Brasil, a ideia de ciência a serviço da humanidade da Marcha pela Ciência, em 2017, movimento coletivo articulado por cientistas em todo o mundo em defesa da ciência e do conhecimento científico, conforme destaque no jornal *Folha de São Paulo*, em 2017 (Figuras 7).

Figura 7 – Marcha pela Ciência no Brasil



Fonte: Watanabe (2017).

Registramos ainda, agora no que diz respeito a discursos que versam sobre ideia de *ciência* e *conhecimento*, nos horizontes do mundo do Brasil, a ideia de ciência a serviço da humanidade e do pensamento crítico da Unesco, em 2021, conforme destaque no jornal *Folha de São Paulo*, em 2017 (Figuras 8).

Figura 8 – Marcha pela Ciência no Brasil



Fonte: Haddad (2021).

Ao se lançar em defesa da ciência e do conhecimento científico, seus porta-vozes se lançam efetivamente da direção de projeções expressivas e propulsoras da *Teoria Crítica* e de sua versão informacional, da *Teoria Crítica da Informação*.

São vozes que ecoam em favor do revigoramento da ideia de ciência comprometida com o livre pensar, fundada em discursos livres, em ações autônomas, em prol da evolução social, do bem-estar em coletividade (Habermas, 1999, 2001). São vozes que se afinam à ideia do “cientista como intelectual” engajado (Chauí, 2006). São vozes que ecoam em favor de uma “outra ideia de universidade” (emancipatória) (Habermas, 1993). Como resultado, são vozes que ecoam em favor do uso *cognitivo-emancipatório* do saber, das descobertas e inovações da ciência a serviço de indivíduos e coletividades, do saber e da informação em prol do bem comum, da evolução social (Habermas, 1999, 2001).

Teoria Crítica e Ciência da Informação

No Brasil, os caminhos da Teoria Crítica se cruzam aos caminhos dos campos/das áreas do conhecimento, em geral, de forma decisiva e sustentada, fundamentalmente no alvorecer do novo milênio (BTD, 2022).

Deste lado do Atlântico, de acordo com dados obtidos junto à Base de Dados Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), é claramente no século XXI (2001-2022) que trabalhos passam a fazer algum uso dos termos “Escola de Frankfurt” e/ou “Teoria Crítica” (95,97%) – da ordem de 334 teses/dissertações¹⁶⁹ (BDTD, 2022).

Na Ciência da Informação do Brasil, também os caminhos da Teoria Crítica se cruzam aos caminhos da Ciência da Informação, de forma decisiva e sustentada, eminentemente no alvorecer do novo milênio (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020).

Em solo nacional, segundo dados obtidos junto à Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), é claramente no século XXI (2001-2022) que trabalhos passam a fazer algum uso dos termos “Escola de Frankfurt” e/ou “Teoria Crítica” (81,67%) – da ordem de 205 artigos/trabalhos¹⁷⁰ (Brapci, 2022). Confirmando tese sustentada em números dada por Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020). Cenário que aponta que, no Brasil, o legado da Teoria Crítica na Ciência da Informação passa a ser acessado e discutido efetivamente no contexto do novo milênio (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020).

Essa guinada à Teoria Crítica na Ciência da Informação, muito

¹⁶⁹Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Escola de Frankfurt” (expressão em português) e “Teoria Crítica” (expressão em português) junto à plataforma BDTD (2022). Universo da pesquisa: 348 teses/dissertações (período 1985-2022) (equivalente a 100%). Amostra obtida: 334 teses/dissertações (período 2001-2022) (equivalente a 95,97) (BDTD, 2022).

¹⁷⁰Resultados obtidos via pesquisa através das expressões “Escola de Frankfurt” (expressão em português) e “Teoria Crítica” (expressão em português) junto à plataforma BRAPCI (2022). Período da pesquisa: entre 1972 e 2022. Universo da pesquisa (total de títulos recuperados entre 1972-2022): 251 artigos científicos em sua maioria (equivalente a 100%). Amostra obtida (total de títulos recuperados entre 2001-2022): 205 artigos científicos em sua maioria (equivalente a 81,67%). Pesquisa realizada em 08/11/2022 (BRAPCI, 2022) (Apêndice A).

além dos números, advém, dentre outros aspectos, de uma mudança nos ventos, de perspectiva, de movimento do campo na contemporaneidade (Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Advém, em termos amplos, do fato de que a Ciência da Informação vem, através de seus estudos e de suas pesquisas, envidando esforços no sentido de reassentar suas teorias, metodologias e temáticas em novas bases (Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Ante essa tarefa, dentre outras tradições críticas, passa a se valer direta e/ou indiretamente da tradição da Teoria Crítica em suas reflexões a análises (Bezerra; Schneider; Pimenta; Saldanha, 2019; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Passa a dispor da Teoria Crítica em várias direções, seja enquanto arcabouço metodológico, seja como fundamento teórico, entre outros usos e direções (Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020).

A presença de teóricos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt, chamados “teóricos críticos” e/ou simplesmente “frankfurtianos”, pouco a pouco e/ou gradualmente passa a se fazer sentir nos horizontes da Ciência da Informação (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Dentre os mais referenciados junto ao campo, destacam-se grandes nomes identificados junto a escola alemã, entre os quais, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e Axel Honneth (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020).

Dessa constelação de pensadores, três em particular, Adorno, Benjamin e Habermas se sobressaem dentre os demais nos horizontes do campo informacional (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Dentre as razões para tamanho interesse, algumas se impõem no horizonte dentre as possíveis. Para uns, se deve ao caráter *interdisciplinar* da escola, de sua teoria e de seus teóricos críticos – sobretudo os teóricos em tela –, caráter que se alinha a um traço característico e tantas vezes atribuído à Ciência da Informação, seu traço interdisciplinar (Saracevic, 1996). Para outros, se deve ao caráter *complexo, dialético e dialógico* das abordagens da escola, de sua teoria e de seus teóricos críticos – sobretudo os teóricos em tela –, caráter que se alinha a outro traço característico e tantas vezes atribuído à Ciência da Informação, seu traço plural e diverso (Saracevic, 1996; Souza, 2012; Araújo, 2014). Eis algumas, entre tantas, das razões possíveis às quais se pode atribuir o êxito, audiência e interesse desta escola, de sua teoria e de seus teóricos críticos nos horizontes do pensamento informacional.

Quanto à “Teoria Crítica” em si, sua presença, gradualmente,

direta e indiretamente se faz sentir nos horizontes da Ciência da Informação (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Em termos amplos, o legado da Teoria Crítica já se manifesta enquanto fundamento acessado, teorizado e discutido junto ao campo (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Destacadamente, se manifesta em diálogo com algumas tendências e tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Dentre os tópicos mais citados, destacam-se: “Regime de Informação”, “Competência em Informação”, “Competência Crítica em Informação”, “Epistemologia da Ciência da Informação”, “Filosofia da Informação”, “Formação em Ciência da Informação”, “Informação e Sociedade”, “Correntes/Paradigmas teóricos da Ciência da Informação”, “Ética da Informação”, “Organização da Informação e do Conhecimento”, “Fluxo de Informação”, “Mediação da Informação”, “Biblioteca Escolar”, “Biblioteca comunitária”, “Tecnologia da Informação e Comunicação” e “Investigações das Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas” (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020) (Quadro 4).

Quadro 4 – Teoria Crítica e(m) Ciência da Informação: tópicos teóricos, metodológicos e temáticos

Tópico(s)	Tópico teórico, metodológico e/ou temático
1	<i>Regime de Informação</i>
2	<i>Competência (Crítica) em Informação</i>
3	<i>Epistemologia da Ciência da Informação</i>
4	<i>Filosofia da Informação</i>
5	<i>Formação em Ciência da Informação</i>
6	<i>Informação e Sociedade</i>
7	<i>Correntes/Paradigmas Teóricos da Ciência da Informação</i>
8	<i>Ética da Informação</i>
9	<i>Organização da Informação e do Conhecimento</i>
10	<i>Fluxo de Informação</i>
11	<i>Mediação da Informação</i>
12	<i>Biblioteca Escolar</i>
13	<i>Biblioteca Comunitária</i>
14	<i>Prática Biblioteconômica</i>
15	<i>Tecnologia da Informação e Comunicação</i>
16	<i>Investigações das Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas</i>

Fonte: Baseado em Brapci (2022) e Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020).

Ante tudo isso, vê-se paisagens promissoras e desafiadoras para a Teoria Crítica nos horizontes da Ciência da Informação. Quanto às paisagens promissoras, destaca-se inegavelmente a presença gradual de estudos do campo inclinados à Teoria Crítica (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020). Quanto às paisagens desafiadoras, destaca-se claramente todo um caminho a percorrer, um mundo a desbravar, um universo a desvendar acerca do legado da Teoria Crítica na Ciência da Informação, de trabalhos do campo efetivamente inclinados à Teoria Crítica (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020).

Resta claro que há todo um potencial de contribuição da Teoria Crítica (teóricos, teorias, modelos críticos) a ser acessado e explorado junto ao campo. A Teoria Crítica pode *ir além* junto às tendências e tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação. A Teoria Crítica pode *ser mais*, pode deitar raízes mais sólidas, firmes e/ou sustentadas junto à Ciência da Informação, no presente e no futuro (Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020).

Sínteses hermenêuticas

A hermenêutica versa sobre o sentido possível dos enunciados
Parafraseando Jürgen Habermas (1987b)

Como toda leitura de mundo, interpretação, esforço de síntese, esta síntese hermenêutica é ambiciosa e breve, finita e aberta. Trata-se, em termos amplos, de *uma* leitura hermenêutica/interpretativa, dentre outras possíveis, sobre o diálogo entre a Teoria Crítica e Ciência da Informação. Refere-se, em particular, a *uma* síntese hermenêutica/interpretativa sobre em que termos a Teoria Crítica é acessada, discutida e reflexionada junto à Ciência da Informação, via tópicos teóricos, metodológicos e temáticos do campo, conforme Quadro 4, baseado em Brapci (2022) e Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020). Em tempo algum se apresenta como uma leitura interpretativa definitiva ou mesmo absoluta, totalizante ou inclinada a esgotar o tema. Em tudo se reconhece como uma leitura provisória e aproximada, finita e aberta, crítica e autocrítica, ciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico e epistemológico.

Como em toda relação de diálogo, o diálogo entre a Teoria Crítica e Ciência da Informação se dá, em termos amplos, sob bases de influências mais fortes/próximas e de influências menos fortes/distantes. Estas influências, em termos gerais, se manifestam de diferentes maneiras e de inúmeras formas, entre as quais, junto aos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos do campo informacional.

Convém ressaltar, no entanto, que nosso esforço aqui se limita efetivamente a fazer *uma* “leitura de síntese”. Leitura breve sobre quais tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação a Teoria Crítica se manifesta mais fortemente e menos fortemente junto ao campo. Tudo isso com base em dados da Brapci (2022) e em análises de Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020), bases de sustentação do Quadro 4. Trata-se, pois, pura e simplesmente de uma “visão de síntese”. Cujo fim primeiro e último é oferecer ao leitor iniciante e/ou iniciado na temática *uma* visão ampla do estado de coisas do legado da Teoria Crítica junto aos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação.

Dentro de uma visão de síntese, de acordo com a hermenêutica da pesquisa, baseada em dados da Brapci (2022) (Apêndice A) e em análises de Cavalcante, Bufrem e Côrtes (2020), do lado das influências mais fortes e/ou próximas entre Teoria Crítica e Ciência da Informação, destacam-se os seguintes tópicos: “Regime de Informação”, “Competência em Informação”, “Competência Crítica em Informação”, “Epistemologia da Ciência da Informação”, “Filosofia da Informação”, “Correntes/Paradigmas teóricos da Ciência da Informação” e “Investigações nas Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas”. Por sua vez, do lado das influências menos fortes e/ou distantes entre Teoria Crítica e Ciência da Informação, destacam-se os tópicos “Formação em Ciência da Informação”, “Informação e Sociedade”, “Ética da Informação”, “Organização da Informação e do Conhecimento”, “Fluxo de Informação”, “Mediação da Informação”, “Biblioteca Escolar”, “Biblioteca Comunitária”, “Prática Biblioteconômica” e “Tecnologia da Informação e Comunicação”.

Com base nessa visão de síntese, se vê um amplo quadro de teóricos, teorias e modelos críticos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. Uns mais inclinados a teóricos como Horkheimer, alguns mais próximos a Habermas, outros mais inclinados a Honneth, e assim por diante. Encontramos ainda um amplo quadro de

temas, abordagens e conceitos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. De um lado, conceitos de *indústria cultural*, de *técnica* e de *ciência*, de outro, temas/conceitos/abordagens de *emancipação social* e da *ideologia*, entre outros.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas deste capítulo (Figura 5).

Figura 5 – Mapa capítulo 5



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Capítulo 6

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: UM CONCEITO PARA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Indo além, este capítulo traz *uma* propositura de conceito de *Teoria Crítica da Informação* para o campo da Ciência da Informação. Inicialmente, destaca ideias, definições e conceitos de Teoria Crítica da Informação, à luz de Frankfurt, já presentes na literatura do campo informacional. Em seguida, desenvolve e apresenta sua própria ideia de Teoria Crítica da Informação, através de *um* conceito de Teoria Crítica da Informação finito e aberto, inspirado na tradição da Teoria Crítica de Frankfurt.

Teoria Crítica da Informação: conceito em aberto

Conforme visto em passagens anteriores, é plausível sugerir, embora seja difícil precisar, as origens da Teoria Crítica da Informação, seja na literatura nacional e/ou internacional de Ciência da Informação.

Teoria Crítica da Informação, a rigor, constitui uma linha de investigação em Ciência da Informação que se distingue da Teoria Matemática da Informação. Busca superar as limitações desta, por meio das bases teórico-metodológicas da Teoria Crítica, teoria associada à Escola de Frankfurt. Recorre a ela para reassentar o papel e o significado da informação, das coisas do campo e da própria Ciência da Informação em outras bases (bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias), muito além de projeções pragmatistas, tecnocratas e positivistas (mais identificadas à Teoria Matemática da Informação).

No mundo, segundo alguns, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra *inspiração* a partir de estudos dos idos dos anos 1970. “Na epistemologia social de Jesse Shera, na hermenêutica e ética intercultural de Rafael Capurro, no neodocumentalismo de Bern Frohmann”, dentre outros (Bezerra, 2020, p. 190). E deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação do norte-americano Fuchs (2009).

No Brasil, conforme outros, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra *inspiração* a partir de estudos dos idos dos anos 1980. Na intercessão entre Filosofia e Ciência da Informação de Solange Mostafa Solange Mostafa (Mostafa, 1985), na epistemologia de Maria Nélida González de Gómez (González de Gómez, 1990, 2001, 2009), dentre outros (Bezerra, 2019, 2020). E deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação da Escola de Ciência da Informação do IBICT-UFRJ, em particular, nos estudos críticos em informação de Bezerra (2018, 2019, 2020).

É certo que por meio de Fuchs (2009), na literatura internacional, e de Bezerra (2018, 2019, 2020), na literatura nacional, a Teoria Crítica da Informação ganha *status* próprio, agenda própria, vida própria entre nós de Ciência da Informação. A partir deles, ela ganha *status* de centro de gravidade de discussão, de eixo central de investigação, de agenda de pesquisa específica, tudo com rigor epistemológico sem par. Com base neles, ela é discutida sob bases de ordem teórica e prática junto aos mais diversos temas e direções, de ética à regime de informação, de competência em informação a informação para emancipação, dentre outros tópicos. Com eles, ela se torna *locus* de exercícios de reflexão e sobretudo de conceituação de Teoria Crítica da Informação (Bezerra, 2018, 2019, 2020; Fuchs, 2009).

Em Fuchs (2009), particularmente, a discussão de Teoria Crítica da Informação se dá de diferentes maneiras e de inúmeras formas, dentre as quais, junto a tópicos como ideologia, emancipação e evolução social no âmbito do campo informacional. Assim define Teoria Crítica da Informação:

[...] podemos então definir a *teoria/estudos críticos da informação* como um esforço que se concentra ontologicamente na análise da informação em o

contexto de dominação, relações assimétricas de poder, exploração, opressão e controle, empregando epistemologicamente todos os meios teóricos e/ou empíricos necessários para fazê-lo, a fim de contribuir no nível praxiológico para o estabelecimento de uma sociedade participativa e cooperativa. Dada tal definição, a *teoria da informação crítica* é inerentemente normativa e política (Fuchs, 2009, p. 2. 249, tradução livre, grifo nosso).

Em Bezerra (2018, 2019, 2020), destacadamente, a discussão de Teoria Crítica da Informação também se dá de diferentes maneiras e de inúmeras formas, dentre as quais, junto a tópicos como regime de informação, competência crítica em informação e outros tópicos da Ciência da Informação. Eis sua visão de Teoria Crítica da Informação:

A teoria crítica da informação que propomos segue os mesmos passos teóricos e metodológicos da teoria crítica, adaptando-os ao campo de investigação dos estudos informacionais por meio da absorção e integração de dois conceitos que vêm sendo discutidos na área, especialmente em congressos e publicações acadêmicas brasileiras: o conceito de regime de informação e o conceito de competência crítica em informação (Bezerra, 2020, p. 194, grifo nosso).

Com base nesses autores e nos refugiando nos números (Brapci, 2022; Cavalcante; Bufrem; Côrtes, 2020), se torna possível ler e dizer que a Teoria Crítica da Informação é uma teoria contemporânea da Ciência da Informação.

Dentre outras leituras, em síntese, parafraseando Machado de Assis (2011)¹⁷¹, se torna possível *ler* as incursões em Teoria Crítica da Informação ligadas à primeira fase (de inspiração, 1970) como a semente dos arbustos que nasceram na segunda fase em si, fase de amadurecimento da Teoria Crítica da Informação (de consolidação,

¹⁷¹Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Escritor brasileiro. Obra (s) sugerida (s): *Correspondência de Machado de Assis* (carta de 1898), dentre outras.

1980) – fase atual, de movimentos conceituais mais claros, diretos e sustentados em Teoria Crítica da Informação em si.

Ante tudo isso, em sendo uma teoria recente do campo, se torna compreensível *entender* a Teoria Crítica da Informação ainda como um caminho em construção, obra em aberto, conceito em aberto em Ciência da Informação. Em sendo assim, se coloca ainda aberta a contatos e apelos/propostas conceituais. Em virtude disso, nos colocamos entre aqueles encorajados a colaborar/contribuir. Entre aqueles motivados a apresentar alguma proposta de conceituação de Teoria Crítica da Informação. Entre aqueles que, ciente dos desafios, se deixam invadir pelo risco, por acreditar que ciência também é risco, por acreditar que só quando se arrisca ir mais longe é que se descobre até onde é possível chegar e/ou antever novos pontos de partida.

Construindo um conceito de Teoria Crítica da Informação

Erguer *uma* Teoria Crítica da Informação, conforme o próprio título antecipa, significa erguer não *a*, mas *uma* outra teoria viável, outro caminho possível. Ou seja, significa erguer *uma* via crítica para se ler, ver e perceber as coisas do campo da informação, via reflexão crítica. Não significa erguer *uma* única via ou *a* via mais válida para se ler, ver e perceber as coisas do campo da informação, via reflexão crítica. Eis a tarefa deste estudo, “verdade maior”, diria Guimarães Rosa (Rosa, 2019)¹⁷². Erguer *um* conceito sustentado, finito e aberto a vários contatos. Em tempo algum totalizante, definitivo, indiscutível ou mesmo absoluto. Em tudo provisório, aproximado, inacabado e breve, expressão de um momento, espaço e tempo, social, histórico e epistemológico.

A adoção do gerúndio *construindo* também tem sua razão de ser e existir junto ao estudo. Por definição, o gerúndio traz em si o espírito do inacabamento, de algo em movimento, de algo em desenvolvimento, de algo “ainda não terminado”, diria o grande Rosa (ROSA, 2019). É como este estudo se percebe e concebe seu conceito. Como *um* conceito em construção, em movimento, em desenvolvimento, aberto a vários

¹⁷²João Guimarães Rosa (1908-1967). Escritor, médico e diplomata brasileiro. Obra (s) sugerida (s): *Grande Sertão: Veredas* (2019), dentre outras.

contatos. Como *um* conceito em curso, dentre outros vários conceitos possíveis junto aos horizontes da Ciência da Informação.

Ante tudo isso, com base em *uma* ideia de teoria informacional crítica, *finita*, *aberta* e *em construção*, de inspiração na Teoria Crítica de Frankfurt, o estudo sugere o seguinte conceito e/ou proposta de conceito de Teoria Crítica da Informação:

Teoria Crítica da Informação ergue-se como “*uma*” *via para se perceber e conceber a Ciência da Informação, a informação, e as coisas do campo informacional, em termos mais dialéticos e dialógicos, em termos mais humanos, sociais e crítico-reflexivos, de modo a reafirmar o seu pertencimento de forma decisiva e sustentada à condição de ciência social, muito além de projeções puramente pragmatistas, tecnicistas e positivistas. A teoria informacional crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco ao campo informacional, ou seja, que está no interior da Ciência da Informação. Por fim, a Teoria Crítica da Informação é, em tudo, provisória e aproximada, finita e aberta, crítica e autocrítica, ciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico, político e epistemológico, no, do e além do campo informacional.*

Resta claro que, em linhas gerais, em termos de feitura, o conceito em tela se inspirou claramente no conceito canônico de Teoria Crítica (Horkheimer, 1975) no âmbito, das Ciências Humanas e Sociais. É, em verdade, uma versão conceitual informacional do conceito canônico de Teoria Crítica, no âmbito da Ciência da Informação. Desta feita, nele se inspirando, assim como ele, o conceito de Teoria Crítica da Informação em tela traz em suas linhas centrais noções muito próprias e caras à Teoria Crítica Informação. Dentre as noções de destaque, situam-se as noções de *Ciência da Informação (Auto) Crítica*, de *Cientista Informacional (Auto) Crítico*, assim como as noções de *método*, de *emancipação* e de *realidade/fato social informacional*, todos à luz da perspectiva teórico-informacional crítica.

À luz do conceito em tela, a teoria informacional crítica entende a *Informação* como locus que integra dimensão social e técnica, dimensão subjetiva e objetiva, dimensão técnica, ética e emancipatória do

fenômeno. O *Cientista Informacional (Auto) Crítico* se percebe como indivíduo de *práxis* consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. Uma *Ciência da Informação (Auto) Crítica* se percebe como interdisciplinar, aberta a numerosos contatos teórico-metodológicos, e como *práxis* integrante da sociedade – a Teoria Crítica da Informação abraça o papel, o significado e a função social real da Ciência da Informação. A teoria informacional crítica percebe o *método* como *lôcus* que integra caráter objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, fatos e natureza, o que é (fatos/fenômenos) e o que deve ser (valores/interesses) das coisas, dos sujeitos e dos fenômenos na, para e da Ciência da Informação. A teoria informacional crítica entende a *realidade/fato social informacional* como fenômenos sociais históricos, situados no indivíduo, no espaço e no tempo.

Em síntese, sugere-se pensar as tessituras do conceito em tela de Teoria Crítica da Informação constituídas da seguinte maneira: *Teoria Crítica* + Teoria marxista/dialética/dialógica + Lógica das humanidades + *Teoria crítico-emancipatória* + *Teoria pluri/interdimensional* + Ciência da Informação (Auto) Crítica + Cientista Informacional (Auto) Crítico + Informação-para-emancipação + *Integração entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória* = Teoria Crítica da Informação. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o *x* que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção da Teoria Crítica da Informação (do conceito em tela).

Convém ressaltar, contudo, uma vez mais, que o estudo se distancia de toda e qualquer pretensão universalizante e/ou totalizante quanto ao tema/termo/conceito/teoria. Aqui se converte firmemente à tese de Fernando Pessoa (1996)¹⁷³. Segundo a qual, parafraseando o grande poeta português, *Teoria Crítica da Informação não é uma ideia/conceito deste estudo. A ideia/conceito de Teoria Crítica da Informação em tela é que é uma ideia/conceito deste estudo* (Pessoa, 1996).

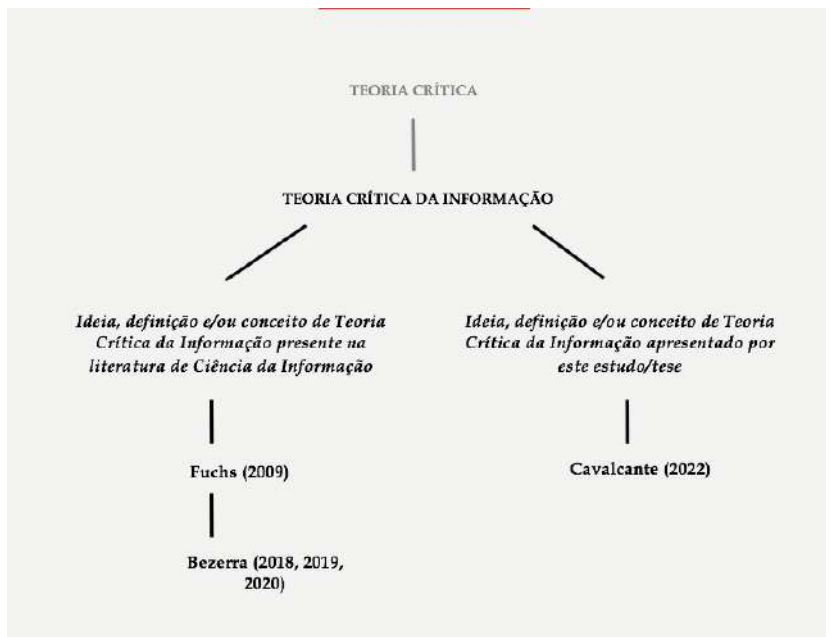
Em verdade, desejamos ver cada vez mais sólidos os caminhos da Ciência da Informação para o avanço do pensamento crítico, em suas várias direções. Em particular, ensejamos ver cada dia mais fortes os vínculos entre Ciência da Informação e Escola de Frankfurt, entre Ciência da Informação e Teoria Crítica. Em particular, esperamos ver

¹⁷³Fernando António Nogueira Pessoa (1908-1967). Escritor e poeta português. Obra (s) sugerida (s): *Obra poética* (1996), dentre outras.

cada dia mais firmes os laços e elos entre Ciência da Informação e Teoria Crítica da Informação, hoje e amanhã.

Como esforço de síntese, sugerimos adiante um “mapa conceitual” das tessituras constitutivas deste capítulo (Figura 6).

Figura 6 – Mapa Capítulo 6



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Capítulo 7

TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO HOJE E AMANHÃ: PONTO DE CHEGADA, NOVOS PONTOS DE PARTIDA

Quanto mais estrelas (teóricos e teorias críticas) se somarem para iluminar questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, mais claro será o caminho.

parafraseando Felice Leonardo Buscaglia¹⁷⁴

Aqui chegados, deve-se ter clareza de que Teoria Crítica da Informação busca *discutir sem abandonar, dimensionar sem diminuir, avançar sem negar* a validade e os feitos da Teoria Matemática da Informação. Teoria Crítica da Informação busca *ser mais e ir além* desta. Teoria Crítica da Informação se apresenta como alternativa desta. Teoria Crítica da Informação busca *innovar, atualizar e ampliar* os horizontes na *forma* de ler, ver e entender a informação, as coisas do campo e a própria Ciência da Informação. Tudo em bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas.

Distantes de pretensões definitivas e inexoráveis, esforçamo-nos, com este estudo, a pensar e problematizar o papel e o significado da Teoria Crítica da Informação junto à Ciência da Informação. Propusemo-nos, com esta investigação, a discutir e reflexionar o atual

¹⁷⁴Felice Leonardo Buscaglia (1924-1998). Escritor ítalo-americano. Obra (s) sugerida (s): *Vivendo, amando e aprendendo* (1982), dentre outras.

estado de coisas de nosso tempo, e, sobretudo, de nosso campo informacional, valendo-nos dos encaminhamentos da Teoria Crítica da Informação.

Chegados aqui, que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica da Informação ante questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, questões e desafios que não param, que não cessam? – parafraseando o poeta Vitor Matos e Sá (SÁ, 1966)¹⁷⁵. Que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica da Informação ante questões e desafios tais como o obscurantismo, revisionismo, negacionismo, *fake news*, pós-verdade, desinformação, entre outros, que desafiam nosso tempo e nosso campo?

À luz da Teoria Crítica da Informação, é possível sugerir, sem encerrar, algumas respostas possíveis. Traço característico à esta teoria a este estudo. Traço, em tudo, finito, aproximado e aberto a vários contatos; em tempo algum totalizante, definitivo ou mesmo indiscutível.

Em tempos de obscurantismo, a via do *esclarecimento* (Adorno; Horkheimer, 1985) ergue-se mais atual do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, entende a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com a proposta kantiana e/ou entre nós desde Kant (2022). E algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (Unesco, 2013, 2019; Noleto, 2021).

Em tempos de negacionismo, a via da *educação científico-crítico-ético-informacional*, da *competência em informação* e da *competência crítica em informação* ergue-se mais vital do que nunca como caminho viável, hoje e amanhã, percebe a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (Unesco, 2013, 2019; Noleto, 2021).

Em tempos de revisionismo, a via da *educação histórico-crítico-ético-informacional* ergue-se mais válida do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, compreende a teoria informacional crítica. Algo

¹⁷⁵Vitor Matos e Sá, pseudônimo de Vitor Raul de Costa Matos (1926-1975). Escritor, pensador e poeta luso-moçambicano. Obra (s) sugerida (s): *A dimensão técnica do homem* (1966), dentre outras.

direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (Unesco, 2013, 2019; Noleto, 2021).

Em um “mundo pós”, pós-pensamento, pós-ética, pós-verdade, a via da *volta/atualização do olhar crítico, ético e vigilante iluminista* e/ou da *volta/atualização do projeto/paradigma iluminista inacabado* ergue-se mais válida do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, sugere a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com a proposta de volta/atualização dos ideais iluministas do “projeto da modernidade”, segundo alguns, um “projeto inacabado”, ideia defendida por Habermas (2000) e outros tantos mais.

Em tempos de desinformação e de fake news, a via da *educação crítico-ético-informacional*, da *competência em informação* e/ou da *competência crítica em informação* ergue-se mais atual do que nunca como caminho vital, no presente e no futuro, admite a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (Unesco, 2013, 2019; Noleto, 2021). E algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Competência Crítica em Informação”, de estudos críticos em informação (Bezerra, 2015; Bezerra; Schneider; Brisola, 2017a; Bezerra; Doyle, 2017b; Bezerra, 2018; Bezerra, 2019; Schneider, 2019; Bezerra, 2021; Brisola; Schneider; Silva Junior, 2016; Brisola, 2016; Doyle, 2017; Elmborg, 2006; Elmborg, 2012; Fuchs, 2006; Schneider, 2019; Simmons, 2005; Tewell, 2015).

Ou seja, via Teoria Crítica da Informação, é preciso assumir a *tarefa* dialética e dialógica de traçar um *diagnóstico* crítico, analítico e vigilante do tempo presente, em busca de possíveis saídas, vias de superação, horizontes de emancipação, de algum *prognóstico* de futuro possível.

Em virtude disso, enveredamo-nos a defender que o campo avance rumo à Teoria Crítica da Informação. A Teoria Crítica da Informação pode *ir além* junto aos estudos e pesquisas da Ciência da Informação. A Teoria Crítica da Informação pode *ser mais* junto às tendências e tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da

Informação. A Teoria Crítica da Informação pode ir *muito além*, pode deitar raízes mais sólidas, firmes e/ou sustentadas junto à Ciência da Informação. Há todo um potencial de contribuição da Teoria Crítica da Informação a ser acessado e explorado junto ao campo.

Posicionamo-nos nessa defesa por entendermos que os delineamentos da Teoria Crítica da Informação erguem-se como *um* caminho válido para fazer frente à percepção de Ciência da Informação predominantemente voltada a projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas. Decerto, os encaminhamentos da Teoria Crítica da Informação se erguem como *uma* via promissora, dentre outras, a iluminar a Ciência da Informação a se posicionar de forma mais clara e sustentada enquanto ciência social. Uma Ciência da Informação em termos mais humanos, sociais e crítico-emancipatórios.

Enveredamo-nos nessa direção por entendermos que os delineamentos da Teoria Crítica da Informação se inclinam na direção do revigoramento da ideia de uma *Ciência da Informação do futuro* social, humanística e emancipatória. Em direção contrária ao fortalecimento da ideia de um *futuro da Ciência da Informação* puramente pragmatista, tecnicista e positivista.

Conscientizamo-nos de que os desafios que se impõem no horizonte são inúmeros e plurais. Contudo, “Per aspera ad astra”, “Dos desafios, chega-se às estrelas”, diz o brocardo latino – em tradução livre. Cientes dos desafios, à luz da Teoria Crítica da Informação, encorajamo-nos a alinhar os fios do futuro de uma Ciência da Informação para o avanço do pensamento crítico. Uma Ciência da Informação envolvida e comprometida com o livre pensar, fundada em discursos livres, em ações autônomas, humanamente envolvida e comprometida com a redução dos dilemas e das desigualdades sociais, muito além da condição de campo empiricamente funcional e tecnicamente útil, visão instituída/legada ao longo de sua trajetória.

Esperamos, portanto, que as inquietações, os trajetos e as reflexões delineados por este estudo somem-se a outros e possam fundamentar o projeto e outras possibilidades de estudos críticos em Ciência da Informação. Entendemos que quanto mais estrelas (teóricos e teorias críticas) se somarem para iluminar questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, mais claro será o caminho para enfrentá-los e/ou mesmo superá-los no presente e no futuro, parafraseando o poeta Felice Leonardo Buscaglia (2013). Desejamos, em verdade, que os

estudos e as investigações do campo se lancem na direção de temas como *técnica, ciência, ética, ideologia, dialética, bem-estar social e emancipação social*, entre outros, temas caros à Teoria Crítica e à Teoria Crítica da Informação, temas centrais para trazer luz e/ou mesmo fazer frente às questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, hoje e amanhã.

REFERÊNCIAS

ABROMEIT, J. **Max Horkheimer and the foundations of the Frankfurt School**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

ADLER, L. **Hannah Arendt, una biografía**. Buenos Aires: Editorial Ariel, 2019.

ADORNO, T. Einleitung zum “Posiivismusstreit in der deutschen Soziologie”. In: **Soziologische Schriften I**. Frankfurt: Suhrkamp, 1969, p. 280-353.

ADORNO, T. W. Crítica cultural e sociedade. In: COHN, G. (org.). **Prismas**. São Paulo: Ática, 1998.

ADORNO, T. Zur Logik der Sozialwissenschaften. In: **Soziologische Schriften I**. Frankfurt: Suhrkamp, 1962, p. 574-585.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AMAZON (Estados Unidos). **Lista dos Best-Sellers**. [S.l.], 2022. Disponível em: https://www.amazon.com/Politics-Social-Sciences-Books/b/ref=dp_bc_aui_C_2?ie=UTF8&node=3377866011. Acesso em: 11 ago. 2022.

ARAÚJO, C. A. A. A Ciência da Informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

ARAÚJO, C. A. A. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01-30, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/15958/14205>. Acesso em: 10 jan. 2018.

ARAÚJO, C. A. A. Teoria matemática da comunicação e a questão da interdisciplinaridade. **Revista Cesumar**, v.16, n. 2, p. 545-570, set./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/>

article/view/1508/1342. Acesso em 15 an. 2013.

ARAÚJO, C. A. A. Um mapa da Ciência da Informação: história, subáreas e paradigmas. **Convergências em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 45-70, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/9341>. Acesso em: 18 abr. 2020.

ARAÚJO, C. A. A.; ROLIM, E. A.; MARZANO, I. M. G.; BITENCOURT, L. G. A Ciência da Informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.17, n.2, p.95-108, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/637/1450>. Acesso em: 11 ago. 2022.

ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARMSTRONG, N. “That’s one small step for man, one giant leap for mankind” [for National Aeronautics and Space Administration] [tradução livre]. **NASA** (YouTube), Estados Unidos, 20 jul. 1969. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S9HdPi9Ikhk>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ASSIS, M. Carta de Machado de Assis a José Veríssimo. In: ROUANET, S. P. (org.). **Correspondência de Machado de Assis**: tomo III, 1890-1900. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

BARRETO, A. A. Uma história da Ciência da Informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 13-34. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BARRETO, A. A. Uma quase história da Ciência da Informação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-18, abr. 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45241>. Acesso em: 16 mar. 2021.

BARRETO, A. Uma elegante esperança. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 7-9, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/602/604>. Acesso em: 6 ago. 2021.

BASE DE DADOS REFERENCIAL DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BRAPCI). Disponível em: <http://www.brapci.inf.br>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BECKER, H. A Escola de Chicago. **Mana**, v. 2., n. 2, p. 177-188, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0104-93131996000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2020.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: L&PM, 2014.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEZERRA, A. C. Contribuição da Teoria Crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANCIB, 2018.

BEZERRA, A. C. Da teoria matemática à teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 182-201, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/25511/19914>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BEZERRA, A. C. Teoria Crítica da Informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. In: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. P.; SALDANHA, G. S. (orgs.). **iKritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BEZERRA, A. C. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2018, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ANCIB, 2015.

BEZERRA, A. C.; DOYLE, A. Competência crítica em informação e participação ética em comunidades de aprendizagem. In: ENCONTRO

NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais** [...]. Marília: ANCIB, 2017b.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. (orgs.). **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; BRISOLA, A. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 27, n.1, p. 7-16, jan./abr. 2017a.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD). **BDTD**, Brasil, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

BLOOM, H. **Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BLOOM, H. **O cânone ocidental: os grandes livros e os escritores essenciais de todos os tempos**. Lisboa: Temas e Debates, 2011.

BODANIS, D. **Einstein, biografia de um gênio imperfeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992827/mod_resource/content/1/Borko.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

BOSCO, F. Duas perguntas para Axel Honneth [entrevista]. **Cult**, São Paulo, p. 63-65, v. 12, n. 136, jun. 2009.

BRISOLA, A. **A ágora digital, a competência crítica em informação e a cidadania ampliada: uma construção possível**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 2016.

BRITISH AIRWAYS (Reino Unido). **Celebrating Concorde**. [S.l.], 2022. Disponível em: <https://www.britishairways.com/en-us/information/about-ba/history-and-heritage/celebrating-concorde>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BRONNER, S. **Da Teoria Crítica e seus teóricos**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

BROOKES, B. The foundations of Information Science. Part I. Philosophical aspects. **Journal of Information Science**, v. 2, n. 3/4, p. 125-133, 1980.
Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555158000200302>. Acesso em: 13 dez. 2021.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: [https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20\(thing\).pdf](https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20(thing).pdf). Acesso em: 21 jan. 2020.

BUCKLAND, M. What kind of science *can* Information Science be? **Journal of the American Society for Information Science and Technology** (JASIST), New York, v.63, n.1, p. 1-7, jan. 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.21656>. Acesso em: 15 ago. 2019.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: UNESP, 1991.

BURKE, P. **O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci à Susan Sontag**. São Paulo: Editora UNESP, 2020.

BURKE, P. **Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BUSCAGLIA, L. **Vivendo, amando e aprendendo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

BUSH, V. As we may think. **The Atlantic Monthly**, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>. Acesso em: 11 jan. 2020.

BUTLER, J. “Negar as ciências humanas nos deixa à deriva num mundo movido por forças econômicas” [entrevista concedida a Audrey Furlaneto]. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/negar-as-ciencias-humanas-nos-deixa-deriva-num-mundo-movido-por-forcas-economicas-diz-judith-butler-23647897>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPURRO, R. Apresentação. In: SALDANHA, G. **Ciência da Informação: crítica epistemológica e historiográfica**. Rio de Janeiro: IBICT, 2020.

CAPURRO, R. Blurb. In: BEZERRA, A.; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R.; SALDANHA, G. **iKritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.

CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. **Logeion**, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 110-136, ago./fev. 2014a. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/1494/0>. Acesso em: 13 mar. 2019.

CAPURRO, R. What is information science? A philosophical reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Orgs.). **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992. p. 82-98. Disponível em: <http://www.capurro.de/tampere91.htm>. Acesso em: 16 ago. 2021.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jan. 2020.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, A. V. B. **Teoria crítica da informação: Teoria Crítica em Ciência da Informação no caminho da Escola de Frankfurt**. 2023. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2023.

CAVALCANTE, A. V. B.; BUFREM, L. S.; CÔRTEZ, G. R. A Escola de Frankfurt e a Ciência da Informação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 2, p. 40-60, mar./ago. 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5101/4541>. Acesso em: 12 mar. 2020.

CHALMERS, A. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão, 1988.

CHAUÍ, M. A universidade operacional. **Folha de São Paulo**, v. 9, n. 5, p. 99, 1999.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CHOMSKY, N. The false promise of ChatGPT. **The New York Times**, Nova York, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/03/08/opinion/noam-chomsky-chatgpt-ai.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (Brasil)**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br>. Acesso em: 02 maio 2022.

COULON, A. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. (Orgs.). **Ciência da Informação e Documentação**. Campinas: Alínea, 2011.

DARWIN, C. **A viagem do Beagle: viagem de um naturalista à volta do mundo**. Lisboa: Relógio D'água, 2009.

DARWIN, C. The Voyage of HMS Beagle. **Journal of Researches into the Natural History and Geology on the Countries**, London, 1839. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/3704>. Acesso em: 10 abr. 2022.

DEFENSE ADVANCED RESEARCH PROJECTS AGENCY (DARPA) (Estados Unidos). **Arpanet**. Agência de Pesquisas do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (EUA). [S.l.], 2022. Disponível em: <https://www.darpa.mil/about-us/timeline/arpanet>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2007.

DESCARTES, R. **As paixões da alma**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973c.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973a.

DESCARTES, R. **Meditações**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973b.

DICKENS, C. **David Copperfield**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

DOYLE, A. **Competência crítica em informação nas escolas ocupadas do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 2017.

EILENBERGER, W. **Tempo de mágicos: a grande década da filosofia (1919-1929)**. São Paulo: Todavia, 2019.

ELMBORG, J. Critical information literacy: definitions and challenges. In: WILKINSON, C. W.; BRUCH, C. (orgs). **Transforming information literacy programs: intersecting frontiers of self, library culture, and campus community**. Chicago, IL: Association of College and Research Libraries, 2012.

ELMBORG, J. Critical information literacy: implications for instructional practice. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 32, n. 2, p. 192-199,

2006.

ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

EWEN, F. **Bertolt Brecht, sua vida, sua arte, seu tempo**. Rio de Janeiro: Globo, 1991.

FREIRE, G. H.; FREIRE, I. M. **Introdução à Ciência da Informação**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FREITAG, B. **A teoria crítica ontem e hoje**. São Paulo: 1986

FROMM, E. **A crise da Psicanálise**: Freud, Marx e a Psicologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FROMM, E. **Meu encontro com Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

FROMM, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FROMM, E. **Ter ou ser?** 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FUCHS, C. Towards a Critical Theory of Information. **Triple C**, Salzburgo, v. 7, n. 2, p. 243-292, 2009.

GALEANO, E. **Fechado por motivo de futebol**. Porto Alegre: L&PM editores, 2018.

GARCIA, J. C. R. Conferências do Geórgia Institute of Technology e a Ciência da Informação: “de volta para o futuro”. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/153>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GAUKROGER, S. **Descartes**: uma biografia intelectual. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 1999.

GAY, P. **Freud, uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GEORGIA INSTITUTE OF TECHNOLOGY (Estados Unidos).
Proceedings of the Conferences on Training Science Information Specialists. Atlanta, abr. 1962.

GHIRALDELLI JR, P. **História da filosofia.** São Paulo: Contexto, 2008.

GHIRALDELLI JR, P. **O que é dialética do Iluminismo?** 1 ed. São Paulo: Manole, 2010.

GIDDENS, A. **Sociologia.** 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GLEICK, J. **A informação:** uma história, uma teoria, uma enxurrada. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GOMES, H. E. (Org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980, p. 09-51. (Série Ciência da Informação)

GOMES, L. B.; BOLZE, S. D. A.; BUENO, R. K.; CREPALDI, M. A. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. **Pensando Famílias**, v. 18, n. 2, p. 3-16, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A informação no pensamento contemporâneo: aproximações à teoria do agir comunicativo de Habermas. In: BRAGA, G. M.; PINHEIRO, L. V. R. (Orgs.). **Desafios do impresso ao digital:** questões contemporâneas de informação e conhecimento. Brasília: Ibict: Unesco, 2009. p. 177-204.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. O objeto de estudo da Ciência da informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 2, p.117-22, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/332/332>. Acesso em: 14 dez. 2021.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/48314>. Acesso em: 27 ago. 2021.

GOOGLE TRENDS. Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=frankfurt%20school,chicago%20school%20of%20sociology,anales%20school>. Acesso em: 13 fev. 2022.

GORTÁZAR, N. G. Bolsonaro ataca universidade pública, ciência e pensamento crítico. **El País**, São Paulo, 13 maio 2019. Disponível em: https://elpais.com/sociedad/2019/05/11/actualidad/1557603454_146732.html. Acesso em: 13 dez. 2019.

GRACIOSO, L. **Filosofia da linguagem e Ciência da Informação**: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais. 2008. 176f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2008.

GULLAR, F. **Toda Poesia (1950-2010)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HABERMAS, J. A ideia da universidade: processos de aprendizagem. **RBEP**, Brasília, v. 74, n. 176, p. 111-130, jan./abr. 1993. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1217/1191>. Acesso em: 09 abr. 2018.

HABERMAS, J. **A Lógica das Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.

HABERMAS, J. **Dialética e hermenêutica**: para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Porto Alegre: L&PM, 1987b.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1987a.

HABERMAS, J. **Teoria de la Acción Comunicativa**: crítica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus: 2001. v. 2.

HABERMAS, J. **Teoria de la Acción Comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. v. 1, Madrid: Taurus, 1999. v. 1.

HABERMAS, J. **Teoria do Agir Comunicativo**: crítica à razão funcionalista. São Paulo: Martins Fontes, 2012. v. 2.

HACKER, A. Philosophy of the New Left. **New York Times**, 10 March 1968, Book Review Section.

HADDAD, F. Habermas: herdeiro de Frankfurt? **Novos Estudos CEBRAP**, v. 48, p. 67-84, 1997.

HEGEL, G. W. F. **Princípios da filosofia do direito**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HJØRLAND, B. Theoretical development of Information Science: a brief history. **Journal of Information Science**, jan. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262917289_Theoretical_development_of_information_science_A_brief_history. Acesso em: 18 abr. 2021.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HONNETH, A. Duas perguntas para Axel Honneth [entrevista concedida a Francisco Bosco]. **Cult**, São Paulo, p. 63-65, v. 12, n. 136, jun. 2009.

HONNETH, A. Teoria crítica. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Unesp, 2015a.

HORKHEIMER, M. **Teoria Crítica I**. São Paulo: Perspectiva, 2015b.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. (Orgs.). **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril cultural, 1975.

IANNI, O. A Sociologia e o mundo moderno. **Tempo Social**, v. 1, n. 1, p. 7-27, jan./jun., 1989.

IANNI, O. Variações sobre arte e ciência. **Tempo Social**, v. 16, n. 1, p. 7-23, 2004.

INGWERSEN, P. Conceptions of Information Science. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Orgs.). **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992. p. 299-312.

INTERNATIONAL SOCIETY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION (ISKO). **Encyclopedia for Knowledge Organization**. Edited by Alan Gilchrist, Birger Hjørland and Claudio Gnoli. 2019. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/vickery>. Acesso em: 9 fev. 2022.

JAY, M. **A imaginação dialética: a história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KANT, I. **Resposta à pergunta: o que é “esclarecimento”?** São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.

KOOPMANN, H. “German Culture is where I am”: Thomas Mann in Exile. **Studies in 20th Century Literature**, v. 7, n. 1, p. 5-20, 1982. Disponível em: <https://newprairiepress.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1111&context=stcl>. Acesso em: 20 jan. 2022.

LESK, M. The Seven Ages of Information Retrieval. In: **Universal Dataflow and Telecommunications Core Programme**. Cambridge: International Federation of Library Associations and Institutions, 1996, p. 1-16. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VI/5/op/udtop5/udt-op5.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LEVIN, M. R. **American Marxism**. New York: Threshold Editions, 2021.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÖWY, M. A filosofia da história de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 16, v. 45, p. 199-206, 2002a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877>. Acesso em: 11 fev. 2019.

- LÖWY, M. Benjamin, Habermas e a modernidade. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 32, p. 67- 84, 1992b. Disponível em: [//www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877](http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877). Acesso em: 11 fev. 2019.
- LÖWY, M. Habermas e Weber. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 9, v. 1, p. 199-206, p. 79-86, 1999. Disponível em: [//www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877](http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877). Acesso em: 11 fev. 2019.
- LÖWY, M. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2002b.
- LÖWY, M. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LÖWY, M.; VARIKAS, E. A crítica do progresso em Adorno. **Lua Nova**, São Paulo, n. 27, p. 201-215, dez. 1992a. Disponível em: [//dx.doi.org/10.1590/S0102-64451992000300010](https://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451992000300010). Acesso em: 11 fev. 2019.
- LOYER, E. **Lévi-Strauss**. São Paulo: Edições SESC, 2018.
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MARCUSE, H. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MARCUSE, H. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial. São Paulo: Edipro, 2015.
- MARTELETO, R. Prefácio. *In*: BEZERRA, A. C; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. P.; SALDANHA, G. S. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.
- MARTINEZ, P. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956). **Revista de História**, São Paulo, v. 146, p. 11-27, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18929/20992>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MARX, K. **O Capital**. Livro I, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, K. **O Capital**. Livro I, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

MATOS, O. C. F. **Escola de Frankfurt**: luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

MATOS, O. C. F. **Os arcanos do inteiramente outro**: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MCCARTHY, T. **La Teoria Crítica de Jürgen Habermas**. Madrid: Tecnos, 1992.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEIRELES, C. Prefácio. *In*: RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 2013.

MIKHAILOV, A. I. Informatics: its scope and methods. *In*: **Anais FID**. On theoretical problems of Informatics. Moscow: FID/RI, VINITI, 1969. (FID 435).

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. S. Estrutura e principais propriedades da informação científica. *In*: GOMES, H. E. (org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 70-89.

MIKHAILOV, A.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. S. Informatic – a new name for theory of scientific information. **Nauko-Tekhnicheskaya Informatsiya**, n. 12, 1966.

MOOERS, C. N. Zatocoding applied to mechanical organization of knowledge. **American Documentation**, New York, v. 2, n. 1, p. 20-32, 1951.

Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/asi.5090020107>. Acesso em: 10 mai. 2022.

MORIN, E. 'A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças' [entrevista concedida a Andrea Rangel]. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 ago. 2014.

MOSTAFA, S. **Epistemologia da Biblioteconomia**. 1985. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1985.

MÜLLER-DOOHM, S. **Habermas: a biography**. Cambridge: Polity Press, 2016.

NATIONAL AERONAUTICS AND SPACE ADMINISTRATION (NASA) (Estados Unidos). **Viking I**. Disponível em: <https://www.nasa.gov/50th/favpic/viking1.html>. Acesso em: 10 ago. 2022.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL (Estados Unidos). **Proceedings of the International Conference on Scientific Information: Two Volumes**. Washington, nov. 1959. Disponível em: <https://doi.org/10.17226/10866>. Acesso em: 19 jun. 2022.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEWTON, I. Carta de Isaac Newton a Robert Hooke em 5 de fevereiro de 1675. **Biblioteca Digital da Sociedade de História do Estado da Pensilvânia** (Estados Unidos). Disponível em: <https://digitallibrary.hsp.org/index.php/Detail/objects/9792>. Acesso em: 13 de fev. 2022.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NOBRE, M. **A Teoria Crítica**. São Paulo: Zahar Editores, 2004. (Coleção Filosofia Passo-a- Passo; 47).

NOLETO, M. Precisamos de 'mentes críticas em tempos críticos', diz diretora da Unesco [entrevista concedida a Naief Haddad]. **Folha de São Paulo**, São

Paulo, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/precisamos-de-mentes-criticas-em-tempos-criticos-diz-diretora-da-unesco.shtml>. Acesso em: 02 jan. 2022.

ONG, W. J. **Orality and Literacy**: the technologizing of the word. Londres: Methuen, 1982.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Alfabetização Midiática e Informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFMT, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Jornalismo, Fake News & Desinformação**: manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Brasília: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 18 jul. 2022.

ORTEGA Y GASSET, J. Meditaciones del Quijote. *In*: **Obras completas de José Ortega y Gasset**. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

OUELBANI, M. **O Círculo de Viena**. São Paulo: Parábola, 2009.

OXLEY, H. Spins a Web of Science. **Database**, v. 21, n. 2, abr./maio 1998. Disponível em: <http://www.onlineinc.com/database/awards/award3.html>. Acesso em: 12 jun. 2022.

OZ, A. **Do que é feita a maça**: seis conversas sobre amor, culpa e outros prazeres. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

PHILLIPS, G. D. **Some like it Wilder**: the life and controversial films of Billy Wilder. Lexington: The University Press of Kentucky, 2010.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609/611>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PINZANI, A. **Habermas**. Porto Alegre: Penso, 2009.

POPPER, K. Zur Logik der Sozialwissenschaften. **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**, n. 14, v. 2, p. 233-248, 1962.

PRATER, D. **Thomas Mann, uma biografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REIS, J. C. **Escola dos Annales**: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ROSA, J. G. **Discurso de posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras (ABL)**. Rio de Janeiro: ABL, 1967. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. 22 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROUANET, S. P. **Teoria Crítica e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFCE, 1983.

SÁ, V. M. A dimensão técnica do homem. **O Tempo e o Modo**, v. 34/35, v. 1, p. 123-143, jan./fev. 1966. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/o-tempo-e-o-modo/in-issue/iss_0000001732/125. Acesso em: 11 de ago. 2022.

SALDANHA, G. Sem e cem teorias críticas: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. In: BEZERRA, A. C.; Schneider, M.; PIMENTA, R. M.; SALDANHA, G. S. (orgs.). **iKritika**: estudos críticos em informação; Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 171-240.

SANTOS JUNIOR, R. L.; PINHEIRO, L. V. R. A abordagem teórica de A. I. Mikhailov sobre o termo informação científica. **RDBCI**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 27-45, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1955/2076>. Acesso em: 7 jul. 2022.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308/17916>. Acesso em: 13 nov. 2021.

SCHMITZ, F. **O Círculo de Viena**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2019.

SCHNEIDER, M. Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, A. C; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. P.; SALDANHA, G. S. (orgs.). **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SCOPUS. Disponível em: <https://www-scopus.ez121.periodicos.capes.gov.br/search/form.uri?display=basic#basic>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SHANNON, C.; WEAVER, W. **The Mathematical Theory of Communication**. Chicago: London: The University Press, 1949.

SHERA, J. The sociological relationships of information science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 22, p.76-80, abr. 1971.

SIMMONS, M. H. Librarians as disciplinary discourse mediators: using genre theory to move toward critical information literacy. **Libraries and the Academy**, Baltimore, v. 5, n. 3, p. 297-311, 2005.

SOUZA, E. D. Configurações do campo da Ciência da Informação: pluralismo epistemológico e descentração interdisciplinar. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/261/261>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA, J. Ambivalência moral e política do mundo moderno. **Cult**, São Paulo, v. 12, n. 136, p. 60-62, jun. 2009.

SPECTER, M. **Habermas**: an intellectual biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TAYLOR, R. Professional aspects of information and technology. **Annual Review Information Science and Technology**, v. 1, p. 15-40, 1966.

TAYLOR, R. The information sciences. **Library Journal**, v. 88, p. 4161-4162, 1963.

TEWELL, E. A decade of critical information literacy: A review of the literature. **Communications in Information Literacy**, v. 9, n. 1, p. 24-43, 2015.

THE NEW YORK TIMES (Estados Unidos). Books Best-sellers 2021. *The New York Times*, 05 set. 2021. Hardcover Nonfiction; Combined Print & E-Book Nonfiction. Disponível em: <https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2021/09/12/hardcover-nonfiction/>; <https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2021/09/05/combined-print-and-e-book-nonfiction/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

THE NEW YORK TIMES (Estados Unidos). I. B. M. To Put Out New 'Think' Unit; 4 More Eletronic Devices Produced To Increase Industry Automation. **The New York Times**, 14 set. 1956. Disponível em: https://www.nytimes.com/1956/09/14/archives/i-b-m-to-put-out-new-think-units-4-more-electronic-devices-produced.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1956%2F09%2F14%2F84711681.html%3Fpdf_redirect%3Dtrue&site=false. Acesso em: 10 ago. 2022.

THE NOBEL PRIZE (Suécia). **The Nobel Prize in Physics 1956**. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes-in-physics/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

THE WALL STREET JOURNAL (Estados Unidos). Books Best Sellers 2021. **The Wall Street Journal**, 9 set. 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/bestselling-books-week-ended-september-4-11631216286>. Acesso em: 11 abr. 2022.

TIME (Estados Unidos). Vannevar Bush General of Physics. **Time**, 3 apr. 1944, v. 43, n. 14. Disponível em: <https://content.time.com/time/covers/0,16641,19440403,00.html>. Acesso em: 12 de mar. 2022.

VERNANT, J. P. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WEB OF SCIENCE (WoF). Disponível em: <https://www-webofscience.ez121.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/basic-search>. Acesso em: 13 fev. 2022.

WEBER, M. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2002.

WIENER, N. **Cybernetics or control and communication in the animal and the machine**. New York: John Wiley, 1948.

WIGGERSHAUS, R. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

APÊNDICE

Apêndice A: Ecos da Teoria Crítica de Frankfurt em Ciência da Informação (2001-2022): teóricos, teorias e modelos críticos nos estudos informacionais a partir de uma literatura crítica aberta*¹⁷⁶

De partida, convém ressaltar que o modelo de apêndice em tela se inspira fundamentalmente no modelo de apêndice construído por Saldanha (2019).

Com base em fontes recuperadas junto à Brapci (2022), se vê e se lê um amplo quadro de teóricos, teorias e modelos críticos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. Uns mais inclinados a teóricos como Horkheimer, alguns mais próximos a Habermas, outros mais inclinados a Honneth, e assim por diante. Encontramos ainda um amplo quadro de temas, abordagens e conceitos identificados com a Teoria Crítica/Escola de Frankfurt. De um lado, conceitos de *indústria cultural*, de *técnica* e de *ciência*, de outro, temas/conceitos/abordagens de *emancipação social* e da *ideologia*, entre outros.

Como toda lista, *corpus*, compilação de fontes, esta é ambiciosa e breve, finita e aberta. Em tempo algum definitiva ou mesmo absoluta, totalizante ou postulante a esgotar o tema. Em tudo se reconhece como finita, provisória e aproximada, consciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico e epistemológico.

^{176*} Literatura compilada junto à BRAPCI em 08/11/2022. Total: 205 trabalhos (BRAPCI, 2022).

1. AGANETTE, E. C.; TEIXEIRA, L. M. D. Da fundamentação ontológica à representação de processos clínicos: uma abordagem teórica. **Informação & Informação**, v. 24, n. 2, p. 234-262, 2019.
2. AGANETTE, E. C.; TEIXEIRA, L. M. D.; AGANETTE, K. J. P. Modelagem de processos em empresa do setor de saúde pública: i-CISMEP, um relato de caso. **Ágora**, v. 28, n. 56, p. 92-110, 2018.
3. ALENTEJO, E. S. Elementos da Gestão da Informação para implantação da Gestão da Qualidade em bibliotecas. **Biblos**, v. 26, n. 2, p. 67-104, 2012.
4. ALMEIDA, G. M. R.; MELLO, J. G. A estética como ato político: entrevista com Josep Maria Català Domenech. **Em Questão**, v. 18, n. 2, p. 15-24, 2012.
5. ALMEIDA, M. A. Entrevista Waldomiro de Castro Santos Vergueiro. **InCID**, v. 6, n. 2, p. 170-183, 2015.
6. ALMEIDA, M. A. A gaiola de chips: apontamentos sobre tecnologia, sociabilidade e cultura na sociedade da informação. **Em Questão**, v. 11, n. 1, p. 13-34, 2005.
7. ALMEIDA, M. B.; TEIXEIRA, L. M. D. Revisitando os fundamentos da classificação: uma análise crítica sobre teorias do passado e do presente. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. Especial, p. 28-56, 2020.
8. ALMEIDA, M. B.; EMYGDIO, J. L. Uma investigação teórica sobre relações semânticas partitivas e sua aplicação em sistemas de organização do conhecimento. **Informação & Informação**, v. 24, n. 2, p. 31-37, 2019.
9. ALVARENGA, L.; SILVA, D. L. Organização e representação do conhecimento na Ciência da Informação: revisão da literatura. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, 2010.
10. AMARAL, S. F.; BARATTI, L. O.; BATACA, D. M.; FRANCO, J. H. A.; RIOS, J. M. M.; LAMAS, A. C. Serviço de apoio a distância ao professor em sala de aula pela TV digital interativa. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 53-70, 2004.

11. ARAUJO, A. N.; SANTOS, C. A. C. M. A contribuição da indexação no processo de seleção de palavras-chave para o Google Adwords. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 109-114, 2017.
12. ARAUJO, A. V. F. De indicibus librorum e a arte de indicialização em Conrad Gesner (Parte II): ilustração e aplicação. **Em Questão**, v. 25, p. 137-158, 2019.
13. ARAUJO, A. V. F. De indicibus librorum e a arte da indicialização em Conrad Gesner (Parte I): contexto e princípios. **Informação & Informação**, v. 23, n. 2, p. 14-37, 2018.
14. ARAUJO, A. V. F. Os 500 anos do pai da Bibliografia: da celebração ao gesto bibliográfico de Conrad Gesner (2016-1516). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 65-95, 2017.
15. ARAUJO, C. A. A. O pensamento crítico na Arquivologia, na Biblioteconomia e na Museologia. **InCID**, v. 5, n. 1, p. 27-46, 2014b.
16. ARAUJO, C. A. A. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, n. 1, p. 57-79, 2014a.
17. ARAUJO, W. J.; LIMA, G. A. B. O. Em busca de uma metodologia para enriquecimento de ontologias de domínio. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, 2019.
18. ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 1, p. 18-43, 2010.
19. ASSUNÇÃO, R. V.; REIS, C. A. M. O futuro das bibliotecas pós-Google Books. **DataGramaZero**, v. 13, n. 6, 2012.
20. ATEM, G. N. Mídia e individuação semioestética. **Em Questão**, v. 16, n. 2, p. 135-147, 2010.

21. BACHA, M. L.; FIGUEIREDO NETO, C. É só sucesso! O rádio e o consumidor de baixa renda. **Comunicação & Informação**, v. 16, p. 67-81, 2013.
22. BARROS, C. T. G. Distribuição de conteúdo audiovisual: configurações de fronteiras em escala mundial. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 11, p. 197-207, 2008.
23. BELINSKI, R.; MARTINS, J. Interface gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional: uma revisão de literatura. **Revista P2P e Inovação**, v. 6, p. 24-37, 2020.
24. BERNARDO, C. G.; GOTTSCHALG-DUQUE, C.; ORLANDI, T. R. C.; MORI, A.; DUQUE, C. G. Classificação de jogos eletrônicos como tecnologia assistiva para pessoas com deficiência visual. **Informação & Informação**, v. 25, n. 1, p. 141-170, 2020.
25. BERRÍO-ZAPATA, C.; VALENTIM, M. L. P.; SANTANA, R. C. G.; HUMANA, I. D. H. O discurso iluminista da exclusão digital: crítica do Mundaneum Informático Pós-Fordista de Knoxville, Tennessee. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 1, p. 100, 2015.
26. BERTI JUNIOR, D. W.; SOERTEL, D.; LIMA, G. B.; MACULAN, B. C. M. S. Semiautomatização de relações em tesouros: uma proposta para o refinamento de relacionamentos semânticos a partir do tesouro Agrovoc. **Informação & Informação**, v. 22, n. 3, p. 377-404, 2017.
27. BEZERRA, A. C. Da teoria matemática para uma proposta de teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, p. 182-201, 2020.
28. BEZERRA, A. C.; BELONI, A. Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação. **Em Questão**, v. 25, n. 2, p. 208-228, 2019.
29. BLATTMANN, U. Visita a bibliotecas na Alemanha. **Revista ACB**, v. 10, n. 2, p. 269-294, 2005.

30. BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. O uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias: um estudo de avaliação sociocognitiva com protocolo verbal. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 23-51, 2010.
31. BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Avaliação da linguagem documentária decs na área de fonoaudiologia na perspectiva do usuário: estudo de observação da recuperação da informação com protocolo verbal. **Encontros Bibli**, v. 11, n. 21, p. 16-33, 2006.
32. BOLAÑO, C. R. S. Organização em rede, capital e a regulação mercantil do elo social. **Liinc em revista**, v. 12, n. 1, 2016.
33. BORTOLIN, S.; LOPES, F. C. A percepção de pesquisadores da Ciência da Informação quanto aos conceitos de mediação. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, v. 39, n. 2, p. 121-132, 2016.
34. BREEN, M. Informação não é conhecimento: teorizando a economia política da virtualidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, 2001.
35. BRITTO, A. C. L.; CORRADI, A.; LAGE, D. G. R. C. Teoria do reconhecimento de Axel Honneth: razões para preservar arquivos pessoais. **Ágora**, v. 29, n. 58, p. 1-18, 2019.
36. BUAINAIN, A. M.; MENDES, C. I. C.; SILVA, A. B. O.; CARVALHO, S. M. P. Indústria criativa: direitos de autor e acesso à cultura. **Liinc em revista**, v. 7, n. 2, 2011.
37. BUFREM, L. S.; SILVA, F. M.; SOBRAL, N. V. Análise das influências intelectuais na produção científica da área de Ciência da Informação: um estudo sobre os bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ-CNPq). **Em Questão**, v. 23, p. 115-141, 2017.
38. BUFREM, L. S. Informação, conhecimento e verdade: discussões contemporâneas. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 10, n. 2, 2016.

39. BUFREM, L. S.; SORRIBAS, T. V. Mediação e convergência em bibliotecas acadêmicas: saberes e práticas culturais. **Encontros Bibli**, v. 13, n. 25, p. 68-83, 2008.
40. CAETANO, K. Impregnações tecnoestéticas na vida cotidiana: inconsciente óptico, filosofia da caixa preta, artealização e everywhere. **Em Questão**, v. 18, n. 1, p. 247-264, 2012.
41. CAJUR - Caderno de Informações Jurídicas, v. 1, n. 1, 2014.
42. CALEIRO, M. M. O lugar da psicanálise nos escritos cinematográficos de Kracauer: da “massa” ao espectador. **Em Questão**, v. 16, n. 1, p. 131-145, 2010.
43. CAMARGO, S. Trabalho imaterial, cultura e dominação. **Liinc em revista**, v. 6, n. 1, 2010.
44. CAMILLO, E. S.; OTA, A. S.; CASTRO, F. G.; SCHIAVINOTO, R. A.; ANDRADE, R. A. Organização do Conhecimento: Henry Evelyn Bliss e sua terminologia refletidos na Knowledge Organization Journal. **Biblionline**, v. 12, n. 4, p. 2-11, 2016.
45. CAMINHAS, L. R. P.; LELO, T. V. Identificação e reconhecimento: pela apreensão das lutas sociais nos processos de interação e nos dispositivos midiáticos. **Comunicação & Informação**, v. 17, n. 1, p. 95-110, 2014.
46. CAMPOS, M. L. A.; CAMPOS, L. M.; MEDEIROS, J. S. Representação de Domínios de Conhecimento e uma Teoria de Representação: a ontologia de fundamentação. **Informação & Informação**, v. 16, n. 2, p. 140-164, 2011.
47. CAPURRO, R. Ensayo autobiográfico en diálogo con Prof. Rafael Capurro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 255-272, 2010.
48. CAPURRO, R. Gestão do conhecimento cético. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 1, n. 1, p. 4-14, 2011.
49. CARDOSO, C. F. Mudanças de rumo na metodologia dos estudos sociais. **DataGramaZero**, v. 5, n. 5, 2004.

50. CARVALHO, L. A.; CRIPPA, G. Ciência da informação: histórico, delimitação do campo e a sua perspectiva sobre a área da comunicação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n. 4, p. 241-251, 2013.
51. CASSIANO, G.; GÓES, C. B.; NEVES, B. C. As tecnologias digitais no contexto educacional para a autonomia dos sujeitos. **Revista Fontes Documentais**, v. 2, n. 3, p. 43-58, 2019.
52. CASTELLANO, M. “É bom porque é ruim!” Considerações sobre produção e consumo de cultura trash no Brasil. **Em Questão**, v. 16, n. 2, p. 283-296, 2010.
53. CAVALCANTE, A. V. B.; BUFREM, L. S.; CÔRTEZ, G. R. A Escola de Frankfurt e a Ciência da Informação. **Logeion**, v. 6, n. 2, p. 40-60, 2020.
54. CERVANTES, B. M. N.; SUENAGA, C. M. K.; RODRIGUES, M. R. Os conceitos no tratamento da informação arquivística: unidade basilar para a compreensão do conteúdo documental. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 131-151, 2017.
55. CESARINO, M. A. N.; MOURA, M. A. Entrevista com a Professora Maria Augusta da Nóbrega Cesarino. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. Especial, p. 64-85, 2009.
56. CIRINO, J. A. F.; TUZZO, S. A.; TEMER, A. C. R. P. Teoria crítica social para leitura crítica da mídia. **Comunicação & Informação**, v. 17, n. 2, p. 155-172, 2014.
57. COELHO, K. C.; ALMEIDA, M. B. Aquisição de conhecimento para construção de ontologias: uma proposta de roteiro metodológico aplicado ao contexto da hematologia. **Encontros Bibli**, v. 17, n. 35, p. 47-74, 2012.
58. CONDÉ, M. L. L. A sociedade do conhecimento e o humanismo. **Liinc em revista**, v. 11, n. 2, 2015.
59. CONDURU, R. Negrum multicor: arte, África e Brasil para além de raça e etnia. **Acervo**, v. 22, n. 2, p. 29-44, 2009.

60. COSTA, A. F.; LIMA, E. B. A representação do arquivista em obras de ficção: perspectivas do profissional sob o olhar do cinema e da televisão. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 2, n. 1, p. 103-119, 2012.
61. DAGNINO, R. P. Conversa com um engenheiro que esteve em Cuba (ou uma reflexão sobre as dificuldades cognitivas para conceber a política universitária e de C&T a partir do contexto socioeconômico). **DataGramaZero**, v. 7, n. 1, 2006.
62. DAGNINO, R. P. Enfoques sobre a relação ciência, tecnologia e sociedade: neutralidade e determinismo. **DataGramaZero**, v. 3, n. 6, 2002.
63. DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. Teoria e prática em catalogação de assunto: a sistematicidade do processo em contexto de bibliotecas universitárias pela perspectiva profissional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 4, p. 123-141, 2012.
64. DANTAS, M. Nas pegadas da TV digital: como e por que o capital reinventou a televisão. **Liinc em revista**, v. 3, n. 2, 2007.
65. DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com**, n. 4, p. 4-37, 2007.
66. DEMO, P. Coisas velhas em coisas novas: novas “velhas tecnologias”. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 1, 2010.
67. DIAS, R. H. A. O fascínio pelos mistérios da ciência: análise de textos de jornalismo científico em um portal de notícias. **Comunicação & Informação**, v. 22, 2019.
68. DODEBEI, V. L. Novos meios de memória: livros e leitura na época dos weblogs. **Encontros Bibli**, n. esp., p. 129-143, 2009.
69. DOYLE, A. Ideologia e Competência Crítica em Informação: um olhar para movimentos de biblioteconomia crítica. **Revista Folha de Rosto**, v. 4, n. 1, p. 25-33, 2018.
70. DUPRET, L. M.; STRUCHINER, M. Concepções de currículo, saúde e tecnologia de professores do ensino fundamental e sua influência nas práticas

educativas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 9, n. 4, 2015.

71. EUFRAUSINO, C. C. V. Participação política e debate político-filosófico na era da cultura da virtualidade real: um estudo de caso nos quadrinhos de super-heróis. **Comunicação & Informação**, v. 8, n. 1, p. 93-100, 2005.

72. FEITOZA, R. A. B.; DUARTE, E. N. Cenários do termo organização do conhecimento na Ciência da Informação: um estudo com suas aplicações na teoria e na prática. **Revista ACB**, v. 25, n. 1, p. 157-175, 2020.

73. FELIPE, A. A. C. Reflexões sobre as mudanças sociais motivadas pelo desenvolvimento tecnológico: a necessidade de instituir uma reflexão ética na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). **Biblionline**, v. 8, n. 2, 2012.

74. FERNANDES, J. H. C. Os domínios de poder e a formulação de políticas públicas de informação e comunicação. *Ciência da Informação*, v. 42, n. 2, 2013.

75. FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. S. Fundamentos teórico-conceituais aplicáveis à revisão e à atualização de tesauros. **Ciência da Informação em Revista**, v. 7, n. 1, p. 46-70, 2020.

76. FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. S.; ALMEIDA, J. F. V. R. Fundamentos teóricos da representação temática da informação jurídica. **CAJUR**, v. 4, n. 1, 2017.

77. FIGUEIREDO, C. Telas, teletas e filmes sensíveis. **Comunicação & Informação**, v. 10, n. 2, p. 78-87, 2007.

78. FIGUEIREDO, R. M. C.; BREMER, C. F.; MALDONADO, J. C. Evolução dos modelos de outsourcing: o estado da arte da literatura dos novos provedores de serviços de aplicativos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 8, n. 1, 2003.

79. FRANCO, T. C.; TUZZO, S. A. Crítica, vida e teorias de Edgar Morin: recortes do cinema, massa e cidadania. **Comunicação & Informação**, v. 16, n. 2, p. 27-38, 2013.

80. FREITAS, L. B.; TUZZO, S. A. Comunicação, educação e cidadania: diálogos possíveis. **Comunicação & Informação**, v. 16, n. 1, p. 137-155, 2013.
81. FROTA, M. G. C. Memória e produção social da informação em direitos humanos: uma perspectiva latino-americana. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, n. Especial, p. 162-175, 2019.
82. GOMES, H. E. Marcos históricos e teóricos da organização do conhecimento. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 33-66, 2017.
83. GOMES, T. P. D.; SOUZA, R. F. A charge como documento: uma proposta a partir da análise documentária. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 2, 2020.
84. GONÇALVES, C. D. Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas. **Prisma.com**, n. 9, p. 233-237, 2009.
85. GONTIJO, M. C. A.; ARAÚJO, R. F. Impacto acadêmico e atenção on-line de pesquisas sobre inteligência artificial na área da saúde: análise de dados bibliométricos e altmétricos. **Encontros Bibli**, v. 26, p. 1-21, 2021.
86. GONTIJO, M. Sujeito, tecnologia e recepção: contribuição aos estudos de uso de novas tecnologias de informação e comunicação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 10, n. 1, 2005.
87. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. **Liinc em revista**, v. 1, n. 1, 2005.
88. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, 2003.
89. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 1, 2002.
90. GOUVEIA JÚNIOR, M. A cultura da convergência midiática e a fábula da autonomia: uma breve discussão no paradigma tecnológico. **Liinc em revista**, v. 11, n. 1, 2015.

91. GUIMARÃES, J. A. C.; SANTOS, J. C. G. A ementa jurisprudencial como resumo informativo em um domínio especializado: aspectos estruturais. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 10, n. 3, 2016.
92. GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 77-99, 2008.
93. GUIMARÃES, J. A. C.; PINHO, F. A. Desafios da representação do conhecimento: abordagem ética. **Informação & Informação**, v. 12, n. 1, p. 19-39, 2007.
94. HEYNEMANN, C. B. A História e os arquivos: anotações à margem dos documentos. **Ponto de Acesso**, v. 3, n. 1, p. 60-71, 2009.
95. IULIANELLI, J. A. S. Memória, verdade e justiça – busca cooperativa da verdade e entendimento mútuo em construção: perspectiva filosófica a partir da inserção na Comissão Nacional da Verdade. **Logeion**, v. 1, n. 1, p. 77-109, 2014.
96. IZERROUGENE, B.; URPIA, A. G. B. C.; ALMEIDA, I. F. G. A Lógica da acumulação capitalista na economia informacional. **Liinc em revista**, v. 6, n. 1, 2010.
97. JARJOUR, N. R.; PINTO, J. A. P. Noções de cultura, informação e rede: Museus e algumas reflexões sobre globalização. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2014.
98. KORNALEWSKI, A. M.; FARIAS, F. R. O entrelaçamento da memória e da informação no âmbito do processo de referência. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 14, n. 1, p. 37-56, 2020.
99. KOTTOW, M. História da ética em pesquisa com seres humanos. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 2, 2008.

100. LEMOS, A. B.; BARBOSA, R. R. A tríade informação-gestão-comunicação: uma reflexão no contexto organizacional. **Revista Analisando em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2016.
101. LIMA, C. R. M.; SILVEIRA, A. L.; MARTINS, J. A.; CARVALHO, L. S. Agir comunicativo, colaboração e complexidade nas organizações. **DataGramaZero**, v. 10, n. 3, 2009.
102. LIMA, G. A. B. O. Organização e representação do conhecimento e da informação na web: teorias e técnicas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. Especial, p. 57-97, 2020.
103. LIMA, G. A. B.; MACULAN, B. C. M. S. Estudo comparativo das estruturas semânticas em diferentes sistemas de organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 46, n. 1, 2017.
104. LIMA, G. A. B.; MACULAN, B. C. M. S. Análise de assunto a partir de uma perspectiva histórica do ARIST. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 1, 2014.
105. LIMA, G. A. B. Metodologias e modelos para estruturação de sistemas de hipertexto: características e contribuições. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, v. 27, n. 1, 2004.
106. LIMA, M. F. U. M. A EPC como referencial teórico-metodológico na análise de políticas públicas de banda larga. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 21, n. 2, p. 26-49, 2019.
107. LINDEN, L. L.; BRÄSCHER, M. O tratamento temático da informação em instrumentos normativos de descrição arquivística. **Em Questão**, v. 24, n. 3, p. 96-124, 2018.
108. LISBOA, A. M. Ethos barroco. **Revista P2P e Inovação**, v. 3, n. 2, p. 21-52, 2017.
109. LISBOA, K. M. Da expedição científica à ficcionalização da viagem: Martius e seu romance indianista sobre o Brasil. **Acervo**, v. 21, n. 1, p. 115-132, 2008.

110. LONDERO, R. R. Publicidade, estudos culturais e seus paradigmas em decoding advertisements, de Judith Williamson. **Comunicação & Informação**, v. 18, n. 1, p. 37-54, 2015.
111. MACHADO, C. S. As relações entre tecnologia, inovação e sociedade. **DataGramaZero**, v. 7, n. 1, 2006.
112. MACULAN, B. C. M. S. Ambiguidade e o contexto na representação de informações em domínios de especialidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. Especial, p. 98-124, 2020
113. MACULAN, B. C. M. S. Representação de relações semânticas de lugar em sistemas de organização do conhecimento. **Informação & Informação**, v. 24, n. 2, p. 139-162, 2019.
114. MACULAN, B. C. M. S.; LIMA, G. A. B. O. Buscando uma definição para o conceito de “conceito”. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, n. 2, p. 54-87, 2017.
115. MARCONDES FILHO, C. No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber. **Em Questão**, v. 14, n. 1, p. 95-105, 2008.
116. MARCONDES FILHO, C. A comunicação como uma caixa preta. Propostas e insuficiências de Vilém Flusser. **Em Questão**, v. 12, n. 2, p. 423-456, 2006.
117. MARQUES, R. M. Karl Marx enfrenta o enigma da produção imaterial. **Liinc em revista**, v. 16, n. 1, 2020.
118. MARQUES, R. M. Trabalho, informação e conhecimento: relendo Marx na era da informação. **Logeion**, v. 2, n. 1, p. 47-71, 2015.
119. MARTINS, A. A. L.; MARTELETO, R. Cultura, ideologia e hegemonia. **InCID**, v. 10, n. 1, p. 5-24, 2019.
120. MATHEUS, R. F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, 2005.

121. MATOS, J. C.; TORRADO, E. M.; JACINTHO, E. M. B. Literatura distópica e sociedade da informação: Uma análise das menções ao romance 1984 de George Orwell no livro Modernidade Líquida de Bauman. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 194-214, 2021.
122. MELLO, M. R. G.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; ARAÚJO, L. M.; VALENTIM, M. L. P. Entre técnica e reflexão: um estudo da função social das bibliotecas públicas a partir da Teoria Crítica. **Informação & Informação**, v. 25, n. 4, p. 377-401, 2020.
123. MENEZES, A. A.; MOURA, D. C. Do direito da liberdade à solidariedade. **Revista P2P e Inovação**, v. 5, n. 2, p. 10-23, 2019.
124. MIRANDA, M. L. C.; SANTOS, S. A. R. A Organização do Conhecimento no RPG eletrônico por meio de ontologias. **Revista P2P e Inovação**, v. 7, p. 107-131, 2020.
125. MOREIRA, A. Contribuição da terminologia na modelagem de sistemas computacionais. **DataGramZero**, v. 6, n. 5, 2005.
126. MOURA, D. C. O Fracasso escolar e a Teoria da Semiformação: considerações preliminares entre Charlot e Adorno. **Revista P2P e Inovação**, v. 5, n. 1, p. 89-101, 2018.
127. MUCHERONI, M. L.; PAIVA, D. C.; LOBBO NETTO, M. Três ontologias clássicas e a web semântica. **Ponto de Acesso**, v. 3, n. 3, p. 281-298, 2009.
128. NHACUONGUE, J. A. A ação na informação: entre a teoria matemática e a teoria do ator-rede. **Informação & Informação**, v. 25, n. 4, p. 71-97, 2020.
129. OCHÓA, P.; BARATA, P. J. O direito a ser lembrado: memória e espaço biográfico na profissão de Informação-Documentação (I-D). **Páginas A&B**, n. 9, p. 46-79, 2018.
130. ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, 2004.
131. Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas, n. 9, p. 1-112, 2018.

132. PASSOS, A.; FERREIRA, D. M. Inteligência competitiva: percepções e práticas nas empresas da região autónoma dos açores. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, p. 72-86, 2016.
133. PAULA, C. P. A.; ARAÚJO, E. P. O.; SARAIVA, P. G. P. Comunicação, informação e imaginário no processo eleitoral brasileiro: o “messias” Bolsonaro e o mito do rei pela graça de Deus. **Prisma.com**, n. 41, p. 100-122, 2020.
134. PEDROSA, S. Um mito da ópera e a Escola de Frankfurt - O filme Callas Forever à luz da polémica entre Theodor Adorno e Walter Benjamin. **Comunicação & Informação**, v. 7, n. 2, p. 204-211, 2004.
135. PERIN, E. S.; FREITAS, M. C. D.; SILVA, H. F. N. Estudo cientométrico sobre competências docentes. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 6, n. Especial, p. 102-114, 2019.
136. PIRES, E. A. N.; PEREIRA JÚNIOR, A. A.; GIRARD, C. D. T.; GIRARD, C. M. T. O Digital Object Identifier (DOI) em periódicos científicos eletrônicos de Comunicação e Informação. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 533-549, 2017.
137. PORTO, R. M. A. B. Representação e gestão do conhecimento: Aplicações em Cidades Inteligentes – Smart Cities. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. Especial, p. 252-279, 2020.
138. Prisma.com, n. 41, p. 1-250, 2020.
139. Prisma.com, n. 36, p. 1-164, 2018.
140. RAMOS, R. Roland Barthes: semiologia e cultura. **Em Questão**, v. 12, n. 1, p. 173-184, 2006.
141. RAMOS JUNIOR, G. M.; MATA, M. L.; GERLIN, M. N. M. Competência em informação como práxis: uma opção pela abordagem cartográfica. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 13, n. 2, p. 636-651, 2020.

142. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 3, 2001.
143. REZENDE, G. J. Trânsito de temas comuns entre o JN e as telenovelas. **Comunicação & Informação**, v. 12, n. 2, p. 33-47, 2009.
144. RIBEIRO, A. L. P. C.; LUBISCO, N. M. L. Redução de fungos em ambiente de biblioteca: viabilidade de aplicação de neblina ativada. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, n. 2, p. 250-260, 2016.
145. RIBEIRO, B. V. D.; TEMER, A. C. R. P.; TUZZO, S. A. Cidadania e democracia deliberativa na era digital – para além de Habermas. **Comunicação & Informação**, v. 16, n. 1, p. 186-201, 2013.
146. RIBEIRO, F. Ritmos da informação/comunicação de ciência dos centros de investigação em Portugal. **Cadernos BAD**, n. 2, p. 16-30, 2016.
147. RIBEIRO, J. S. A. N.; SOARES, M. A. C.; ABRANCHES, P. H. J.; ZIVIANI, F. The articulation between innovation and competences anchored by knowledge management aiming sustainable competitive advantage. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 12, n. 2, 2018.
148. RIBEIRO, J. S. A. N.; CALIJORNE, M. A. S.; JURZA, P. H.; ZIVIANI, F.; NEVES, J. T. R. Gestão do conhecimento e desempenho organizacional: integração dinâmica entre competências e recursos. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 7, p. 4-17, 2017.
149. ROCHA, C. P. V. Um “museu vivo”: espetáculo e reencantamento pela técnica. **Em Questão**, v. 13, n. 2, p. 259-270, 2007.
150. RODRIGUES, C. Adorno e Derrida: um debate na comunicação. **Em Questão**, v. 18, n. 2, p. 43-56, 2012.
151. RODRIGUES, J. P. Sentidos de identidades culturais piauienses negociados na recepção midiática do Balé Folclórico de Teresina. **Em Questão**, v. 18, n. 2, p. 245-258, 2012.
152. RUST, L. D. A “terceira geração dos Annales” e o exorcismo do tempo. **Biblos**, v. 22, n. 1, p. 47-60, 2008.

153. SABADELL, A. L.; DIMOULIS, D. Anistia: A política além da justiça e da verdade. **Acervo**, v. 24, n. 1, p. 79-102, 2011.
154. SALDANHA, G. S. Democracia documentária e Teoria da Não-conceitualidade: filosofia e práxis. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-20, 2020.
155. SALDANHA, G. S.; PEREIRA, R. M. V. Das Políticas do Prazer: o lazer no pensamento biblioteconômico-informacional e sua dimensão aplicada na institucionalidade das bibliotecas. **InCID**, v. 7, n. 1, p. 5-28, 2016.
156. SALDANHA, G. S. O documento e a “via simbólica”: sob a tensão da “neodocumentação”. **Informação Arquivística**, v. 2, n. 1, 2013.
157. SALDANHA, P. G.; BASTOS, P. N. Publicidade Social de Interesse Público (PIP) e engajamento político, uma antítese à Publicidade de Utilidade Pública (PUP) governamental. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 21, n. 3, p. 25-43, 2019.
158. SANTOS, H. M.; FLORES, D. Repositórios digitais confiáveis para documentos arquivísticos: ponderações sobre a preservação em longo prazo. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 2, p. 198-218, 2015.
159. SANTOS, T. Desafios na comunicação das artes. **Prisma.com**, n. 27, p. 70-83, 2015.
160. SANTOS, V. A. Um diálogo com os Estudos Culturais, a partir da EPC. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 21, n. 2, p. 93-105, 2019.
161. SANTOS NETO, J. A.; BORTOLIN, S. Mediação e difusão em arquivos. **Informação em Pauta**, v. 5, n. 1, p. 144-161, 2020.
162. SANTOS NETO, A. L.; CORDEIRO, R. I. N. Contribuições para análise, descrição, e representação arquivística da informação dos cinejornais da Agência Nacional. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 2, p. 63, 2015.

163. SCHNEIDER, M. A. F.; SALDANHA, G. S. Dilema ético-epistemológico da Era da Informação. **Liinc em revista**, v. 11, n. 2, 2015.
164. SELIGMANN-SILVA, M. Do museu-arquivo às inscrições de si. **Acervo**, v. 32, n. 3, p. 21, 2019.
165. SIEBENEICHLER, F. B. Jürgen Habermas: Uma Teoria Da Comunicação Humana. **Logeion**, v. 5, n. Especial, p. 8-26, 2018.
166. SILVA, A. M. O colecionador segundo Walter Benjamin ou um texto protossistêmico. **Revista Fontes Documentais**, v. 3, p. 602-615, 2020.
167. SILVA, A. M. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. **Prisma.com**, n. 9, p. 68-104, 2009.
168. SILVA, A. R.; LIMA, G. A. B. As categorias e a categorização cognitiva contemporânea: enfoque sobre os olhares da biblioteconomia e ciência da informação e das ciências cognitivas. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, v. 34, n. 3, 2011.
169. SILVA, G. Sobre o marketing, a publicidade e a sociedade do controle. **Liinc em revista**, v. 6, n. 1, 2010.
170. SILVA, L. A. G. Bibliotecas brasileiras vistas pelos viajantes no século XIX. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 1, 2010.
171. SILVA, R. J. Leitura, biblioteca e política de formação de leitores no Brasil. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 3, n. 2, 2009.
172. SILVA, S. R. B.; CORRÊA, R. F.; GIL-LEIVA, I. Avaliação direta e conjunta de sistemas de indexação automática por atribuição. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-27, 2020.
173. SILVEIRA, M. M. Revistas jurídicas brasileiras: “cartografia histórica” de um gênero de impressos (anos 1840 a 1940). **CAJUR**, v. 1, n. 1, 2014.
174. SIMEÃO, E. L. M. S.; MARQUES, M.; CUEVAS-CERVERÓ, A. Mediação e ação comunicativa: conformando nuvens e formando

competências para a mediação nas redes sociais virtualizadas. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 2, 2014.

175. SIMEÃO, E. L. M. S. A experiência da Revista de Biblioteconomia de Brasília na Internet. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n. 1, 2001.

176. SIMIONATO, A. C.; PINHO NETO, J. A. S.; SANTOS, P. L. V. A. C. Ciência da Informação, Imagem e Tecnologia. **Informação & Tecnologia**, v. 2, n. 1, p. 53-65, 2015.

177. SIQUEIRA, J. C. A noção do termo ‘informação’: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 5, n. 1, 2011.

178. SODRÉ, M. Do lugar de fala ao corpo como lugar de diálogo: raça e etnicidades numa perspectiva comunicacional. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 4, 2019.

179. SOSSAI, F. C. Notas sobre o digital: historicidade e direcionamentos contemporâneos. **Liinc em revista**, v. 15, n. 1, 2019.

180. SOUTO, I. N.; LAPA, A. B. Formação crítica mediada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação: um desenho de pesquisa qualitativa. **Comunicação & Informação**, v. 17, n. 2, p. 88-103, 2014.

181. SOUSA, J. L.; MORAIS, R. O Consumo de ficção nacional na televisão portuguesa: uma análise crítica. **Em Questão**, v. 18, n. 2, p. 133-148, 2012.

182. SOUZA, E. G.; BEZERRA, D. A.; COSTA, W. F. C. Descrição de recursos em uma estrutura de metadados pautada no modelo FRBR. **Em Questão**, v. 22, n. 1, p. 113-136, 2016.

183. SOUZA, F. C.; EUSÉBIO, M. P. A “Feira de rua de livros de Florianópolis” como ambiente estimulador da leitura na escola. **Informação & Informação**, v. 14, n. 2, p. 62-83, 2009.

184. SOUZA, R. M. O espaço público da pólis contemporânea: o acesso à informação como construção da cidadania no Brasil. **Archeion Online**, v. 1 Edição Especial, 2013.

185. SOUZA, W. E. R. O catálogo editorial e a bibliografia como fontes de pesquisa: avanços e desafios na era digital. **InCID**, v. 7, p. 202-223, 2016.
186. STEVANIM, L. F. F. Experiências de televisões públicas no mundo: distinções para o conceito de público. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 12, 2010.
187. TANUS, G. F. S. C.; SILVA, D. C. Biblioteconomia social, crítica e progressista. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, v. 3, n. 1, p. 1-28, 2019.
188. TANUS, G. F. S. C. Biblioteconomia e as contradições do social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 27, n. 1, 2017.
189. TANUS, G. F. S. C. Enlace entre os estudos de usuários e os paradigmas da ciência da informação: de usuário a sujeitos pós-modernos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. 2, p. 144-173, 2014.
190. TARGINO, M. G.; CAVALCANTE, A. V. B. Admirável mundo novo da ética da informação 2.0 em tempos de fake news. **Informação em Pauta**, v. 5, n. 1, p. 33-53, 2020.
191. TEIXEIRA, L. M. D.; ALMEIDA, M. B. Composicionalidade e sobreposição em terminologias biomédicas: alternativas para interoperabilidade em saúde. **Em Questão**, v. 26, n. 3, p. 196-223, 2020.
192. TOGNOLI, N. B. A contribuição dos estudos históricos para o desenvolvimento da diplomática nos séculos XVIII e XIX. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 8, n. 1/2, 2014.
193. TOLARE, J. B.; FUJITA, M. S. L.; SANTOS JÚNIOR, E. A. Análise de cocitação de trabalhos sobre linguagem de indexação na base de dados da BRAPCI. **Informação em Pauta**, v. 5, n. 2, p. 132-154, 2020.
194. TORRE, A. E. M. G. Confluências epistemológicas: teoria da mediação social de Martín Serrano e pensamento crítico transformador latino-americano.

Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 10, 2008.

195. VANTI, N. A.; NASCIMENTO, B. L. C.; FELIPE, C. B. M. Enfoques da informação presentes em diferentes publicações periódicas brasileiras da área de Ciência da Informação. **Encontros Bibli**, v. 18, n. 36, p. 1-22, 2013.

196. VASQUEZ, K. Modernismo, Renovação e Vanguardas: a redefinição da vocação intelectual na correspondência de Mário de Andrade nos anos vinte. **Acervo**, v. 19, n. 1/2, p. 95-110, 2006.

197. VIANNA, W. B.; MEDEIROS, M. B. B.; LINDEN, L. L. Aspectos relevantes da arquivística contemporânea no âmbito da organização do conhecimento no Brasil. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 13, n. 2, p. 48-58, 2019.

198. VIDAL, A. L. F.; PALETTA, F. C. A atuação da terminologia para o desenvolvimento dos sistemas de organização do conhecimento no contexto da Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 15, n. 4, p. 1-20, 2020.

199. VIEIRA, K. R.; LUCAS, E. R. O. Jesse Shera e sua contribuição para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Encontros Bibli**, v. 23, n. 51, p. 17-30, 2018.

200. VILHENA, A. N. A Convergência dos Meios de Comunicação Social na Internet e o tratamento dado à informação política. **Prisma.com**, n. 22, p. 3-20, 2014.

201. VITAL, L. P.; SILVEIRA, M. A. A.; PINHO, F. A.; CORREIA, A. E. G. C.; FELL, A. F. A. A Produção Acadêmica no Brasil sobre Ciência da Informação: um estudo a partir da Teoria do Conhecimento de Habermas. **Em Questão**, v. 20, n. 1, p. 127-150, 2014.

202. VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, 2009.

203. WILKE, V. C. L. Filosofia e informação: dos muitos sentidos de informação e algumas abordagens filosóficas - contribuições para a epistemologia da informação. **Informação Arquivística**, v. 1, n. 1, 2012.
204. WILKE, V. C. L.; RIBEIRO, L. B.; OLIVEIRA, C. I. C. A informação potencializada no texto fílmico. **DataGramaZero**, v. 4, n. 6, 2003.
205. ZATTAR, M.; LIMA, Clovis R. M. Habermas na literatura de Ciência da Informação: investigação das publicações na “Library and Information Science Abstracts” (LISA). **Informação@Profissões**, v. 2, n. 2, p. 158-175, 2013.

SOBRE O AUTOR

Anderson Victor Barbosa Cavalcante

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharel em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bacharelando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Vencedor do Prêmio de Melhor Tese de Doutorado em Ciência da Informação do Brasil, em 2024, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Atuou como arquivista na Universidade Estadual da Paraíba (CAMPUS I – UEPB). Atua como arquivista na Fundação Casa de José Américo (FCJA). Revisor *ad hoc* no periódico *Folha de Rostó* e no periódico *Ponto de Acesso*. Avaliador *ad hoc* na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Paraíba (PROEX/UFPB). Avaliador *ad hoc* na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba (PROEX/UEPB). Migrou de forma direta e antecipada do mestrado para o doutorado, em 2019, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Em pesquisa, se debruça sobre os seguintes temas: Epistemologia Arquivística; Estudos Críticos Arquivísticos; Gestão de Documentos Digitais e Não Digitais; Usos e/ou Sujeitos/Usuários em Arquivos; Ensino e Pesquisa em Arquivologia; Literatura e Arquivística; Epistemologia da Ciência da Informação; Estudos Críticos em Informação; Usos e/ou Sujeitos/Usuários da Informação; Filosofia da Informação; Sociologia da Informação; Ética da Informação; Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação; Informação, Geopolítica e Sociedade; Fake News, Desinformação e Ciência da Informação; Ciência de Dados e Ciência da Informação; Literatura e Ciência da Informação.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6671666840633880>

E-mail: victorbarcalv@gmail.com



Defendendo a validade dos encaminhamentos da Teoria Crítica junto ao campo informacional, numa relação motivadora, o autor convida-nos a conceber e perceber a CI, a informação e as coisas do campo em termos mais crítico-reflexivos, dialéticos, dialógicos, humanísticos e emancipatórios. Essa concepção reafirma a condição de Ciência Social à CI, muito além de projeções pragmatistas, tecnicistas e positivistas, como sugere o autor. Portanto, o convite à leitura da obra justifica-se diante do desafio representado pelo acompanhamento das expectativas quanto à formação discente e docente no processo de construção e acompanhamento da trajetória pedagógica, principalmente, da aventura de construir conhecimento, incentivando-se o mútuo interesse existente entre os participantes e reforçando a relevância e atualidade da teoria crítica, com suas raízes no marxismo e na Escola de Frankfurt.

Leilah Santiago Bufrem
Prefaciadora

978-85-7013-214-7

